



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-  
PSTO)

Dissertação de Mestrado

O Papel da Ameaça nos Efeitos do Autoritarismo de Direita e da Orientação à Dominância  
Social no Apoio à Educação Sexual Inclusiva

Andreza Conrado Conceição

Orientador: Prof. Dr. Tiago Jessé Souza de Lima

Brasília - DF

Dezembro de 2023



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações (PPG-  
PSTO)

O Papel da Ameaça nos Efeitos do Autoritarismo de Direita e da Orientação à Dominância  
Social no Apoio à Educação Sexual Inclusiva

Andreza Conrado Conceição

Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Social, do Trabalho e das Organizações  
como requisito parcial à obtenção do grau de  
Mestre em Psicologia Social, do Trabalho e  
das Organizações.

Orientador: Prof. Dr. Tiago Jessé Souza de  
Lima

Brasília - DF

Dezembro de 2023

Dissertação de mestrado defendida diante e avaliada pela banca examinadora constituída por:

---

Prof. Dr. Tiago Jessé Souza de Lima (Orientador)

Instituto de Psicologia  
Universidade de Brasília

---

Prof. Dr. Fábio Iglesias (Membro)

Instituto de Psicologia  
Universidade de Brasília

---

Profa. Dra. Kaline da Silva Lima (Membro)

Professora de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia  
Universidade de Fortaleza

---

Profa. Dra. Elaine Rabelo Neiva (Suplente)

Instituto de Psicologia  
Universidade de Brasília

## Agradecimentos

Tenho muitas pessoas a agradecer por tornarem a minha jornada no mestrado e este trabalho possíveis. Primeiramente, ao professor Tiago, que me acolheu na UnB, por ter acreditado no meu trabalho desde o início e o melhorado imensamente com suas orientações e correções. Também ao professor Cícero Roberto Pereira, por ter me iniciado no mundo da Psicologia Social e das pesquisas quantitativas, e pelo apoio fundamental para que eu tenha buscado o mestrado no PSTO (e por disponibilizar a conta no Qualtrics para a realização de um dos estudos!).

Agradeço aos meus amigos da Paraíba, que têm acompanhado já há muito tempo o meu crescimento como pessoa e pesquisadora, e que torceram muito por mim, mesmo sabendo que a minha ida para Brasília traria um período de saudades. A Rian, por ouvir todos os meus desabafos durante o difícil processo de concluir um mestrado e por sempre me colocar para cima. E aos amigos que fiz em Brasília, por tornarem o meu tempo na cidade tão mais fácil do que eu imaginava que seria.

Um agradecimento especial à minha família, em particular à minha mãe, por tornarem essa jornada para Brasília financeiramente possível e, principalmente, por sempre me incentivarem a ir atrás dos meus sonhos e acreditarem que eu sou muito mais incrível do que realmente sou.

Quero agradecer também a todos os participantes, por disponibilizarem o seu tempo, pois sem isso este trabalho não existiria. Ficava sempre muito satisfeita quando, depois de responder o questionário, alguém se interessava pelo tema e me procurava para discutir mais, se mostrando mobilizado pela pesquisa. Por fim, agradeço aos professores Fábio Iglesias e Kaline Lima por aceitarem avaliar o meu trabalho. Tenho certeza de que suas contribuições me ajudarão a torná-lo bem melhor.

## Resumo

Uma forma efetiva de combater o preconceito sexual é uma educação sexual inclusiva, que debata questões de diversidade. Porém, este tipo de medida sofre rejeição por parte da população brasileira e de movimentos políticos de direita. O presente trabalho teve como objetivo geral investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva. Além disso, testou o papel da percepção de ameaça frente a homossexuais nestes efeitos. Para alcançar esse objetivo, foram construídos dois artigos. O Artigo 1 ( $N = 306$ ), considerando a inexistência de uma escala de percepção de ameaça frente a homossexuais validada no Brasil, objetivou adaptar e obter evidências de validade e precisão da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais. Os resultados indicam que a medida apresenta boas evidências de validade baseada na estrutura interna, convergente, discriminante, e de critério, além de bons índices de confiabilidade. No Artigo 2, foram realizados dois estudos para testar empiricamente o objetivo dessa dissertação. No Estudo 1 ( $N = 308$ ), o autoritarismo de direita predisser o apoio à educação sexual inclusiva, com a mediação da percepção de ameaça simbólica e realista, enquanto apenas a ameaça realista mediou o efeito da orientação à dominância social nesse apoio. No Estudo 2 ( $N = 491$ ), foi manipulada a percepção de uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+ na sociedade brasileira. Pessoas com maior autoritarismo de direita e orientação à dominância social se sentiram mais ameaçadas independentemente de a inclusão estar sendo reforçada ou não, e essa ameaça, por sua vez, predisser um menor apoio à educação sexual inclusiva. Assim, o trabalho apresenta uma escala que poderá ser utilizada em estudos futuros investigando o papel da percepção de ameaça no preconceito sexual no Brasil, e aponta como intervenções buscando promover medidas de inclusão para minorias sexuais precisam levar em consideração o papel da ameaça e das atitudes ideológicas dos indivíduos.

*Palavras-chave:* educação sexual inclusiva, preconceito sexual, percepção de ameaça, autoritarismo de direita, orientação à dominância social

## **The Role of Threat in the Effects of Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation on the Support for Inclusive Sex Education**

### **Abstract**

An effective way to combat sexual prejudice is an inclusive sex education, which discusses issues of diversity. However, this type of measure is rejected by part of the Brazilian population and right-wing political movements. The main objective of this work was to investigate the effects of right-wing authoritarianism and social dominance orientation on support for inclusive sex education. Furthermore, it tested the role of perceived threat towards homosexuals in these effects. To achieve this goal, two articles were constructed. Article 1 ( $N = 306$ ), considering the lack of a scale of perceived threat towards homosexuals validated in Brazil, aimed to adapt and obtain evidence of validity and accuracy of the Scale of Perceived Threat Towards Homosexuals. The results indicate that the measure presents good evidence of internal structure based, convergent, discriminant, and criterion validity, in addition to good reliability indices. In Article 2, two studies were carried out to empirically test the objective of this dissertation. In Study 1 ( $N = 308$ ), right-wing authoritarianism predicted support for inclusive sex education, as mediated by perceived symbolic and realistic threat, while only realistic threat mediated the effect of social dominance orientation on this support. In Study 2 ( $N = 491$ ), the perception of greater social inclusion of LGBTQIA+ people in Brazilian society was manipulated. People with greater right-wing authoritarianism and social dominance orientation felt more threatened regardless of whether inclusion was being reinforced or not, and this threat in turn predicted lower support for inclusive sex education. Thus, the work presents a scale that could be used in future studies investigating the role of perceived threat in sexual prejudice in Brazil, and points out how interventions seeking to promote inclusion measures for sexual minorities need to take into account the role of threat and individuals' ideological attitudes.

*Keywords:* inclusive sex education, sexual prejudice, perceived threat, right-wing authoritarianism, social dominance orientation

## Sumário

<b>Capítulo 1: Introdução Geral</b>	<b>10</b>
Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito	13
O Autoritarismo de Direita	14
A Orientação à Dominância Social	15
Os Efeitos Conjuntos de RWA e SDO no Preconceito	17
Percepção de Ameaça, RWA e SDO	20
O Presente Trabalho	25
Referências	27
<b>Capítulo 2: Construção e Evidências de Validade da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais</b>	<b>34</b>
Resumo	34
Abstract	35
Introdução	36
Percepção de Ameaça e Preconceito	37
Medidas de Percepção de Ameaça	39
O Presente Estudo	41
Objetivos e Hipóteses	43
Método	45
Tradução e Adaptação dos Itens	45
Participantes	46
Procedimentos	47
Instrumentos	47
Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais	47
Preconceito Sexual	48
Autoeficácia Geral	48
Análise de Dados	48
Resultados	50
Análise Fatorial e Consistência Interna	50
Validade Convergente e Discriminante	53
Validade de Critério	54
Discussão	56
Referências	61
<b>Capítulo 3: Autoritarismo de Direita e Orientação à Dominância Social Predizem um Menor Apoio à Educação Sexual Inclusiva Através da Percepção de Ameaça</b>	<b>66</b>
Resumo	67
Abstract	68
Introdução	69
Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito	70
O Papel Mediador da Percepção de Ameaça	72
A Presente Pesquisa	74

Estudo 1	76
Método	76
Participantes	76
Procedimentos	77
Instrumentos	78
Análise de Dados	80
Resultados	81
Análises de Correlação	81
Teste do Modelo	82
Discussão	84
Estudo 2	86
Método	86
Participantes e Desenho Experimental	86
Procedimentos	87
Instrumentos	89
Análise de Dados	90
Resultados	91
Checagem da Manipulação	91
Efeitos da Manipulação da Inclusão	91
Mediação Moderada	92
Análises Exploratórias	96
Discussão	98
Discussão Geral	99
Contribuições Teóricas e Práticas	103
Limitações e Direções Futuras	105
Referências	107
<b>Capítulo 4: Discussão Geral da Dissertação</b>	<b>116</b>
Implicações Teóricas	117
Percepção de Ameaça Frente aos Homossexuais	117
Efeitos de RWA e SDO	118
Implicações Práticas	121
Conclusões	122
Referências	124
<b>Apêndice A: Versão Inicial da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais</b>	<b>128</b>
<b>Apêndice B: Versão Inicial da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais</b>	<b>130</b>
<b>Apêndice C: Cargas Fatoriais no Modelo Proposto para a EPAH</b>	<b>132</b>
<b>Apêndice D: Cargas Fatoriais dos Itens de Apoio à Educação Sexual Inclusiva</b>	<b>133</b>
<b>Apêndice E: Conteúdo da Manipulação no Estudo 2</b>	<b>134</b>
<b>Apêndice F: Pré-teste da Manipulação do Estudo 2</b>	<b>136</b>

**Apêndice G: Modelos de Mediação Moderada Testados no Estudo 2****139**

## Capítulo 1

### Introdução Geral

A atração por pessoas do mesmo gênero é um fenômeno observado em diversas culturas (Rahman et al., 2020) e existem registros de relações homossexuais na história desde a antiguidade (Cantarella, 2002; Hirsch, 1990). Todavia, ainda é comum que pessoas homossexuais e bissexuais sejam alvos de preconceito e discriminação (Sattler & Lemke, 2019). No Brasil, as organizações Acontece Arte e Política LGBTI+, Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) e Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), observando a falta de dados oficiais do governo acerca da violência contra pessoas da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cisgênero e heterossexual), fizeram um levantamento de notícias relatando mortes de pessoas da comunidade motivadas pelo preconceito contra orientações sexuais e identidades de gênero diversas do padrão cisheteronormativo. O levantamento mostrou que, entre 2000 e 2022, foram noticiadas 5.635 mortes do tipo no país, sendo 228 assassinatos apenas em 2022. Dos casos de assassinatos de pessoas da comunidade LGBTQIA+ noticiados em 2022, a maioria das vítimas foram pessoas transexuais ou travestis, seguidas dos homossexuais, que foram o segundo grupo da comunidade mais atingido por esse tipo de violência, com 86 vítimas sendo homens gays e seis lésbicas (Acontece et al., 2023).

Embora a violência física seja a mais frequentemente sofrida pelos membros da comunidade, também é comum que sejam vítimas de outras formas de violência, a exemplo da psicológica e da sexual (Pinto et al., 2020; B. C. Santos et al., 2019). Além disso, a discriminação não se dá apenas na forma de uma violência mais direta, mas também de formas mais sutis, como na maior dificuldade que pessoas homossexuais encontram para

serem selecionadas para um emprego e avancarem em suas carreiras profissionais (D. C. Souza et al., 2021).

O preconceito sexual (ou seja, o preconceito baseado na orientação sexual do alvo) está presente também no ambiente escolar. Em um estudo com adolescentes entre 12 e 18 anos, J. M. Souza et al. (2015) observaram que meninos homossexuais relataram sofrer mais *bullying* do que os que se identificaram como heterossexuais. Ademais, entre os meninos, ofensas relacionadas à orientação sexual das vítimas foram apontadas como um dos conteúdos mais frequentes do *bullying* verbal. Sofrer discriminação na escola por ser da comunidade LGBTQIA+ pode ter consequências como aumentar os níveis de depressão e ideação suicida das vítimas e diminuir sua autoestima e satisfação com a vida. Também está relacionado a uma maior frequência de comportamentos sexuais de risco, isto é, que deixam a pessoa mais vulnerável a infecções sexualmente transmissíveis (Russell et al., 2011).

Uma das medidas que têm se mostrado efetivas para combater essa discriminação é inclusão da pauta da diversidade sexual para ser discutida dentre os tópicos de educação sexual debatidos nas escolas. Para que a educação sexual de crianças e adolescentes seja efetiva, considera-se que ela deve incluir não apenas questões mais biológicas, como a puberdade, o desenvolvimento sexual e saúde sexual, mas também tópicos em relação ao contexto social em que vivemos, enfatizando a diversidade sexual e de gênero, a importância do consentimento nas relações sexuais e o combate à violência (Goldfarb & Lieberman, 2021). A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) recomenda que a orientação sexual seja um dos tópicos abordados na educação sexual. A organização enfatiza o quanto a inclusão dessa pauta é importante para a promoção da saúde mental e melhora da aprendizagem de estudantes LGBTQIA+, além do combate ao *bullying*. Para isso, recomenda não só que a escola promova debates contra a discriminação dentro das salas de aula, mas também que todos os funcionários da instituição estejam a par das políticas

que ela adota em relação a esta temática e ajam de acordo, tornando o ambiente escolar um local mais seguro para pessoas LGBTQIA+. Também ressalta a importância de se tomar medidas caso essas políticas de promoção da igualdade não sejam respeitadas (UNESCO, 2019). Um exemplo da importância de uma educação sexual mais inclusiva é que escolas que debatem esse tema tendem a apresentar menores níveis de discriminação homofóbica, *bullying* verbal e ideação suicida entre seus estudantes (Burk et al., 2018).

No entanto, a maioria dos estudantes brasileiros relatam que nunca participaram de discussões do tipo em suas escolas (ABGLT, 2016). A Base Nacional Comum Curricular do Brasil cita a educação sexual de forma muito abrangente e com foco em questões reprodutivas e biológicas, como a prevenção de gravidez precoce e de doenças sexualmente transmissíveis. O documento não menciona o tema do combate ao preconceito sexual de forma direta e não deixa evidente se e como professores devem abordá-lo (Brasil, 2018). Além disso, embora a maioria dos brasileiros (55,8%) afirme ser a favor da inclusão do tópico da diversidade sexual e de gênero no currículo escolar, uma parte considerável da população (38,2%) ainda se mostra contrária a este tipo de medida (Toledo, 2019). Ademais, movimentos políticos conservadores e de extrema direita, como o Escola Sem Partido e o Movimento Brasil Livre, têm influenciado a criação de projetos de lei que visam coibir menções a este assunto nas instituições de ensino (M. S. B. Santos et al., 2021).

Entender as motivações por trás dessa oposição a uma educação sexual inclusiva - isto é, uma educação sexual que traga debates sobre a diversidade de sexualidades e tente combater a discriminação - é crucial para pensar intervenções que combatam este tipo de pensamento e facilitem a implementação do debate sobre diversidade sexual nas escolas. No trabalho apresentado a seguir, investiguei algumas das diferenças individuais que podem levar as pessoas a se oporem a uma educação sexual inclusiva. Para isso, parti dos pressupostos do Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito

(Duckitt, 2001) e da Teoria da Ameaça Intergruppal (Stephan et al., 2016). Considerando evidências anteriores de que o autoritarismo de direita, a orientação à dominância social e a percepção de ameaça em relação a outros grupos podem causar maiores níveis de preconceito e discriminação (*e.g.*, Craig & Richeson, 2014; Duckitt & Sibley, 2010; Matthews & Levin, 2012; Granger et al., 2023; Rios, 2013), investiguei se essas variáveis teriam também relação com um menor apoio à educação sexual inclusiva. Mais especificamente, analisei se o autoritarismo de direita e a orientação à dominância prediriam esse menor apoio e se os efeitos dessas variáveis seriam mediados pela percepção de que homossexuais são ameaçadores. Além disso, a percepção de ameaça frente a um certo grupo é influenciada pelo ambiente em que o indivíduo está inserido, já que um contexto social de maior ameaça e competição pelos recursos do endogrupo pode aumentar essa percepção (Stephan et al., 2016). Assim, a inclusão desta variável nos estudos relatados permitiu analisar como o discurso que se constrói socialmente em relação à educação sexual inclusiva pode contribuir para as opiniões que indivíduos terão sobre ela.

### **Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito**

Segundo o Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito (Duckitt, 2001; Duckitt & Sibley, 2016), também denominado de Modelo do Processo Dual (MPD), o preconceito de uma pessoa em relação a grupos minoritários pode ser explicado principalmente pelos seus níveis em duas atitudes ideológicas: o autoritarismo de direita e a orientação à dominância social. Embora essas duas variáveis predigam conjuntamente o preconceito, o autor do modelo argumenta que o efeito de cada uma nas atitudes negativas frente a outros grupos ocorre por motivações diferentes. Mas para entender essa relação, é preciso primeiro compreender como os conceitos de autoritarismo e de dominância social se desenvolveram na literatura.

### *O Autoritarismo de Direita*

No contexto do final da Segunda Guerra Mundial e dos acontecimentos relacionados ao Holocausto, Adorno et al. (1950) se propuseram a investigar as causas do preconceito e do etnocentrismo, com foco no antissemitismo. A partir de estudos iniciais, os autores elaboraram um instrumento, ao qual deram o nome de Escala F (referente a “Fascismo”, visto que a medida visava mensurar tendências pré-fascistas). A escala reunia traços do que eles vieram a chamar de “personalidade autoritária”, um construto que demonstrou ter relações significativas com os níveis de preconceito dos indivíduos. De acordo com os autores, este tipo de personalidade seria um conjunto de nove traços: o convencionalismo, que seria a aderência aos valores convencionais da classe média; a submissão autoritária, ou seja, a submissão acrítica a autoridades; a agressão autoritária, que seria a tendência a rejeitar e punir pessoas que violam os valores convencionais; a anti-intracção, relacionada a uma oposição à subjetividade e à imaginação; superstição e estereotipia, que seriam a crença em determinantes místicos do destino de um indivíduo e um pensamento focado em categorias rígidas; poder e dureza, ligados a uma preocupação com manter a dominação do seu grupo sobre outros e a identificação com figuras de poder; destrutividade e cinismo, relacionados a uma hostilidade geral em relação às pessoas e a crenças na ideia de que seres humanos têm uma tendência a fazer o mal; projetividade, isto é, a disposição a acreditar que coisas perigosas acontecem no mundo e a projeção dos próprios impulsos emocionais nos outros; e uma preocupação exagerada com questões sexuais e como outros estão vivendo sua sexualidade.

No entanto, algumas décadas depois, Altemeyer (1981) trouxe diversas críticas ao conceito de personalidade autoritária colocado por Adorno et al. (1950). O autor considerou as definições dos traços da personalidade autoritária dadas por Adorno et al. (1950) vagas, e apontou que havia poucas evidências para sustentar as explicações de base psicodinâmica que

os autores utilizaram para justificar o seu modelo teórico. Argumentou, ainda, que havia evidências inconsistentes de que o construto se relacionaria com variáveis com as quais teoricamente deveria se relacionar, como preconceito, conformidade com as normas, rigidez e intolerância à ambiguidade.

A partir de diversos estudos com a Escala F, Altemeyer (1981) observou que apenas os traços de convencionalismo, submissão autoritária e agressão autoritária relacionavam-se de forma consistente. Isso o levou a formular um novo conceito, o de autoritarismo de direita (Right-Wing Authoritarianism - RWA, na sigla em inglês), construto que definiu como a covariação entre a submissão às autoridades bem estabelecidas na sociedade em que se vive (submissão autoritária), a tendência à agressividade de uma forma geral, quando percebe-se que ela é sancionada pelas autoridades (agressão autoritária), e a adesão a convenções sociais percebidas como endossadas pela sociedade e suas autoridades (convencionalismo). O autor observou ainda que apresentar um nível maior desses traços se relacionou negativamente com o quanto os indivíduos se indignavam diante de violações da lei por parte de instituições do governo. Ao mesmo tempo, teve uma correlação positiva com ver as leis como a base da moralidade, apoiar uma punição mais severa para pessoas que violam as leis, aceitar em maior grau as crenças advindas da religião na qual a pessoa foi criada, e com o preconceito generalizado, que é a tendência a ser preconceituoso diante de grupos minoritários no geral.

### ***A Orientação à Dominância Social***

Embora o autoritarismo de direita incluísse fatores relacionados à tendência de algumas pessoas a se submeterem às autoridades, uma outra parte da definição de personalidade autoritária de Adorno et al. (1950) não havia entrado no conceito formulado por Altemeyer (1981): a tendência à dominação (Altemeyer, 1998). No entanto, posteriormente, a Teoria da Dominância Social (Sidanius & Pratto, 1999) aproximou-se mais

das investigações acerca desse aspecto do autoritarismo ao apresentar a noção de orientação à dominância social (Social Dominance Orientation - SDO, na sigla em inglês).

Segundo esta teoria, as sociedades humanas estão geralmente organizadas em hierarquias de grupos. Nestas hierarquias, existem os grupos dominantes, que se caracterizam por ter um grande valor social positivo, isto é, mais acesso a recursos que as pessoas buscam ter, como comida, moradia, serviços de saúde e poder político, e os grupos subordinados, que têm um grande valor social negativo, ou seja, menos acesso a estes recursos. Na sociedade, existem tanto forças (como ideologias) que reforçam essa hierarquia, quanto forças que buscam atenuá-la. Assim, para que a hierarquia se mantenha, ela necessita de mecanismos nos níveis individual, interpessoal, intergrupar e institucional que fortaleçam a sua existência. Alguns desses mecanismos são, por exemplo: a existência de discriminação contra minorias tanto no campo individual (*e.g.*, não contratar um indivíduo por pertencer a uma minoria), quanto no institucional (*e.g.*, organizações estatais promoverem a violência contra membros de um grupo minoritário); mitos legitimadores que favorecem a hierarquia, como a promoção de ideais políticos conservadores; e a orientação à dominância social, que é a tendência de alguns indivíduos a apoiarem uma hierarquização baseada em grupos na sociedade.

De acordo com Pratto et al. (1994), essa orientação à dominância social seria uma dimensão da personalidade que apontaria para uma maior predisposição do indivíduo a acreditar em mitos legitimadores da hierarquização. Os autores demonstraram que, além de apresentar correlações positivas com ideias e grupos ligados à direita política - por exemplo, com o quanto as pessoas se identificam como conservadoras -, a SDO predisse essas variáveis mesmo quando o efeito do autoritarismo de direita era controlado, demonstrando que a SDO acrescenta significativamente às explicações acerca da variabilidade dessas variáveis em comparação ao que já seria explicado pelo RWA. Também mostraram que a orientação à dominância social se relacionou significativamente com variáveis relacionadas à

discriminação contra minorias, como um menor apoio a políticas de ação afirmativa, pagamento igualitário para as mulheres e direitos para pessoas homossexuais, e um maior apoio à diminuição da imigração.

### ***Os Efeitos Conjuntos de RWA e SDO no Preconceito***

A partir do desenvolvimento dos conceitos de autoritarismo de direita e orientação à dominância social, foi possível testar como esses dois construtos poderiam estar relacionados ao preconceito. Nesse sentido, McFarland e Adelson (1996) encontraram que SDO e RWA explicaram, de forma conjunta, a variabilidade no preconceito melhor do que várias outras medidas de personalidade. Altemeyer (1998) replicou esses resultados com diversas amostras e observou que, embora tenham se correlacionado significativamente, RWA e SDO relacionaram-se de forma diferente com certos construtos. Por exemplo, pessoas com maior RWA tenderam a apresentar maiores níveis de religiosidade, disseram acreditar ser mais benevolentes do que as outras pessoas e que estão certas em seus valores, e perceberam mais o mundo como um lugar perigoso. Por outro lado, essas variáveis tiveram relações fracas (e até inversas, no caso da crença em ser benevolente) com SDO. Ao mesmo tempo, houve uma diferença de gênero nos níveis de SDO, com os homens obtendo escores significativamente maiores do que as mulheres, mas essa diferença não foi significativa no caso do RWA.

Partindo das observações acerca da relação entre essas variáveis e o preconceito, e das diferenças entre elas, Duckitt (2001) formulou o Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito, que, como mencionado anteriormente, propõe que o autoritarismo de direita e a orientação à dominância social predizem o preconceito contra grupos minoritários de uma forma geral, mas por caminhos diversos. Uma das diferenças da proposta de Duckitt, em comparação com investigações anteriores, é que ele discorda da ideia de que RWA e SDO representassem dimensões da personalidade. Outros autores já haviam apontado que a Escala de Autoritarismo de Direita (Altemeyer, 1981), por exemplo, contém mais itens

na terceira pessoa e com conteúdo ideológico, e não relatando comportamentos comuns do respondente, como normalmente ocorre em escalas de personalidade (Stone et al., 1993).

Assim, Duckitt (2001) considerou essas variáveis enquanto atitudes ideológicas, que estariam mais suscetíveis a mudanças do que os traços de personalidade, sendo essas atitudes mais influenciadas por fatores externos, como o contexto social. No presente trabalho, adota-se a ideia deste autor de que RWA e SDO são atitudes ideológicas, e não traços de personalidade.

Em seu modelo, o autor defende que uma socialização familiar mais punitiva (ao invés de mais permissiva) levaria o indivíduo a ter uma personalidade mais conformista com as normas sociais e menos autônoma - relacionada a uma baixa abertura à experiência, que se associaria a uma maior identificação com a ordem social vigente (Sibley & Duckitt, 2008). Essa socialização prediria uma maior tendência a ver o mundo enquanto um lugar perigoso, com ameaças constantes ao que já está estabelecido na sociedade. Por sua vez, essa visão de mundo levaria a um maior nível de autoritarismo de direita, pois a pessoa buscaria nas medidas de controle social e na proteção a valores conservadores uma segurança diante dessas supostas ameaças presentes no mundo. Por outro lado, uma socialização familiar menos afetuosa (em comparação com uma mais afetuosa) prediria a formação de uma personalidade mais dura e menos empática - associada a uma baixa amabilidade (Sibley & Duckitt, 2008). Isso influenciaria a pessoa a ter uma visão de que o mundo é um lugar competitivo, no qual é necessário fazer de tudo para vencer. Essa visão de mundo levaria a uma maior orientação à dominância social, já que o indivíduo estaria mais motivado a buscar poder e dominação e, assim, endossar uma maior hierarquização social e desigualdade entre os grupos. Em formulações posteriores da teoria (Duckitt & Sibley, 2016), os autores deram menos enfoque à socialização familiar enquanto preditora da personalidade do indivíduo e discutiram mais como um contexto social com mais ameaças salientes e/ou com maior

competição por recursos atua juntamente com a personalidade, contribuindo para a formação de uma certa visão do mundo como um lugar mais perigoso e/ou competitivo.

Assim, RWA e SDO teriam efeitos independentes nas atitudes preconceituosas em relação a outros grupos, respectivamente, relacionados a uma motivação para se proteger contra as ameaças à ordem social que este outro grupo pode representar, ou para dominar esse grupo e vencê-lo na competição por recursos (Duckitt, 2001). Além de terem efeitos independentes no preconceito, essas duas variáveis também predizem um maior preconceito contra diferentes grupos alvos. Embora ambas as variáveis tenham relação com o preconceito generalizado, isto é, o preconceito em relação a diversos grupos minoritários, o RWA costuma prever mais as atitudes negativas em relação a grupos considerados perigosos - como terroristas e traficantes de drogas -, SDO prediz melhor o preconceito contra grupos derogados, ou seja, vistos como inferiores - como pessoas desempregadas, com deficiência intelectual ou obesas -, e ambos RWA e SDO predizem as atitudes em relação a grupos vistos como dissidentes, que não se submetem às autoridades e desviam das normas sociais - como feministas e pessoas que organizam protestos (Asbrock et al., 2010; Duckitt & Sibley, 2007). Resultados similares foram encontrados em um estudo no Brasil, no qual se observou a mesma divisão dos grupos alvos de preconceito em três conjuntos (perigosos, derogados e dissidentes) e o mesmo padrão de relação com RWA e SDO (Cantal et al., 2015).

De maior interesse para este trabalho, tanto o autoritarismo de direita (Cantal et al., 2015; Duckitt & Sibley, 2007; Rios, 2013; Vilanova et al., 2018), quanto a orientação à dominância social já demonstraram ter uma relação significativa com as atitudes negativas em relação a gays e lésbicas e a ativistas que defendem os direitos dos homossexuais (Cantal et al., 2015; Rios, 2013; Pratto et al., 1994). Poteat et al. (2017), por exemplo, encontraram que pessoas com maiores níveis de RWA e SDO apoiaram mais a discriminação contra uma pessoa homossexual numa situação em que ela deixou de receber uma bolsa de estudos

apenas por causa de sua orientação sexual. Essas duas variáveis também tiveram efeitos significativos no apoio a políticas sociais que restrinjam os direitos de gays e lésbicas (por exemplo, não aceitá-los no exército ou como doadores de sangue, e não discutir a história do movimento pelos direitos de gays e lésbicas nas escolas) e na oposição a organizações que visem uma maior inclusão desse grupo (por exemplo, um abrigo que receba homossexuais que estão sem moradia e uma biblioteca que tenha livros com temáticas relacionadas à homossexualidade; Poteat & Mereish, 2012). Além disso, o autoritarismo de direita mediou a relação positiva entre religiosidade e rejeição da homossexualidade (Janssen & Scheepers, 2019) e a orientação à dominância social predisse avaliações mais positivas de crimes de ódio contra gays (Wilkinson & Peters, 2018).

### **Percepção de Ameaça, RWA e SDO**

De acordo com a Teoria da Ameaça Intergrupar (Stephan et al., 2016), os membros de um certo grupo percebem uma ameaça intergrupar quando acreditam que um outro grupo quer ou está numa posição em que pode prejudicá-los. Para que essa ameaça seja percebida, não é necessário que ela seja de fato real, apenas que o indivíduo membro do grupo supostamente ameaçado *acredite* que ela é real. Segundo os autores da teoria, a ameaça percebida costuma se encaixar em um de dois tipos: as ameaças simbólicas, quando a pessoa acredita que o exogrupo ameaça os valores e a cultura do seu grupo, podendo mudá-los, substituí-los ou destruí-los; e as ameaças realistas, quando a suposta ameaça é à integridade física, aos recursos econômicos e/ou a posições de poder dos membros do endogrupo. A percepção de ameaça pode ser influenciada, por exemplo, por atitudes ideológicas dos indivíduos e pela qualidade do contato (se positivo ou negativo) entre membros de grupos diferentes. Ao mesmo tempo, essa ameaça percebida pode ter consequências, como suscitar atitudes e emoções negativas em relação ao exogrupo e levar a comportamentos de discriminação. Por vezes, a relação entre essas variáveis com a percepção de ameaça é

bidirecional, tal como pode acontecer no caso do preconceito, em que ter atitudes negativas em relação a um certo grupo torna mais provável que o indivíduo o perceba como ameaçador e, ao mesmo tempo, perceber este grupo como uma ameaça pode levar a mais atos discriminatórios contra ele. Um exemplo disso é que, em um estudo realizado com dados de 21 países europeus, Pereira et al. (2010) encontraram que o preconceito contra imigrantes aumentou os níveis de percepção de ameaça realista e simbólica em relação a esse grupo, e essas ameaças percebidas predisseram uma maior oposição à imigração e à naturalização de imigrantes.

No contexto do preconceito sexual, perceber homossexuais como uma ameaça pode influenciar no quanto as pessoas têm atitudes negativas em relação a eles e no apoio a políticas que visem incluí-los. Em um estudo realizado na Rússia, observou-se que perceber homossexuais como ameaçadores à moralidade, à instituição da família, à cultura russa (isto é, como uma ameaça simbólica) e à saúde dos indivíduos (ou seja, como uma ameaça realista) teve um efeito positivo no apoio à punição da homossexualidade e ao uso de tratamentos que supostamente a “reverteriam”, além de um efeito negativo no apoio à proteção de homossexuais e de seus direitos (Gulevich et al., 2018). Esses et al. (1993) encontraram que a crença de que homossexuais corrompem os valores da pessoa (uma ameaça simbólica) teve um efeito maior nas atitudes negativas dos participantes em relação a esse grupo, quando comparado aos efeitos dos estereótipos e das emoções negativas em relação a essa minoria. Além disso, a percepção de ameaça simbólica mediou o efeito do contato com homossexuais no quanto as pessoas apoiaram um referendo que visava banir alguns direitos civis de gays e lésbicas na Eslováquia. Enquanto o contato positivo diminuiu a percepção de ameaça, e isso levou a um menor apoio ao referendo, o contato negativo aumentou a percepção de ameaça e, conseqüentemente, o apoio ao referendo (Zingora & Graf, 2019). Embora haja menos estudos acerca da relação entre percepção de ameaça realista

e preconceito sexual, Wilkinson (2019) observou que acreditar em mitos econômicos sobre gays e lésbicas, como a ideia de que eles têm mais condições de consumir produtos de luxo do que os heterossexuais, teve uma relação positiva com a homonegatividade e com a negação da discriminação sofrida por homossexuais, e uma relação negativa com a valorização do progresso social e legal obtido por este grupo nos últimos anos.

Em relação às atitudes ideológicas do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social, há evidências apontando para uma relação bidirecional entre essas variáveis e a percepção de ameaça. Em uma revisão da literatura, Schnelle et al. (2021) observaram como alguns estudos indicam que o autoritarismo seria uma resposta a situações de crise que levam a sentimentos de medo e insegurança e que, portanto, os níveis de autoritarismo aumentariam num contexto com uma ameaça saliente. Manipular experimentalmente a ameaça, deixando-a mais saliente no contexto, já demonstrou ter efeitos positivos nos níveis de autoritarismo de direita dos participantes, principalmente entre aqueles que, antes da manipulação, tinham níveis mais baixos nessa variável, pois aumentar a crença no poder das autoridades, no controle social e nas normas seria uma forma de lidar com a percepção de perda de controle diante de uma ameaça (Mirisola et al., 2014; Russo et al., 2020). Caricati et al. (2017) também observaram que um modelo em que RWA e SDO mediou o efeito da percepção de ameaça em relação a imigrantes no preconceito contra este grupo teve um ajuste melhor aos dados do que um modelo em que a percepção de ameaça mediou os efeitos de RWA e SDO no preconceito.

Ao mesmo tempo, como Schnelle et al. (2021) apontam, outros estudos mostram que pessoas com maior autoritarismo tendem a ter uma sensibilidade maior à ameaça, levando-as a manter níveis altos de autoritarismo, mesmo em situações em que supostamente haveria pouca ameaça. Assim, já foi demonstrado que RWA e SDO predizem a percepção de ameaça

em relação a diversos grupos minoritários, como imigrantes (Duckitt & Sibley, 2010), muçulmanos (Granger et al., 2023) e gays e lésbicas (Rios, 2013).

Segundo Duckitt e Sibley (2010), as percepções acerca de um certo grupo minoritário mediarão os efeitos de RWA e SDO nas atitudes em relação a este grupo, mas, como colocado pelo Modelo do Processo Dual, essas duas atitudes ideológicas advêm de motivações diferentes e isso também influencia em quais percepções sobre o exogrupo estão mais relacionadas a uma ou outra. Devido o RWA estar relacionado a uma maior valorização de valores convencionais e a uma visão de que o mundo é perigoso, o efeito dessa variável no preconceito seria mediado pela percepção de que o exogrupo em questão é uma ameaça à segurança coletiva (um tipo de ameaça realista) ou aos valores e normas sociais (ameaça simbólica). Enquanto isso, considerando que a SDO está mais relacionada a uma visão de que o mundo é competitivo e alguns grupos devem dominar sobre outros, o efeito desta variável no preconceito seria mediado pela percepção de que o exogrupo representa uma competição para o endogrupo em termos de recursos econômicos e poder político (ameaças realistas).

Exemplo disso é que, em um estudo nos Estados Unidos, a percepção de que imigrantes ameaçam os recursos financeiros e políticos dos estadunidenses mediou o efeito positivo da SDO no apoio a uma lei que dificultaria a entrada desses imigrantes, enquanto a percepção de que esse grupo seria uma ameaça à cultura local mediou o efeito do RWA no apoio à mesma lei (Craig & Richeson, 2014). O efeito de SDO em sentimentos negativos em relação a muçulmanos também foi mediado pela percepção de que esse grupo representaria uma ameaça econômica, e o efeito de RWA nos mesmos sentimentos foi mediado pela percepção de que os muçulmanos ameaçariam os valores do endogrupo (Matthews & Levin, 2012). Mais especificamente em relação ao preconceito sexual, Rios (2013) observou que a percepção de ameaça simbólica frente a homossexuais mediou o efeito positivo do RWA no preconceito contra este grupo. Porém, não encontrei estudos que investigassem o papel da

percepção de ameaça no efeito de SDO no preconceito sexual. Existem ainda estudos que mostram relações significativas entre RWA e a percepção de ameaça econômica (Duckitt & Sibley, 2010) e entre SDO e a percepção de ameaça simbólica (Rios, 2013), mas estes resultados são mais inconsistentes ao longo da literatura, com outras pesquisas mostrando efeitos não significativos do RWA na ameaça econômica e da SDO na ameaça simbólica (Craig & Richeson, 2014; Matthews & Levin, 2012).

Uma outra evidência que poderia sustentar a ideia de que pessoas com maiores níveis de autoritarismo e dominância social apresentam maior preconceito contra certos exogrupos porque se sentem ameaçadas por eles é a relação entre um grupo minoritário ser beneficiado por medidas de inclusão e isso fazer com que pessoas com maior RWA e SDO apoiem ainda menos medidas de inclusão para esse grupo. Kauff et al. (2013) demonstraram que pessoas com maior RWA se sentiram ainda mais ameaçadas por imigrantes e expressaram mais preconceito contra eles quando assistiram a um vídeo que defendia a inclusão social desse grupo, comparado a quando assistiram um vídeo que não reforçava essa inclusão. Essa diferença nos níveis de ameaça e preconceito entre as duas condições não ocorreu no caso das pessoas com menor RWA.

No entanto, ainda faltam estudos que investiguem como essas variáveis (RWA, SDO e percepção de ameaça) podem estar relacionadas à rejeição de debates sobre diversidade sexual nas escolas e como a percepção de ameaça está relacionada a políticas sociais voltadas para a inclusão de homossexuais no contexto brasileiro. Além disso, como mencionado anteriormente, há uma escassez de pesquisas que analisem o papel da percepção de ameaça na relação entre SDO e o preconceito e discriminação contra gays e lésbicas, e de mais investigações que abordem a possível relação de uma percepção de ameaça realista com o preconceito sexual.

## O Presente Trabalho

Considerando o que foi apresentado, o objetivo geral deste trabalho foi investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva. Como objetivos específicos, propus:

a) analisar se a percepção de ameaça em relação a homossexuais medeia os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva;

b) identificar se as percepções de ameaça simbólica e realista (econômica e política) em relação a homossexuais medeiam diferentemente os efeitos de RWA e SDO no apoio à educação sexual inclusiva;

c) avaliar se os níveis dos indivíduos em RWA e SDO afetam o quanto eles irão se sentir ameaçados diante de uma maior inclusão social de pessoas da comunidade LGBTQIA+;

d) examinar as evidências de validade de uma medida de percepção de ameaça frente a homossexuais adaptada ao contexto brasileiro.

O acréscimo deste último objetivo foi necessário pois não havia nenhuma escala de percepção de ameaça frente a homossexuais validada no Brasil, e uma medida deste tipo era crucial para que se cumprisse os outros objetivos do trabalho.

Como hipóteses, propus que:

Hipótese 1: O RWA (H1a) e a SDO (H1b) tivessem efeitos negativos no apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 2: o efeito do RWA no apoio à educação sexual inclusiva fosse mediado pela percepção de ameaça simbólica em relação a homossexuais, com RWA predizendo uma maior percepção de ameaça deste tipo, o que levaria a menos apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 3: o efeito de SDO seria mediado pela percepção de ameaça realista, também com SDO aumentando a percepção de ameaça deste tipo, e isto levando a menos apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 4: pessoas com maior RWA (*vs.* aquelas com menor RWA) perceberiam mais ameaça simbólica diante de uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+ .

Hipótese 5: pessoas com maior SDO (*vs.* aquelas com menor SDO) perceberiam mais ameaça realista diante de uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+.

Considerando que alguns estudos também encontraram relações significativas entre RWA e ameaça econômica e entre SDO e ameaça simbólica, testei as hipóteses alternativas de que a ameaça realista também mediaría o efeito do RWA no apoio à educação sexual inclusiva e que a ameaça simbólica mediaría o efeito da SDO.

Para alcançar os objetivos descritos, realizei três estudos, que estão divididos em dois manuscritos a serem apresentados nesta dissertação. O próximo capítulo contém o primeiro manuscrito, no qual é descrito o estudo de adaptação e obtenção de evidências de validade e precisão da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais. No capítulo seguinte, apresento o segundo manuscrito, no qual foram testadas as hipóteses da dissertação em dois estudos: no primeiro, um estudo correlacional, investiguei se as percepções de ameaça simbólica e realista em relação aos homossexuais medeiam o efeito de RWA e SDO no apoio à educação sexual inclusiva; no segundo, manipulei experimentalmente a ênfase na inclusão social de pessoas da comunidade LGBTQIA+ e avaliei se uma maior ênfase nessa inclusão afeta o quanto pessoas com maiores níveis de RWA e SDO se sentem ameaçadas por homossexuais e se essa ameaça, novamente, prediz o apoio à educação sexual inclusiva. Por fim, no último capítulo, discuto as implicações e conclusões que podem ser tiradas a partir dos resultados dos estudos descritos.

## Referências

- Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA, & ABGLT. (2023). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022*. Acontece, ANTRA, ABGLT.  
<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>
- Adorno, T. W., Frenkel-Brunswik, E., Levinson, D. J., & Sanford, R. N. (1950). *The Authoritarian Personality*. Harper.
- Altemeyer, B. (1981). *Right-Wing Authoritarianism*. University of Manitoba Press.
- Altemeyer, B. (1998). The Other “Authoritarian Personality”. *Advances in Experimental Social Psychology*, 30, 47-92. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60382-2](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60382-2)
- Asbrock, F., Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2010). Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation and Dimensions of Generalized Prejudice: A Longitudinal Test. *European Journal of Personality*, 24(4), 324-340.  
<https://doi.org/10.1002/per.746>
- Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. (2016). *Pesquisa Nacional sobre o Ambiente Educacional no Brasil 2015: as experiências de adolescentes e jovens lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais em nossos ambientes educacionais*. ABGLT.  
<http://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>
- Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação.  
<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>
- Burk, J., Park, M., & Saewyc, E. M. (2018). A media-based school intervention to reduce sexual orientation prejudice and its relationship to discrimination, bullying, and the mental health of lesbian, gay, and bisexual adolescents in Western Canada: a population-based intervention. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15, 2447. <https://doi.org/10.3390/ijerph15112447>

- Cantal, C., Milfont, T. L., Wilson, M. S., & Gouveia, V. V. (2015). Differential Effects of Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation on Dimensions of Generalized Prejudice in Brazil. *European Journal of Personality*, 29(1), 17-27. <https://doi.org/10.1002/per.1978>
- Cantarella, E. (2002). *Bisexuality in the Ancient World* (C. Ó. Cuilleánáin, Trad.; 2<sup>a</sup> ed.). Yale University Press.
- Caricati, L., Mancini, T., & Marletta, G. (2017). The role of ingroup threat and conservative ideologies on prejudice against immigrants in two samples of Italian adults. *The Journal of Social Psychology*, 157(1), 86-97. <https://doi.org/10.1080/00224545.2016.1176552>
- Craig, M. A., & Richeson, J. A. (2014). Not in my backyard! Authoritarianism, social dominance orientation, and support for strict immigration policies at home and abroad. *Political Psychology*, 35(3), 417-429. <https://doi.org/10.1111/pops.12078>
- Duckitt, J. (2001). A dual-process cognitive-motivational theory of ideology and prejudice. *Advances in Experimental Social Psychology*, 33, 41-113. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(01\)80004-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(01)80004-6)
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right Wing Authoritarianism, Social Dominance Orientation and The Dimensions of Generalized Prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113-130. <https://doi.org/10.1002/per.614>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2010). Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation Differentially Moderate Intergroup Effects on Prejudice. *European Journal of Personality*, 24(7), 583-601. <https://doi.org/10.1002/per.772>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2016). The Dual Process Motivational Model of Ideology and Prejudice. Em C. G. Sibley & F. K. Barlow, *The Cambridge Handbook of the Psychology of Prejudice* (pp. 188-221). Cambridge University Press.

<https://doi.org/10.1017/9781316161579.009>

Esses, V. M., Haddock, G., & Zanna, M. P. (1993). Values, stereotypes, and emotions and determinants of intergroup attitudes. In D. M. Mackie, & D. L. Hamilton (Eds.), *Affect, Cognition and Stereotyping: Interactive Processes in Group Perception* (pp. 137-166). Academic Press. <https://doi.org/10.1016/B978-0-08-088579-7.50011-9>

Goldfarb, E. S., & Lieberman, L. D. (2021). Three decades of research: the case for comprehensive sex education. *Journal of Adolescent Health, 68*(1), 13-27.  
<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.036>

Granger, A. M., Khan, K. B., & Steele, J. S. (2023). Surveilling threat: The roles of ideology and threat perceptions in support for Islamophobic policy. *Analyses of Social Issues and Public Policy, 23*(1), 192-213. <https://doi.org/10.1111/asap.12335>

Gulevich, O. A., Osin, E. N., Isaenko, N. A., & Brainis, L. M. (2018). Scrutinizing homophobia: a model of perception of homosexuals in Russia. *Journal of Homosexuality, 65*(13), 1838-1866.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1391017>

Hinsch, B. (1990). *Passions of the Cut Sleeve: the Male Homosexual Tradition in China*. University of California Press.

Janssen, D. J., & Scheepers, P. (2019). How Religiosity Shapes Rejection of Homosexuality Across the Globe. *Journal of Homosexuality, 66*(14), 1974-2001.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1522809>

Kauff, M., Asbrock, F., Thörner, S., & Wagner, U. (2013). Side effects of multiculturalism: the interaction effect of a multicultural ideology and authoritarianism on prejudice and diversity beliefs. *Personality and Social Psychology Bulletin, 39*(3), 305-320.  
<https://doi.org/10.1177/0146167212473160>

Matthews, M., & Levin, S. (2012). Testing a dual process model of prejudice: assessment of

group threat perceptions and emotions. *Motivation and Emotion*, 36(4), 564-574.

<https://doi.org/10.1007/s11031-012-9280-y>

McFarland, S. G., & Adelson, S. (1996). *An omnibus study of personality, values, and prejudice* [Apresentação de artigo]. Encontro Anual da International Society for Political Psychology, Vancouver, Colúmbia Britânica, Canadá.

Mirisola, A., Roccato, M., Russo, S., Spagna, G., & Vieno, A. (2014). Societal threat to safety, compensatory control, and right-wing authoritarianism. *Political Psychology*, 35(6), 795-812. <https://doi.org/10.1111/pops.12048>

Pereira, C. R., Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2010). From prejudice to discrimination: the legitimizing role of perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 40(7), 1231-1250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.718>

Pinto, I. V., Andrade, S. S. A., Rodrigues, L. L., Santos, M. A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L.A., Correia, R. S. B., Polidoro, M., & Canavese, D. (2020). Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, 1-13.

<https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>

Potat, V. P., Horn, S. S., & Armstrong, P. I. (2017). Condoning discrimination: the effects of dominance and authoritarianism are moderated by different ways of reasoning about antigay discriminatory acts. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(6), 831-849.

<https://doi.org/10.1177/1368430216638528>

Potat, V. P., & Mereish, E. H. (2012). Ideology, Prejudice, and Attitudes Toward Sexual Minority Social Policies and Organizations. *Political Psychology*, 33(2), 211-224.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2012.00871.x>

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance

orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741-763.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>

Rahman, Q., Xu, Y., Lippa, R. A., & Vasey, P. L. (2020). Prevalence of Sexual Orientation Across 28 Nations and Its Association with Gender Equality, Economic Development, and Individualism. *Archives of Sexual Behavior*, 49, 595-606.

<https://doi.org/10.1007/s10508-019-01590-0>

Rios, K. (2013). Right-wing authoritarianism predicts prejudice against “homosexuals” but not “gay men and lesbians”. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49,

1177-1183. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jesp.2013.05.013>

Russell, S. T., Ryan, C., Toomey, R. B., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2011). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adolescent School Victimization: Implications for Young Adult Health and Adjustment. *Journal of School Health*, 81(5), 223-230.

<https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2011.00583.x>

Russo, S., Roccato, M., & Merlone, U. (2020). Actual Threat, Perceived Threat, and Authoritarianism: An Experimental Study. *The Spanish Journal of Psychology*, 23(3), 1-7. <https://doi.org/10.1017/SJP.2020.7>

Santos, B. C., Lacerda, L. A., & Cavalcanti, V. R. S. (2019). Estupro corretivo na América Latina: analisando a violência sexual contra pessoas LGBTTQIS. Em M. E. Calazans, B. Malomalo, & E. S. Piñeiro (Orgs.), *As desigualdades de gênero e raça na América Latina no século XXI* (pp. 233-262). Editora Fiocruz.

Santos, M. S. B., Miesse, M. C., Carvalho, F. A., Queiroz, L. C., & Souza, V. F. M. (2021). Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. *Linhas Críticas*, 27, 1-22.

<https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35543>

- Sattler, F. A., & Lemke, R. (2019). Testing the cross-cultural robustness of the minority stress model in gay and bisexual men. *Journal of Homosexuality*, 66(2), 189-208. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1400310>
- Schnelle, C., Baier, D. Hadjar, A., & Boehnke, K. (2021). Authoritarianism Beyond Disposition: A Literature Review of Research on Contextual Antecedents. *Frontiers in Psychology*, 12, 676093. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.676093>
- Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2008). Personality and Prejudice: A Meta-Analysis and Theoretical Review. *Personality and Social Psychology Review*, 12(3), 248-279. <https://doi.org/10.1177/1088868308319226>
- Sidanius, J., & Pratto, F. (1999). *Social Dominance: An Intergroup Theory of Social Hierarchy and Oppression*. Cambridge University Press.
- Souza, D. C., Honorato, E. J. S., & Beiras, A. (2021). Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. *PSI UNISC*, 5(1), 127-143. <https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15452>
- Souza, J. M., Silva, J. P., & Faro, A. (2015). Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), 289-297. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2016). Intergroup Threat Theory. Em T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2ª ed., pp. 255-278). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203361993>
- Stone, W. F., Lederer, G., & Christie, R. (1993). The Status of Authoritarianism. Em W. F. Stone, G. Lederer, & R. Christie (Eds.), *Strength and Weakness: The Authoritarian Personality Today* (pp. 229-245). Springer-Verlag.
- Toledo, L. F. (2019, 5 de fevereiro). Maioria diz que gênero e sexualidade devem entrar no

currículo escolar, diz pesquisa encomendada pelo MEC. *GI*.

<https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/02/05/maioria-diz-que-genero-e-sexualidade-devem-entrar-no-curriculo-escolar-diz-pesquisa-encomendada-pelo-mec.ghtml>

UNESCO. (2019). *Orientações técnicas internacionais de educação em sexualidade: uma abordagem baseada em evidências* (2ª ed.). UNESCO.

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000369308>

Vilanova, F., Sousa, D. A., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação

transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala Right-Wing

Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1299-1316.

<https://doi.org/10.9788/TP2018.3-07Pt>

Wilkinson, W. W. (2019). Economic myths regarding gay men and lesbians. *Journal of*

*Homosexuality*, 66(4), 443-464. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1414493>

Wilkinson, W. W., & Peters, C. S. (2018). Evaluations of Antigay Hate Crimes and Hate

Crime Legislation: Independent and Differentially Predicted. *Journal of*

*Homosexuality*, 65(6), 797-813. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1364556>

Zingora, T., & Graf, S. (2019). Marry who you love: Intergroup contact with gay people and

another stigmatized minority is related to voting on the restriction of gay rights

through threat. *Journal of Applied Social Psychology*, 49(11), 684-703.

<https://doi.org/10.1111/jasp.12627>

## Capítulo 2

### Construção e Evidências de Validade da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais

#### Resumo

Considerando a falta de escalas de percepção de ameaça frente a homossexuais no Brasil, este estudo teve como objetivo analisar as evidências de validade de uma medida deste construto adaptada ao contexto brasileiro. Os participantes ( $N = 306$ ) responderam a um questionário contendo a escala e medidas de preconceito sexual e autoeficácia. Uma estrutura fatorial com quatro fatores de primeira-ordem (Ameaça Econômica, Política, à Moralidade e à Norma) e dois de segunda-ordem (Ameaça Realista e Simbólica) demonstrou um bom ajuste aos dados. Conforme esperado, os escores na escala se correlacionaram significativamente com atitudes negativas frente a homossexuais, mas não com a autoeficácia. Homens e heterossexuais apresentaram médias significativamente mais altas em percepção de ameaça simbólica e realista. Os resultados indicam que a escala tem boas evidências de validade e precisão e pode ser utilizada em estudos futuros que investiguem o papel da percepção de ameaça frente a homossexuais nas relações intergrupais com esta minoria.

*Palavras-chave:* homossexuais, percepção de ameaça, preconceito sexual, validação

## **Construction and Evidence of Validity of the Scale of Perceived Threat Towards**

### **Homosexuals**

#### **Abstract**

Considering the lack of scales of perceived threat towards homosexuals in Brazil, this study aimed to analyze evidence of the validity of a measure of this construct adapted to the Brazilian context. Participants ( $N = 306$ ) answered a questionnaire containing the scale and measures of sexual prejudice and self-efficacy. A factorial structure with four first-order factors (Economic, Political, Morality, and Norm Threats) and two second-order factors (Realistic and Symbolic Threats) demonstrated a good fit to the data. As expected, scores on the scale were significantly correlated with negative attitudes toward homosexuals, but not with self-efficacy. Men and heterosexuals had significantly higher means of symbolic and realistic perceived threats. The results indicate that the scale has good evidence of validity and can be used in future studies that investigate the role of perceived threat towards homosexuals in intergroup relations with this minority.

*Keywords:* homosexuals, perceived threat, sexual prejudice, validation

## Introdução

Gays e lésbicas, assim como outros grupos que fazem parte da comunidade LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queer, intersexos, assexuais e outras identidades de gênero e orientações sexuais que não se encaixam no padrão cisgênero e heterossexual), ainda sofrem bastante violência e discriminação no Brasil em função da sua orientação sexual. Entre 2015 e 2017, o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN) do país registrou 24.564 casos de violência contra pessoas LGBTQIA+. Em 49,3% destes casos, a vítima foi uma mulher lésbica, e em 38,5%, um homem gay. Embora 75% dos registros tenham sido de agressões físicas, outros tipos de violência, como a psicológica, também foram notificados (Pinto et al., 2020). Dados mais recentes mostram que esta violência tem se mantido ao longo dos anos. Por exemplo, em 2022, foram registrados no Brasil ao menos 86 assassinatos de homens gays e seis de mulheres lésbicas (Acontece et al., 2023). Os homossexuais também sofrem discriminação em contextos específicos, como o profissional, ao serem discriminados em processos seletivos para vagas de emprego e serem alvos de preconceito dentro do próprio ambiente de trabalho (Souza et al., 2021).

Um dos fatores que ajudam a explicar esse preconceito sexual sofrido por homossexuais é o quanto algumas pessoas se sentem ameaçadas diante da possibilidade de uma maior aceitação da homossexualidade e uma maior inclusão de gays e lésbicas na sociedade. Nesse contexto, a percepção de que gays e lésbicas representam uma ameaça real ou simbólica leva os indivíduos a terem uma atitude mais negativa contra esses grupos, como uma reação a essa ameaça (*e.g.*, Gulevich et al., 2018; Rios, 2013; Wilkinson, 2019; Zingora & Graf, 2019). No Brasil, ainda não há instrumentos adaptados e com evidências de validade e precisão para mensurar a percepção de ameaça frente a homossexuais, dificultando a realização de pesquisas sobre esse construto e sobre os fatores preditores do preconceito contra homossexuais no país.

## Percepção de Ameaça e Preconceito

Segundo a Teoria da Ameaça Intergrupala (Stephan et al., 2016), indivíduos de um grupo social podem se sentir ameaçados quando acreditam que membros de um exogrupo estão, intencionalmente ou não, causando prejuízos para o seu endogrupo ou têm o potencial para causá-los. De acordo com os autores, essa percepção de ameaça poderia ser em relação a bens imateriais do endogrupo, como seus valores e costumes, o que configuraria uma ameaça *simbólica*, ou em relação a bens materiais, como seus recursos econômicos, cargos políticos e bem-estar físico, o que seria uma ameaça *realista*. Apesar do nome, os autores esclarecem que a percepção de ameaça realista não necessariamente se refere a uma ameaça real, pois essa percepção não precisa estar baseada em dados observados na realidade. Para que a pessoa se sinta ameaçada, é necessário apenas que acredite que a ameaça é real.

Diversos fatores podem influenciar no quanto as pessoas percebem ameaça diante de um exogrupo, entre eles traços de personalidade e atitudes ideológicas do indivíduo, o nível de contato que ele tem com membros do(s) exogrupo(s), e o contexto em que essas relações intergrupais estão ocorrendo (por exemplo, se é um contexto com grande competição por recursos econômicos, como vagas de emprego; Stephan et al., 2016). Um exemplo disso é que Granger et al. (2023) encontraram que pessoas com maior autoritarismo de direita - uma atitude ideológica relacionada a defender a submissão acrítica às autoridades e os valores tradicionais - e orientação à dominância social - defesa da manutenção de uma hierarquia de grupos na sociedade - apresentaram uma maior percepção de ameaça simbólica e realista frente a muçulmanos. Além disso, Marchlewska et al. (2022) observaram que ter mais contato com gays e lésbicas se correlacionou negativamente com a percepção de que homossexuais são uma ameaça aos valores da sociedade e aos heterossexuais.

Por sua vez, a percepção de ameaça em relação a um grupo social também pode ter várias consequências nas relações com membros deste grupo, sendo uma variável preditora

de atitudes negativas e comportamentos discriminatórios em relação a minorias. Perceber imigrantes como ameaçadores à sua cultura, segurança, saúde e oportunidades de emprego, por exemplo, pode fazer com que as pessoas tenham mais sentimentos negativos em relação a eles (Stephan et al., 1999), se oponham mais à imigração e à naturalização de imigrantes (Pereira et al., 2010) e defendam mais uma ideia de assimilação cultural, isto é, de que, para se adaptarem aos costumes locais e serem incluídos socialmente, os imigrantes devem abandonar os hábitos associados às suas culturas de origem (Callens et al., 2019).

A percepção de ameaça também pode ser utilizada como justificativa para discriminar membros de um certo grupo, como a percepção de que ter um funcionário negro supostamente ameaçaria os negócios de uma loja porque afastaria clientes racistas pode ser usada como justificativa para se mostrar menos disposto a contratar um candidato negro com as mesmas qualificações de um branco em um processo seletivo (Pereira & Vala, 2011), e a ideia de que alunos cotistas ameaçam a qualidade de uma instituição de ensino superior pode servir de legitimação para argumentos contrários à existência das cotas raciais (Modesto et al., 2017).

De maneira similar, perceber homossexuais como ameaçadores tem relação com o preconceito sexual e a discriminação contra eles. Estudos anteriores já mostraram que perceber homossexuais como ameaçadores aos valores culturais tradicionais e à moralidade prediz mais atitudes negativas em relação a eles (Rios, 2013), uma menor defesa de seus direitos (Gulevich et al., 2018; Zingora & Graf, 2019) e um maior apoio à punição da homossexualidade e a tratamentos que visem “revertê-la” (Gulevich et al., 2018). Essa percepção de ameaça simbólica é também um dos fatores que explica por que homens, que em geral tendem a defender mais as normas sociais de gênero estabelecidas, costumam enxergar mais os homossexuais como uma ameaça a essas normas e, conseqüentemente, apoiar menos a luta por direitos dessa minoria (Marchlewska et al., 2022). Acreditar que os

homossexuais estão em uma posição de vantagem econômica em relação aos heterossexuais (por exemplo, pensar que por supostamente os homossexuais geralmente não terem filhos, eles teriam mais dinheiro livre para gastar) também tem relação com o preconceito sexual e com uma maior negação da discriminação sofrida por gays e lésbicas na sociedade (Wilkinson, 2019).

### **Medidas de Percepção de Ameaça**

A percepção de ameaça é, portanto, uma variável presente em diversas pesquisas que buscam explicar o preconceito contra grupos minoritários. Ainda assim, como apontam Kiehne e Cadenas (2021), até o presente momento, há poucos estudos que busquem desenvolver medidas desse construto e avaliar suas propriedades psicométricas. Os autores discutem que, dessa forma, muitos pesquisadores utilizando a percepção de ameaça enquanto variável em seus estudos recorrem a medidas que ainda não passaram por investigações mais aprofundadas de sua validade, ou preferem criar itens específicos para o estudo em questão. Callens et al. (2019), por exemplo, criaram seus próprios itens para medir a percepção de ameaça simbólica e realista frente a imigrantes em seu estudo. O mesmo foi feito por Morrison e Ybarra (2009), que formularam itens especificamente para medir a ameaça que apoiadores de diferentes partidos políticos dos Estados Unidos sentiam em relação aos apoiadores da oposição, e os utilizaram em seu estudo sem testar de antemão as propriedades psicométricas da medida. Esta prática também ocorre em pesquisas realizadas no Brasil, como é possível observar no estudo de Modesto et al. (2017), que mediram a percepção de ameaça realista frente a alunos cotistas por meio de uma medida de item único formulada pelos próprios autores.

Entre os poucos estudos publicados que tiveram como objetivo investigar a validade de escalas de percepção de ameaça em relação a grupos minoritários, a maioria analisou medidas que têm como foco a ameaça frente a imigrantes. Paxton e Mughan (2006)

desenvolveram a *Assimilationist Threat Scale*, uma escala de ameaça à assimilação, que mede um construto relacionado à percepção de ameaça simbólica, com itens que mensuram o quanto os participantes acreditam que imigrantes devem assimilar a cultura estadunidense.

Kiehne e Cadenas (2021) construíram, também no contexto estadunidense, a *Latinx Immigrant Threat Attitudes Scale*, com o objetivo de mensurar a ameaça em relação aos imigrantes latinos. Embora os autores tenham incluído na escala tanto itens que teoricamente estariam associados à ameaça simbólica e outros que estariam ligados a uma ameaça realista, o modelo com um único fator englobando todos esses itens se ajustou melhor aos dados.

Infante et al. (2022) também desenvolveram e testaram uma escala de percepção de ameaça frente a imigrantes latinos nos Estados Unidos, a *Perceived Latino Threat Scale*.

Diferentemente da escala de Kiehne e Cadenas (2021), esta mede apenas dimensões relacionadas à ameaça realista - mais especificamente, as ameaças econômica, política e à segurança supostamente colocadas pelos imigrantes latino-americanos.

Porém, como colocado por Stephan et al. (2016), para entender a percepção de ameaça relacionada a um certo grupo minoritário, é preciso levar em consideração o contexto em que as relações com aquele determinado grupo ocorrem. Além disso, Crandall e Eshleman (2003) apontaram que a percepção de ameaça frente a um certo grupo influencia na expressão do preconceito apenas quando ela é socialmente aceita como uma ameaça autêntica, isto é, é necessário que as pessoas considerem que o grupo em questão pode ser ameaçador daquela forma. Portanto, para realizarmos estudos que envolve a mensuração da percepção de ameaça frente a homossexuais, é importante ter evidências não somente de que as medidas utilizadas medem o construto da percepção de ameaça, mas também de que a ameaça expressa no conteúdo dos itens retrata como o grupo em questão, ou seja, gays e lésbicas, são enxergados socialmente, e de que forma as pessoas poderiam vê-los como ameaçadores.

Encontramos duas escalas publicadas em inglês que têm como objetivo medir especificamente a ameaça frente a homossexuais. Gulevich et al. (2018) apresentaram o *Perceived Threat of Homosexuals Questionnaire*, com itens que mensuram principalmente o quanto os respondentes consideram pessoas homossexuais uma ameaça a valores tradicionais, à moral e à cultura russa, e se acreditam que essas pessoas espalham doenças sexualmente transmissíveis e prejudicam crianças. Por sua vez, Tjipto et al. (2019) construíram uma escala que visa medir a percepção de ameaça frente a homossexuais no contexto da Indonésia, com itens que teoricamente mensurariam tanto a ameaça simbólica quanto a realista. No entanto, assim como ocorreu no estudo de Kiehne e Cadenas (2021), a escala se ajustou melhor aos dados enquanto uma medida unifatorial.

No Brasil, encontramos apenas um artigo apresentando a construção e evidências de validade de uma medida de percepção de ameaça: a Escala de Percepção de Ameaça frente ao Doente Mental (Maciel et al., 2020), que mede o quanto os indivíduos acreditam que pessoas com transtornos mentais representam uma ameaça por serem supostamente perigosas e imprevisíveis. Portanto, ainda não há uma escala de percepção de ameaça frente a homossexuais adaptada ou construída para o contexto brasileiro.

### **O Presente Estudo**

No estudo apresentado a seguir, construímos e testamos a Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais (EPAH). Embora a escala de Tjipto et al. (2019) tenha inicialmente objetivado representar tanto a ameaça simbólica quanto a realista frente a homossexuais, a medida mostrou-se mais ajustada aos dados quando analisada como unifatorial e, portanto, seus itens demonstram poucas evidências de que estão de fato medindo duas dimensões diferentes. Na tentativa de testar uma escala que diferenciasse melhor esses dois tipos de ameaça, adaptamos itens de dois instrumentos diferentes para a composição da nossa medida.

Para medirmos a percepção de ameaça simbólica, adaptamos itens do *Perceived Threat of Homosexuals Questionnaire* (Gulevich et al., 2018). Esta medida inicialmente fazia parte de uma escala maior de atitudes frente a homossexuais na Rússia que tinha, entre seus oito fatores, cinco que se relacionavam à percepção de ameaça frente a gays e lésbicas (Gulevich et al., 2016). Posteriormente, Gulevich et al. (2018) decidiram separar os fatores de percepção de ameaça das outras dimensões mensuradas na escala original, formando um instrumento com 17 itens voltados especificamente para a ameaça. Ao analisarem essa medida, os autores observaram que um modelo com quatro fatores ajustou-se bem aos dados, sendo estes fatores: ameaça à moralidade (a homossexualidade como imoral e contra a natureza humana), ameaça aos indivíduos (a homossexualidade como ameaçadora à saúde e integridade de indivíduos), ameaça à sociedade (a homossexualidade como ameaçadora à instituição da família e ao futuro da sociedade como um todo), e ameaça à cultura (a homossexualidade como uma ameaça estrangeira à cultura tradicional russa). Segundo os autores, as dimensões de ameaça à moralidade e à cultura estariam mais próximas do conceito de percepção de ameaça simbólica. Portanto, integramos esses dois fatores à nossa medida. No entanto, seguindo um critério teórico, acrescentamos também um item do fator de ameaça aos indivíduos e um do de ameaça à sociedade por tratarem da ameaça à ideia de uma família tradicional e ao “estilo de vida heterossexual”, que se aproximam de uma ameaça aos valores e normas sociais, associados à dimensão simbólica (Stephan et al., 2016). Outros itens desses dois fatores tratavam de questões relacionadas a uma ameaça advinda dos homossexuais por supostamente espalharem doenças sexualmente transmissíveis, abusarem crianças ou levarem à extinção da nação, portanto, não foram incluídos no instrumento por seu conteúdo não ter relação com o conceito de ameaça simbólica.

Considerando a falta de escalas na literatura que busquem medir especificamente a percepção de ameaça realista frente a gays e lésbicas, adaptamos itens da *Perceived Latino*

*Threat Scale* (Infante et al., 2022) para mensurarmos esta dimensão no instrumento aqui proposto. No artigo de validação da escala, que contém 20 itens, os autores observaram que um modelo *bifactor* se ajustou bem aos dados, com a variância dos itens sendo explicada principalmente por um fator de ameaça geral, mas também por quatro fatores individuais: ameaça econômica (percepção de que latinos nos Estados Unidos estão tomando recursos governamentais e econômicos que deveriam estar indo para outros grupos), política (percepção de que latinos ameaçam o poder político dos brancos e outros grupos), criminal (percepção de que latinos ameaçam a segurança de brancos por meio de atividades criminosas), e às oportunidades (percepção de que latinos ameaçam as vagas de emprego e em universidades dos brancos). Considerando que existem crenças de que homossexuais recebem vantagens econômicas e trabalhistas por sua orientação sexual (Wilkinson, 2019) e que são um grupo que tem conquistado mais espaço na política brasileira (Câmara, 2022), incorporamos à nossa escala os itens dos fatores de ameaça econômica, política e às oportunidades. Porém, embora gays e lésbicas sejam comumente vistos como alvos de ações criminosas por sua sexualidade, não é comum que sejam enxergados com um grupo particularmente criminoso e violento (Tjipto et al., 2019). Por isso, escolhemos não integrar o fator de ameaça criminal à nossa medida.

### ***Objetivos e Hipóteses***

Desse modo, neste estudo, tivemos como objetivo geral analisar evidências de validade - baseadas na estrutura interna, em critérios e na relação com outros construtos - e de consistência interna da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais (EPAH). A análise da validade convergente foi realizada a partir da relação com uma escala de preconceito sexual. Como colocado anteriormente, a percepção de ameaça frente a homossexuais demonstra ter relações positivas com atitudes negativas acerca deste grupo (Gulevich et al., 2018; Rios, 2013; Wilkinson, 2019; Zingora & Graf, 2019), tornando essa

variável adequada para testar a validade convergente da escala, isto é, para identificar se ela se correlaciona com uma outra medida com a qual teoricamente deveria se relacionar (Pacico & Hutz, 2015). A validade discriminante foi avaliada por meio da relação com uma medida de autoeficácia geral. A autoeficácia é a crença que as pessoas desenvolvem acerca de suas próprias capacidades para desempenhar tarefas (Balsan et al., 2020). Tipos mais específicos de autoeficácia, como a relacionada à capacidade de ter amizades com pessoas de diversos grupos e de entender outras culturas, podem ter efeitos nos níveis de preconceito e nas relações intergrupais dos indivíduos (Bagci et al., 2020; Mera-Lemp et al., 2020). Ao mesmo tempo, tipos de autoeficácia menos voltados para relações interpessoais apresentam apenas uma relação fraca com atitudes negativas frente a outros grupos (Peachey et al., 2015). De fato, a autoeficácia geral, relacionada a uma percepção de eficácia pessoal independentemente da situação (Balsan et al., 2020) não tem sido teoricamente relacionada ao preconceito ou à percepção de ameaça frente a grupos minoritários. Assim, utilizamos este construto para avaliar a validade discriminante da escala, ou seja, testar se ela não se correlaciona com um construto com o qual não deveria estar fortemente relacionada (Pacico & Hutz, 2015).

Para examinar sua validade de critério, realizamos comparações dos escores na escala entre participantes de gêneros e orientações sexuais diferentes. Homens costumam apresentar níveis mais altos de atitudes negativas em relação a homossexuais (*e.g.*, Costa et al., 2015; Gulevich et al., 2016; Janssen & Scheepers, 2019; Ramos & Cerqueira-Santos, 2021) e, mais especificamente, de percepção de ameaça simbólica frente a gays e lésbicas (Marchlewska et al., 2022) do que as mulheres. Pessoas heterossexuais, comparadas às não heterossexuais, também demonstram níveis maiores de atitudes negativas contra homossexuais (Costa et al., 2015; Gulevich et al., 2016; Ramos & Cerqueira-Santos, 2021). Além disso, a percepção de ameaça é algo que, por definição, as pessoas sentem diante de um exogrupo (Stephan et al.,

2016). Sendo assim, também seria esperado que, caso a escala esteja medindo a percepção de ameaça de fato, pessoas heterossexuais obtenham escores maiores nela. Dessa forma, para testar a validade de critério da EPAH, analisamos se haveria diferenças significativas nos escores de homens *vs.* mulheres e nos de pessoas heterossexuais *vs.* não heterossexuais na escala.

Considerando os objetivos e a literatura apresentados, elaboramos as seguintes hipóteses: os itens teoricamente relacionados à ameaça simbólica frente a homossexuais e os relacionados à ameaça realista carregariam em dois fatores diferentes (H1); os escores dos participantes na escala apresentariam uma correlação alta com suas atitudes negativas frente à homossexualidade (H2), ao mesmo tempo em que não se correlacionariam significativamente com os níveis de autoeficácia geral (H3); participantes do gênero masculino expressariam um nível maior de percepção de ameaça do que as do gênero feminino (H4); e pessoas heterossexuais também obteriam escores maiores na escala do que as não heterossexuais (H5).

## **Método**

### **Tradução e Adaptação dos Itens**

Antes de serem respondidos pelos participantes do estudo, os itens selecionados para comporem o *pool* de itens iniciais da EPAH foram traduzidos para o português e adaptados ao contexto brasileiro. Da escala de Gulevich et al. (2018), selecionamos sete itens dos fatores de ameaça à cultura e à moralidade, além de um item do fator de ameaça aos indivíduos e outro do de ameaça à sociedade - mais precisamente, os itens “os homossexuais são uma ameaça para a família tradicional”, do fator de ameaça à sociedade, e “o perigo dos homossexuais é que eles podem converter pessoas heterossexuais em homossexuais”, do fator de ameaça aos indivíduos. Da escala de Infante et al. (2022), selecionamos 12 itens dos fatores de ameaça econômica, política e às oportunidades. Os itens selecionados foram

traduzidos e revisados. Além da tradução, os itens de Infante et al. (2022) passaram por uma adaptação para que, ao invés de serem sobre imigrantes latinos, se referissem a homossexuais. Por exemplo, o item “Hispânicos têm mais chances de conseguir empregos por causa de sua etnia” foi modificado para “Os homossexuais têm mais chances de conseguir empregos por causa de sua sexualidade”. Após essa tradução, excluímos itens que não se encaixavam no contexto brasileiro, como “o número de homossexuais aumenta como resultado da difusão de valores ocidentais” (Gulevich et al., 2018), eliminado por tratar a cultura ocidental como estrangeira, e “os homossexuais têm mais chances de conseguirem vagas nas universidades por causa de sua sexualidade” (adaptado de Infante et al., 2022), que foi excluído considerando que o processo de avaliação para entrada nas universidades brasileiras é diferente da dos Estados Unidos e normalmente não considera a identidade sexual dos alunos. Além disso, adicionamos um item (“As empresas têm permitido mais que pessoas homossexuais ocupem cargos de chefia”) para que a escala contivesse afirmações de percepção de ameaça no mercado de trabalho não apenas nos processos seletivos para vagas de emprego, mas também em posições de poder dentro das próprias empresas.

Posteriormente, os itens passaram pela avaliação de um grupo focal formado por quatro estudantes de graduação, que analisaram se eles estavam compreensíveis e deram sugestões acerca de como poderiam ficar mais claros. Ao final desse processo, excluímos um item e mantivemos 20 na escala, sendo nove teoricamente referentes à ameaça simbólica e 11 à ameaça realista (Apêndice A).

### **Participantes**

Participaram do estudo 306 pessoas, entre 18 e 68 anos de idade ( $M = 25,58$ ,  $DP = 9,8$ ). Destes, 117 (38,24%) eram homens e 176 (57,52%) eram mulheres, sendo uma delas transgênero. Outros oito participantes (2,62%) disseram ter outra identidade de gênero e cinco não informaram. A maioria dos respondentes (73,2%) se identificaram como

heterossexuais, enquanto 8,5% disse ser homossexual e 12,75% afirmou ser bissexual. Outros 4,93% disseram ter outras orientações sexuais e dois participantes não deram essa informação. A maior parte afirmou ser branca (54,58%) e ter o ensino superior incompleto (59,15%). Em relação à identidade religiosa, grande parte afirmou que não se identificava com nenhuma religião (34,64%), mas uma porcentagem também expressiva disse ser católica (31,05%). A maioria (64,71%) dos participantes respondeu ao questionário presencialmente, enquanto 35,29% responderam de forma *online*.

### **Procedimentos**

Os participantes responderam a um questionário, que foi aplicado tanto de forma presencial, quanto *online*. Na coleta *online*, o questionário foi colocado na plataforma SurveyMonkey e divulgado por meio de redes sociais. A coleta presencial foi feita em salas de aula de uma universidade, nas quais cada participante respondia individualmente à versão impressa do questionário. Nos dois modos de coleta, os participantes começavam lendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, que continha informações acerca do objetivo da pesquisa, e indicavam seu consentimento em participar. Depois, respondiam à Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais, a uma medida de preconceito sexual e a uma de autoeficácia geral. Por fim, davam algumas informações sociodemográficas acerca do seu gênero, idade, orientação sexual, raça/etnia, escolaridade e religião.

### **Instrumentos**

#### ***Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais***

Os participantes responderam aos 20 itens da versão inicial da EPAH, traduzidos e adaptados como descrito anteriormente. As respostas aos itens foram dadas numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)

### ***Preconceito Sexual***

Para medir as atitudes dos participantes em relação aos homossexuais, eles responderam à Escala de Atitudes frente à Homossexualidade (Ramos & Cerqueira-Santos, 2021), uma adaptação ao contexto brasileiro da Escala de Homofobia Sutil e Manifesta (Castillo et al., 2003). Esta versão brasileira contém sete itens, divididos entre os fatores de Atitudes Distais ( $\alpha = 0,82$ ), relacionado a atitudes frente a homossexuais em temas de âmbito público (ex: “Não acredito que os homossexuais necessitem de medidas ou leis direcionadas para seu grupo”), e de Atitudes Proximas ( $\alpha = 0,89$ ), em relação às atitudes no âmbito privado (ex: “Se acontecesse, não me importaria que alguém homossexual tivesse relações íntimas com alguém da minha família”; item invertido). A escala geral demonstrou ter uma alta consistência interna ( $\alpha = 0,88$ ). Os itens foram respondidos em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente), seguindo o recomendado pelos autores (Ramos & Cerqueira-Santos, 2021).

### ***Autoeficácia Geral***

Mensuramos a autoeficácia geral com a Nova Escala Geral de Autoeficácia (Balsan et al., 2020), adaptação brasileira da *New General Self-Efficacy Scale* (Chen et al., 2001). Essa medida é unifatorial e contém seis itens ( $\alpha = 0,83$ ), que avaliam o quanto os respondentes acreditam que têm um bom desempenho nas tarefas que se propõem a fazer (ex: “Quando me deparo com tarefas difíceis, tenho certeza de que vou realizá-las”). Os participantes responderam a essa medida numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

### ***Análise de Dados***

Com o programa estatístico JASP (versão 0.16.4.0), realizamos uma análise fatorial exploratória com os itens da EPAH. Para investigarmos a fatorabilidade da matriz de dados, utilizamos o critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett.

Verificamos a quantidade de fatores a ser extraída, inicialmente, pela análise paralela. Os fatores foram extraídos utilizando a fatoraçoão pelos eixos principais com rotaçoão oblíqua *oblimin*, considerando que estudos anteriores já demonstraram que as diferentes dimensões da percepçoão de ameaça se correlacionam significativamente (Granger et al., 2023; Pereira et al., 2010). Utilizamos como critério para a exclusão de itens cargas fatoriais abaixo de 0,4 e cargas cruzadas (maiores do que 0,3) em outros fatores. Também no JASP, analisamos as correlações da escala geral e dos fatores individuais com o preconceito sexual e com a autoeficácia geral. Fizemos testes-t com amostras independentes para comparar os escores de homens e mulheres e os de heterossexuais e não heterossexuais na escala (para esta última comparaçoão, agrupamos todas as pessoas de orientaçoão não heterossexual em um só grupo). Verificamos também o ajuste da estrutura fatorial da escala com o pacote lavaan do R, utilizando o estimador *Weighted Least Squares Means and Variance Adjusted* (WLSMV), mais adequado para análises envolvendo escalas de resposta do tipo Likert. Além do qui-quadrado, avaliamos os índices de ajuste *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA), considerando valores de CFI e TLI próximos ou acima de 0,95, SRMR próximos ou abaixo de 0,08 e RMSEA próximos ou abaixo de 0,06 como indicadores de um bom ajuste aos dados (Hu & Bentler, 1999). No entanto, consideramos valores de TLI e CFI entre 0,90 e 0,95 e RMSEA abaixo de 0,08 aceitáveis (Brown, 2015). O plano de análise e hipóteses deste estudo não foram pré-registrados. Os dados analisados, assim como os resultados no JASP e o código em R utilizado para a análise do ajuste do modelo estão disponíveis em <https://osf.io/r6f9z/>.

## Resultados

### Análise Fatorial e Consistência Interna

Analisando a fatorabilidade dos dados, observamos que eles estavam adequados para a fatoração,  $KMO = 0,94$ ;  $\chi^2 (190) = 3940,29$ ,  $p < 0,001$ . A análise paralela indicou a extração de quatro fatores. Observando o conteúdo dos itens mais fortemente associados com cada fator, percebemos que o primeiro fator agrupou cinco itens (com cargas variando entre 0,48 e 0,93), relacionados à ameaça que homossexuais colocariam aos recursos econômicos e empregos de outros grupos sociais. Por isso, o denominamos de Ameaça Econômica. O segundo fator incluiu cinco itens (cargas entre 0,43 e 0,84) envolvendo uma ameaça aos valores tradicionais e ao que é considerado moral, e assim foi intitulado de Ameaça à Moralidade. O terceiro fator foi chamado de Ameaça Política e agrupou quatro itens (cargas entre 0,48 e 0,53) sobre como os homossexuais ameaçariam o poder político dos heterossexuais. Por fim, o último fator recebeu o nome de Ameaça à Norma por conter dois itens (cargas entre 0,88 e 0,91) que, quando tinham seus escores invertidos, colocavam a homossexualidade como uma sexualidade desviante do que é normal e natural. Juntos, esses quatro fatores explicaram 59,3% da variância dos itens.

Considerando a Teoria da Ameaça Intergrupala (Stephan et al., 2016) e que o conteúdo dos itens dos fatores de Ameaça Econômica e Política se aproximam mais da definição de percepção de ameaça realista, enquanto os de Ameaça à Moralidade e à Norma têm mais relação com uma ameaça simbólica, testamos também manualmente a adequação de uma estrutura com dois fatores, para avaliar se os itens desses quatro fatores de fato se dividiriam de acordo com essas dimensões teorizadas. Percebeu-se que, de modo geral, todos os itens carregaram nos dois fatores conforme esperado, com os de Ameaça Econômica e Política se agrupando em um fator, que chamamos de Ameaça Realista (dez itens no total, com cargas variando entre 0,41 e 0,89), e os de Ameaça à Moralidade e à Norma se agrupando em outro,

o qual denominamos Ameaça Simbólica (oito itens, com cargas variando entre 0,43 e 0,89). Esses dois fatores explicaram 51,9% da variância da escala. As cargas fatoriais dos itens tanto nos quatro fatores extraídos a partir da análise paralela, quanto nos extraídos manualmente, estão apresentados na Tabela 1. Os itens foram colocados na tabela na mesma ordem em que foram dispostos no Apêndice A.

**Tabela 1**

*Cargas dos Itens em Cada Fator*

	Ameaça Realista	Ameaça Simbólica	Ameaça Econômica	Ameaça à Moralidade	Ameaça Política	Ameaça à Norma
Item 1	0,150	0,670*	-0,041	0,553*	0,276	-0,129
Item 2	-0,048	0,806*	-0,008	0,842*	0,016	0,047
Item 3	0,045	0,755*	0,159	0,808*	-0,106	0,019
Item 4	-0,235	-0,492*	-0,028	0,029	0,010	0,906*
Item 5	-0,189	-0,520*	0,012	-0,017	0,020	0,885*
Item 6	-0,105	0,892*	-0,070	0,755*	0,023	-0,136
Item 7	0,309	0,469*	0,108	0,431*	0,297	-0,034
Item 8	0,246	0,388	0,226	0,345	0,034	-0,085
Item 9	0,347	0,427*	0,192	0,348	0,199	-0,124
Item 10	0,737*	0,079	0,582*	0,098	0,171	-0,057
Item 11	0,886*	-0,080	0,932*	-0,025	-0,028	-0,004
Item 12	0,840*	-0,015	0,909*	0,043	-0,046	0,006
Item 13	0,794*	0,055	0,653*	0,041	0,135	-0,117
Item 14	0,522*	0,229	0,141	0,165	0,494*	-0,077
Item 15	0,554*	-0,002	0,151	-0,028	0,534*	-0,009
Item 16	0,460*	0,319	0,043	0,167	0,515*	-0,197
Item 17	0,546*	0,196	0,235	0,123	0,374	-0,125

	Ameaça Realista	Ameaça Simbólica	Ameaça Econômica	Ameaça à Moralidade	Ameaça Política	Ameaça à Norma
Item 18	0,414*	0,316	0,140	0,274	0,362	-0,056
Item 19	0,743*	-0,055	0,484*	-0,034	0,292	-0,043
Item 20	0,379	-0,181	0,027	-0,171	0,480*	0,066
$\alpha$	0,896	0,869	0,904	0,869	0,721	0,883
Autovalores	5,765	4,615	3,696	3,558	2,420	2,194

*Nota.* \*Itens com cargas maiores que 0,4.

Optamos por utilizar as cargas dos itens nos fatores de Ameaça Realista e Simbólica como critério para mantê-los na versão final da escala. Assim, escolhemos os itens com cargas iguais ou maiores a 0,4 em um dos fatores, e que, ao mesmo tempo, não tivessem uma carga maior do que 0,3 no outro fator. Por isso, excluimos os itens 7, 8, 9, 16, 18 e 20 e a escala final ficou com um total de 14 itens (Apêndice B). De forma geral, como é possível perceber na Tabela 1, os itens mantidos na escala também apresentaram cargas maiores do que 0,4 em algum dos quatro fatores extraídos inicialmente, com exceção do item 17, que, mesmo assim, apresentou uma carga próxima de 0,4 em Ameaça Política. Os coeficientes de consistência interna apresentados na Tabela 1 foram calculados considerando os itens selecionados e, como é possível observar, se mostraram satisfatórios. A escala geral também apresentou uma boa confiabilidade ( $\alpha = 0,92$ ).

Considerando os itens escolhidos, testamos o ajuste da estrutura fatorial proposta. O modelo com Ameaça Realista e Simbólica como fatores de segunda ordem e os outros quatro como fatores de primeira ordem (com os fatores de Ameaça Econômica e Política compondo o de Ameaça Realista, e os de Ameaça à Moralidade e à Norma compondo o de Ameaça Simbólica) demonstrou ter um bom ajuste,  $\chi^2 (72) = 79,17, p = 0,263$ ; CFI = 0,999; TLI =

0,999; SRMR = 0,033; RMSEA = 0,018, levemente melhor do que o modelo com apenas os quatro fatores de primeira ordem, que já apresentava um ajuste satisfatório,  $\chi^2 (71) = 79,95$ ,  $p = 0,219$ ; CFI = 0,999; TLI = 0,998; SRMR = 0,033; RMSEA = 0,020, e do que o modelo com apenas dois fatores,  $\chi^2 (76) = 163,85$ ,  $p < 0,001$ ; CFI = 0,986; TLI = 0,983; SRMR = 0,053; RMSEA = 0,062. O modelo testado com os fatores de segunda ordem está representado no Apêndice C. Esses resultados, em conjunto, fornecem evidências favoráveis para a Hipótese 1.

### **Validade Convergente e Discriminante**

Conforme apresentado na Tabela 2, os escores gerais dos participantes na EPAH, assim como em todos os seus fatores individuais, tiveram correlações positivas significativas entre moderadas e fortes com o preconceito sexual, o que significa que participantes com escores mais altos na escala tenderam a ter atitudes mais negativas em relação aos homossexuais. Por outro lado, nem a escala geral, nem os seus fatores, demonstraram ter uma correlação significativa com a autoeficácia geral dos participantes. Estes resultados corroboraram as Hipóteses 2 e 3.

### **Tabela 2**

#### *Correlações da Percepção de Ameaça com Preconceito Sexual e Autoeficácia*

	Preconceito sexual	Autoeficácia
Escore geral na EPAH	0,75*	-0,09
Ameaça realista	0,64*	-0,04
Ameaça simbólica	0,72*	-0,08
Ameaça econômica	0,55*	-0,002
Ameaça à moralidade	0,63*	-0,10

	Preconceito sexual	Autoeficácia
Ameaça política	0,60*	0,01
Ameaça à norma	0,68*	-0,07

*Nota.* EPAH: Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais.

\*  $p < 0,001$

### Validade de Critério

A realização de testes-*t* mostrou que os homens cisgêneros da amostra apresentaram médias significativamente maiores nos escores gerais da EPAH,  $t(186,52) = 3,128$ ,  $p = 0,002$ ;  $d = 0,389$ , além de nos fatores de ameaça simbólica,  $t(184,67) = 2,484$ ,  $p = 0,014$ ;  $d = 0,308$ , realista,  $t(195,96) = 3,383$ ,  $p < 0,001$ ;  $d = 0,418$ , à moralidade,  $t(159,49) = 3,069$ ,  $p = 0,003$ ;  $d = 0,387$ , econômica,  $t(194,76) = 3,14$ ,  $p = 0,002$ ;  $d = 0,388$ , e política,  $t(204,78) = 3,195$ ,  $p = 0,002$ ;  $d = 0,392$ , do que as mulheres cisgêneros, mostrando que eles se sentiram mais ameaçados frente a pessoas homossexuais. A exceção foi o fator de ameaça à norma, visto que homens e mulheres não apresentaram médias significativamente diferentes neste tipo de ameaça,  $t(289) = 1,184$ ,  $p = 0,237$ ;  $d = 0,142$ . As médias em todos os fatores estão dispostas na Tabela 3. De forma geral, estes resultados dão evidências parciais favoráveis à Hipótese 4.

### Tabela 3

*Médias de Homens e Mulheres na Percepção de Ameaça*

	Homens	Mulheres
Escore geral na EPAH	1,64 (0,83)	1,36 (0,57)
Ameaça realista	1,64 (0,81)	1,34 (0,60)

	Homens	Mulheres
Ameaça simbólica	1,65 (0,99)	1,40 (0,66)
Ameaça econômica	1,51 (0,82)	1,24 (0,59)
Ameaça à moralidade	1,50 (0,97)	1,20 (0,51)
Ameaça política	1,84 (0,95)	1,51 (0,74)
Ameaça à norma	1,96 (1,29)	1,78 (1,22)

*Nota.* Os números em parênteses indicam os desvios-padrão de cada grupo em cada tipo de ameaça.

Da mesma forma, os participantes heterossexuais obtiveram uma média maior na escala geral,  $t(213,36) = 5,483, p < 0,001; d = 0,643$ , e nos fatores de ameaça simbólica,  $t(243,27) = 6,111, p < 0,001; d = 0,694$ , realista,  $t(210,42) = 4,45, p < 0,001; d = 0,524$ , à moralidade,  $t(225,81) = 3,79, p < 0,001; d = 0,438$ , à norma,  $t(294,79) = 8,038, p < 0,001; d = 0,856$ , econômica,  $t(201,86) = 3,715, p < 0,001; d = 0,442$ , e política,  $t(218,41) = 4,676, p < 0,001; d = 0,546$ , do que os não heterossexuais. Portanto, a Hipótese 5 foi corroborada. A Tabela 4 mostra as médias em cada fator.

#### **Tabela 4**

*Médias de Heterossexuais e Não Heterossexuais na Percepção de Ameaça*

	Heterossexuais	Não heterossexuais
Escore geral na EPAH	1,57 (0,73)	1,18 (0,47)

	Heterossexuais	Não heterossexuais
Ameaça realista	1,54 (0,74)	1,21 (0,48)
Ameaça simbólica	1,63 (0,86)	1,14 (0,49)
Ameaça econômica	1,41 (0,74)	1,13 (0,50)
Ameaça à moralidade	1,40 (0,79)	1,11 (0,49)
Ameaça política	1,75 (0,90)	1,34 (0,57)
Ameaça à norma	2,09 (1,35)	1,20 (1,57)

*Nota.* Os números em parênteses indicam os desvios-padrão de cada grupo em cada tipo de ameaça.

### Discussão

Este estudo teve como objetivo geral analisar evidências de validade da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais. Os resultados mostraram evidências da validade fatorial, convergente, discriminante e de critério da escala, além de o instrumento geral e todos os seus fatores terem apresentado coeficientes de consistência interna considerados satisfatórios.

A estrutura fatorial encontrada corrobora o que é colocado pela Teoria da Ameaça Intergrupala (Stephan et al., 2016), já que os itens se dividiram em fatores que representam ou uma ameaça a recursos mais concretos, como o poder econômico e político dos heterossexuais, ou uma ameaça a valores mais simbólicos, como as normas morais e os padrões sociais do que é considerado “normal” e “natural” em termos de sexualidade. Essa divisão teórica entre os conteúdos dos fatores foi reforçada posteriormente com os resultados

de uma análise extraindo manualmente dois fatores, que de fato dividiram os itens entre aqueles que se aproximavam mais de uma ameaça simbólica e os que tinham maior relação com uma ameaça realista.

Comparando os quatro fatores extraídos inicialmente com os encontrados nos artigos de validação dos instrumentos originais (Gulevich et al., 2018; Infante et al., 2022), percebe-se que os itens adaptados de Infante et al. (2022) apresentaram uma estrutura fatorial similar à observada pelos autores da escala original, com uma divisão entre os que estavam associados a uma ameaça econômica e os que relacionavam-se a uma ameaça política. Com a exclusão prévia de alguns itens que não se encaixavam no contexto cultural brasileiro (como descrito na seção de Método), havíamos mantido apenas um dos itens do fator de “ameaça às oportunidades” (Infante et al., 2022), que continha afirmações relacionadas à ameaça colocada às oportunidades de emprego e estudo do grupo hegemônico (no nosso caso, heterossexuais). A manutenção de apenas esse item do fator (“Os homossexuais têm mais chances de conseguir empregos por causa de sua sexualidade”) pode ajudar a explicar porque ele carregou no fator de ameaça econômica e uma dimensão específica de ameaça às oportunidades não foi observada neste estudo.

Em relação aos itens de ameaça simbólica, adaptados de Gulevich et al. (2018), os itens do fator “ameaça à cultura” do instrumento original não obtiveram cargas satisfatórias em nenhum dos fatores da escala, o que pode indicar que os brasileiros, diferentemente dos russos (que responderam à escala no estudo original), não costumam ver a homossexualidade como uma ameaça à cultura brasileira em si. Assim, a maior parte dos itens que compuseram o fator de ameaça simbólica da escala final foram aqueles que, no instrumento original, faziam parte do fator “ameaça à moralidade”. É importante observar, porém, que, no nosso estudo, dois itens que originalmente faziam parte desse fator formaram uma outra dimensão, à qual denominamos “ameaça à norma”, o que pode ser uma evidência de que, na amostra

brasileira, embora questões relacionadas a considerar ou não a homossexualidade enquanto uma expressão natural da sexualidade humana estejam associadas à ameaça aos valores morais, elas formam um tipo de ameaça separado. Possíveis consequências dessa separação, como relações diferentes desses dois tipos de ameaça com outras variáveis, podem ser exploradas em estudos futuros.

Conforme esperado, o nível de percepção de ameaça dos participantes frente a homossexuais não teve relação significativa com o quanto eles se consideravam capazes de realizar tarefas de forma geral. Ao mesmo tempo, essa percepção de ameaça apresentou correlações positivas e altas com ter atitudes negativas em relação a homossexuais, o que corrobora estudos anteriores que demonstraram como se sentir ameaçado por gays e lésbicas tem efeito nas emoções negativas e comportamentos discriminatórios do indivíduo para com este grupo (*e.g.*, Gulevich et al., 2018; Rios, 2013; Wilkinson, 2019; Zingora & Graf, 2019).

Além disso, observamos que as médias nos escores da escala se diferenciaram significativamente de acordo com o gênero do participante, com homens tendendo a se sentir mais ameaçados por homossexuais do que as mulheres. Este resultado já era esperado, considerando-se que pesquisas anteriores já haviam mostrado como homens costumam apresentar maior preconceito sexual (*e.g.*, Costa et al., 2015; Gulevich et al., 2016; Janssen & Scheepers, 2019; Ramos & Cerqueira-Santos, 2021) e percepção de ameaça simbólica (Marchlewska et al., 2022) frente a homossexuais. Esta maior percepção de ameaça por parte dos homens pode ter relação com eles enxergarem mais a homossexualidade como um desvio dos padrões de gênero e da ideia tradicional de masculinidade (Gulevich et al., 2016; Marchlewska et al., 2022). É importante observar, porém, que o efeito do gênero não foi significativo no fator de ameaça à norma. Isso pode ter ocorrido por esse fator apresentar menos itens, não abrangendo tanto aspectos da ameaça à norma quanto os itens de outros

fatores, e isso pode ter diminuído ainda mais o efeito de gênero observado neste fator, que já não havia sido muito forte nas outras dimensões.

Havíamos hipotetizado também que pessoas heterossexuais, comparadas àquelas com outras orientações sexuais, apresentariam escores maiores de percepção de ameaça, já que costumam ter atitudes mais negativas em relação a homossexuais (Costa et al., 2015; Gulevich et al., 2016; Ramos & Cerqueira-Santos, 2021), e esta hipótese também foi confirmada. Pessoas heterossexuais se sentirem mais ameaçadas por homossexuais faz sentido considerando-se que elas enxergam esta minoria como um exogrupo e que, assim, se este grupo obtiver mais recursos e espaço na sociedade, isto poderia ameaçar a posição do seu endogrupo e delas mesmas (Stephan et al., 2016).

Ainda assim, é preciso considerar que este estudo teve algumas limitações. Uma delas é que a maior parte das aplicações foi feita com estudantes de graduação, restringindo a amostra a um certo grupo em termos de escolaridade e potencialmente diminuindo a capacidade de generalização dos resultados para a população brasileira em geral. Dessa maneira, é importante que outros estudos com amostras mais diversas neste aspecto comparem o funcionamento da escala entre indivíduos com diferentes níveis de escolaridade. Outra questão é que esta é uma medida de autorrelato da percepção de ameaça, que depende do quanto os participantes estão conscientes de suas próprias crenças acerca da ameaça supostamente colocada por homossexuais, além de que pode sofrer influência do nível de desejabilidade social dos respondentes. Portanto, pesquisas futuras podem buscar medir a percepção de ameaça de forma menos direta e comparar os resultados obtidos com os da EPAH. Também podem investigar possíveis efeitos da desejabilidade social nos escores da escala.

Porém, mesmo com estas limitações, o estudo relatado traz uma contribuição importante para a literatura acerca das relações intergrupais no Brasil, em especial às

investigações voltadas às atitudes frente a gays e lésbicas, ao apresentar evidências de validade de um instrumento que se propõe a medir a percepção de ameaça em relação a este grupo. Anteriormente não havia escalas validadas no contexto brasileiro que medissem esse construto e, portanto, o presente estudo facilita a realização de pesquisas futuras que envolvam a percepção de ameaça frente a homossexuais. Além disso, estudos anteriores que haviam tentado construir escalas com itens que mediam as dimensões de ameaça simbólica e realista separadamente tinham apresentado estruturas unifatoriais (Kiehne & Cadenas, 2021; Tjipto et al., 2019), não extraindo, dessa forma, fatores que mostrassem uma separação de fato das duas dimensões de ameaça colocadas pela Teoria da Ameaça Intergrupar (Stephan et al., 2016). Assim, a Escala de Percepção de Ameaças Frente a Homossexuais também traz uma contribuição para a mensuração da percepção de ameaça em geral, pois é um instrumento que contém fatores representativos das duas dimensões de ameaça propostas teoricamente.

## Referências

- Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA, & ABGLT. (2023). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022*. Acontece, ANTRA, ABGLT.  
<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>
- Bagci, S. C., Cameron, L., Turner, R. N., Morais, C., Carby, A., Ndhlovu, M., & Leney, A. (2020). Cross-ethnic friendship self-efficacy: A new predictor of cross-ethnic friendships among children. *Group Processes & Intergroup Relations*, 23(7), 1049–1065. <https://doi.org/10.1177/1368430219879219>
- Balsan, L. A. G., Carneiro, L. L., Bastos, A. V. B., & Costa, V. M. F. (2020). Adaptação e Validação da Nova Escala Geral de Autoeficácia. *Avaliação Psicológica*, 19(4), 409-419. <https://dx.doi.org/10.15689/ap.2020.1904.16654.07>
- Brown, T. A. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research* (2ª ed.). The Guilford Press.
- Callens, M. S., Meuleman, B., & Marie, V. (2019). Contact, perceived threat, and attitudes toward assimilation and multiculturalism: evidence from a majority and minority perspective in Luxembourg. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 50(2), 285-310.  
<https://doi.org/10.1177/0022022118817656>
- Câmara, R. (2022, 4 de outubro). Especial Eleições 2022 - Tem mais LGBTQIAP+ na política! *CNN Brasil*.  
<https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/especial-eleicoes-2022-tem-mais-lgbtqiap-na-politica/>
- Castillo, M. N. Q., Rodríguez, V. B., Torres, R. R., Pérez, A. R., & Martel, E. C. (2003). La medida de la homofobia manifiesta y sutil. *Psicothema*, 15(2), 197-204.  
<https://www.psicothema.com/pi?pii=1045>
- Chen, G., Gully, S. M., & Eden, D. (2001). Validation of a New General Self-Efficacy Scale.

*Organizational Research Methods*, 4(1), 62–83.

<https://doi.org/10.1177/109442810141004>

- Costa, A. B., Peroni, R. O., Camargo, E. S., Pasley, A., & Nardi, H. C. (2015). Prejudice toward gender and sexual diversity in a Brazilian public university: Prevalence, awareness, and the effects of education. *Sexuality Research & Social Policy: A Journal of the NSRC*, 12(4), 261–272. <https://doi.org/10.1007/s13178-015-0191-z>
- Granger, A. M., Khan, K. B., & Steele, J. S. (2023). Surveilling threat: The roles of ideology and threat perceptions in support for Islamophobic policy. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 23(1), 192-213. <https://doi.org/10.1111/asap.12335>
- Gulevich, O. A., Osin, E. N., Isaenko, N. A., & Brainis, L. M. (2016). Attitudes to homosexuals in Russia: content, structure, and predictors. *Journal of the Higher School of Economics*, 13(1), 79-110.  
<https://doi.org/10.17323/1813-8918-2016-1-79-110>
- Gulevich, O. A., Osin, E. N., Isaenko, N. A., & Brainis, L. M. (2018). Scrutinizing homophobia: a model of perception of homosexuals in Russia. *Journal of Homosexuality*, 65(13), 1838-1866.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1391017>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Infante, A. A., Wang, X., & Pardini, D. (2022). The development and validation of a multidimensional scale of perceived Latino threat. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 48(9), 2245-2267. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2019.1616539>
- Janssen, D. J., & Scheepers, P. (2019). How Religiosity Shapes Rejection of Homosexuality Across the Globe. *Journal of Homosexuality*, 66(14), 1974-2001.

<https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1522809>

- Kiehne, E., & Cadenas, G. (2021). Development and Initial Validation of the Latinx Immigrant Threat Attitudes Scale. *Journal of the Society for Social Work and Research, 12*(3), 521-544. <https://doi.org/10.1086/715815>
- Maciel, S. C., Souza, L. E. C., Lima, T. J., Sousa, P. F., & Pereira, C. R. (2020). Construction and preliminary evidence of validity of the Scale of Perceived Threat from the Mentally Ill. *Psychological Assessment, 37*, e190135. <https://doi.org/10.1590/1982-0275202037e190135>
- Marchlewska, M., Górska, P., Malinowska, K., & Jarosław K. (2022). Threatened Masculinity: Gender-Related Collective Narcissism Predicts Prejudice toward Gay and Lesbian People among Heterosexual Men in Poland. *Journal of Homosexuality, 69*(7), 1222-1237. <https://doi.org/10.1080/00918369.2021.1907067>
- Mera-Lemp, M. J., Bilbao, M., Basabe, N. (2020). School Satisfaction in Immigrant and Chilean Students: The Role of Prejudice and Cultural Self-Efficacy. *Frontiers in Psychology, 11*, 613585. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.613585>
- Modesto, J. G., Minelli, A. C., Fernandes, M. P., Rodrigues, M., Bufolo, R., Bitencourt, R., & Pilati, R. (2017). Racismo e Políticas Afirmativas: Evidências do Modelo da Discriminação Justificada. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 33*, e3353. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3353>
- Morrison, K. R., & Ybarra, O. (2009). Symbolic threat and social dominance among liberals and conservatives: SDO reflects conformity to political values. *European Journal of Social Psychology, 39*(6), 1039-1052. <https://doi.org/10.1002/ejsp.606>
- Pacico, J. C., & Hutz, C. S. (2015). Validade. Em C. S. Hutz, D. R. Bandeira, & C. M. Trentini (Orgs.), *Psicometria* (pp. 71-83). Artmed.
- Paxton, P., & Mughan, A. (2006). What's to Fear from Immigrants? Creating an

Assimilationist Threat Scale. *Political Psychology*, 27(4), 549-568.

<https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2006.00520.x>

- Peachey, J. W., Cunningham, G. B., Lyras, A., Cohen, A., & Bruening, J. (2015). The Influence of a Sport-for-Peace Event on Prejudice and Change Agent Self-Efficacy. *Journal of Sport Management*, 29(3), 229-244. <https://doi.org/10.1123/jism.2013-0251>
- Pereira, C. R., & Vala, J. (2011). A Legitimação da Discriminação em Diferentes Contextos Normativos. Em E. M. Techio & M. E. O. Lima (Orgs.), *Cultura e Produção das Diferenças: Estereótipos e Preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 363-404). Technopolitik.
- Pereira, C. R., Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2010). From prejudice to discrimination: the legitimizing role of perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 40(7), 1231-1250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.718>
- Pinto, I. V., Andrade, S. S. A., Rodrigues, L. L., Santos, M. A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L.A., Correia, R. S. B., Polidoro, M., & Canavese, D. (2020). Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>
- Ramos, M. M., & Cerqueira-Santos, E. (2021). Escala de Atitudes Frente à Homossexualidade (ATHO): construção e produção de evidências de validade. *Revista de Psicologia*, 12(1), 127-140. <https://doi.org/10.36517/revpsiufc.12.1.2021.10>
- Rios, K. (2013). Right-wing authoritarianism predicts prejudice against “homosexuals” but not “gay men and lesbians”. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49, 1177-1183. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jesp.2013.05.013>

- Souza, D. C., Honorato, E. J. S., & Beiras, A. (2021). Discriminação contra homossexuais no mercado de trabalho: revisão da literatura. *PSI UNISC*, 5(1), 127-143.  
<https://doi.org/10.17058/psiunisc.v5i1.15452>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Bachman, G. (1999). Prejudice Toward Immigrants. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(11), 2221-2237.
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2016). Intergroup Threat Theory. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2<sup>a</sup> ed., pp. 255-278). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203361993>
- Tjipto, S., Mayawati, E. H., & Bernardo, A. B. (2019). Perceived Threat of Homosexuals in Indonesia: Construct, Measurement, and Correlates. *Makara Human Behavior Studies in Asia*, 23(2), 181-193. <https://doi.org/10.7454/hubs.asia.1111219>
- Wilkinson, W. W. (2019). Economic myths regarding gay men and lesbians. *Journal of Homosexuality*, 66(4), 443-464. <https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1414493>
- Zingora, T., & Graf, S. (2019). Marry who you love: Intergroup contact with gay people and another stigmatized minority is related to voting on the restriction of gay rights through threat. *Journal of Applied Social Psychology*, 49(11), 684-703.  
<https://doi.org/10.1111/jasp.12627>

### Capítulo 3

#### **Autoritarismo de Direita e Orientação à Dominância Social Predizem um Menor Apoio à Educação Sexual Inclusiva Através da Percepção de Ameaça**

No capítulo anterior, apresentei um estudo que teve como objetivo analisar as evidências de validade de uma medida de percepção de ameaça frente a homossexuais. Com as evidências de que a escala adaptada demonstrou ter validade convergente, discriminante, de critério e baseada em sua estrutura interna, pude utilizá-la, neste capítulo, em estudos que testaram as hipóteses gerais da dissertação. Assim, apresentarei a seguir um manuscrito contendo dois estudos que tiveram como objetivo investigar as relações entre o autoritarismo de direita, a orientação à dominância social, a percepção de ameaça frente a homossexuais e o apoio à educação sexual inclusiva.

## Resumo

Embora a literatura aponte que uma educação sexual inclusiva, que discuta diversidade sexual nas escolas, seja uma prática efetiva para o combate da discriminação contra homossexuais, uma boa parte da população brasileira ainda não apoia esta medida. Os estudos apresentados tiveram como objetivo investigar os efeitos do autoritarismo de direita (RWA) e da orientação à dominância social (SDO) no apoio à educação sexual inclusiva. No Estudo 1 ( $N = 308$ ), o efeito do RWA neste apoio foi mediado pelas percepções de ameaça simbólica e realista frente a homossexuais, enquanto o da SDO foi mediado apenas pela ameaça realista. No Estudo 2 ( $N = 491$ ), manipulamos uma maior ênfase na inclusão de pessoas LGBTQIA+, mas observamos que, independentemente de lerem ou não sobre essa inclusão, participantes com maiores níveis de RWA e SDO continuaram a perceber mais ameaça frente a homossexuais e, conseqüentemente, a apoiar menos uma educação sexual inclusiva, do que participantes com menores níveis nessas variáveis. Os resultados reforçam o que é colocado pelo modelo do processo dual do preconceito, acerca dos efeitos diferenciais de RWA e SDO nas atitudes negativas frente a minorias, e apontam para a importância de intervenções que combatam a ameaça que algumas pessoas sentem diante de gays e lésbicas.

*Palavras-chave:* educação sexual inclusiva, preconceito sexual, percepção de ameaça, autoritarismo de direita, orientação à dominância social

**Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation Predict Less Support  
for Inclusive Sex Education Through Perceived Threat**

**Abstract**

Although the literature points that inclusive sex education, which discusses sexual diversity in schools, is an effective practice to combat discrimination against homosexuals, a large part of the Brazilian population still does not support this measure. The studies presented aimed to investigate the effects of right-wing authoritarianism (RWA) and social dominance orientation (SDO) on support for inclusive sex education. In Study 1 ( $N = 308$ ), the effect of RWA on this support was mediated by perceived symbolic and realistic threats towards homosexuals, while that of SDO was mediated only by realistic threat. In Study 2 ( $N = 491$ ), we manipulated a greater emphasis on the inclusion of LGBTQIA+ people, but we observed that, regardless of whether they read about this inclusion or not, participants with higher levels of RWA and SDO continued to perceive more threat towards homosexuals and, consequently, were less supportive of inclusive sex education than participants with lower levels on these variables. The results reinforce what is stated by the dual process model of prejudice, regarding the differential effects of RWA and SDO on negative attitudes towards minorities, and point to the importance of interventions that combat the threat that some people feel towards gays and lesbians.

*Keywords:* inclusive sex education, sexual prejudice, perceived threat, right-wing authoritarianism, social dominance orientation

## Introdução

No dia 19 de setembro de 2023, foi pautado na Câmara dos Deputados do Brasil o Projeto de Lei nº 5.167/2009 que visa proibir que uniões entre pessoas do mesmo gênero possam ter o *status* de casamento (Jordão, 2023). A votação do projeto foi adiada duas vezes após esse dia, mas ele já foi aprovado por uma das comissões da Câmara (Amorozo, 2023; Bandeira, 2023). Além de sofrerem ameaças de perder alguns de seus direitos conquistados, pessoas LGBTQIA+ no Brasil são constantemente vítimas de violência física e psicológica (Pinto et al., 2020) e de assassinatos motivados por sua orientação sexual, tendo sido registrados 228 homicídios de pessoas dessa comunidade apenas em 2022 (Acontece et al., 2023). Essa discriminação costuma ocorrer desde o período escolar, com pessoas LGBTQIA+ sendo alguns dos alvos mais frequentes de *bullying* (Souza et al., 2015), o que pode levar a maiores níveis de depressão e ideação suicida e menor autoestima entre esses estudantes (Russell et al., 2011).

Uma das formas utilizadas para combater este tipo de preconceito é a discussão da pauta da diversidade sexual nas escolas. Intervenções que buscam levar essa temática para o ambiente educacional já demonstraram ser eficazes no combate à discriminação e ao preconceito sexual, diminuindo a incidência de *bullying* homofóbico e os níveis de ideação suicida de estudantes não heterossexuais (Burk et al., 2018; Goldfarb & Lieberman, 2021; Proulx et al., 2019). Apesar disso, a Base Nacional Comum Curricular do Brasil não menciona a diversidade sexual e de gênero como um tema que deve ser debatido nas escolas (Brasil, 2018), e, apesar de a maior parte da população brasileira afirmar ser a favor de que essa temática seja incluída no currículo escolar, uma porcentagem expressiva (38,2%) ainda diz ser contra essa medida (Toledo, 2019). Esta é uma questão debatida também em outros países. Nos Estados Unidos, por exemplo, uma lei da Flórida proíbe, desde 2022, a

abordagem de temas relacionados à orientação sexual e identidade de gênero em escolas do estado (Tenente, 2022).

Nos estudos apresentados a seguir, tivemos a intenção de melhor compreender alguns fatores individuais e sociais que possam estar relacionados com a oposição à educação sexual inclusiva (isto é, uma educação que inclua debates acerca da diversidade sexual). Para isso, tivemos como base o Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito (Duckitt, 2001) e a Teoria da Ameaça Intergrupala (Stephan et al., 2016), que apresentam o autoritarismo de direita, a orientação à dominância social e a percepção de ameaça como fatores preditores das atitudes negativas frente às minorias sociais.

### **Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito**

De acordo com Duckitt (2001), o autoritarismo de direita (right-wing authoritarianism - RWA, na sigla em inglês) e a orientação à dominância social (social dominance orientation - SDO, na sigla em inglês) são atitudes ideológicas que predizem o nível de preconceito geral dos indivíduos contra grupos dos quais eles não fazem parte. Segundo o modelo proposto pelo autor, essa influência das duas atitudes ideológicas no preconceito ocorreria por motivações diferentes. O autoritarismo de direita diz respeito ao quanto as pessoas endossam a submissão às autoridades, os valores tradicionais e as ações punitivas e agressivas por parte das autoridades para manter a ordem social (Altemeyer, 1981), estando relacionado a um maior nível de conformismo social e a uma visão do mundo enquanto um lugar perigoso. Esses aspectos motivam os indivíduos com maior autoritarismo a buscarem nas autoridades e nos valores conservadores uma maior segurança e controle sobre o meio social. Isso se refletiria, então, em atitudes mais negativas frente a grupos considerados perigosos à segurança coletiva, menos submissos às autoridades e/ou desviantes das normas sociais (Duckitt & Sibley, 2007).

Por sua vez, a orientação à dominância social, que reflete uma preferência do indivíduo pela manutenção da hierarquia social entre grupos e uma oposição ao ideal de igualdade (Pratto et al., 1994), teria relação com um menor nível de empatia e com a crença de que o mundo é um lugar de competitividade impiedosa, em que as pessoas devem buscar ter poder e dominação sobre os outros, e esses fatores motivariam os indivíduos a defenderem a hierarquização e as desigualdades sociais. Assim, pessoas com maiores níveis de SDO estariam mais propensas a terem atitudes negativas frente a membros de grupos sociais considerados inferiores e/ou que desafiam a hierarquia social estabelecida (Duckitt & Sibley, 2007).

Corroborando o modelo, diversos estudos já encontraram evidências de que o autoritarismo de direita e a orientação à dominância social predizem o preconceito e a discriminação contra diferentes grupos. Em um estudo longitudinal, Asbrock et al. (2010) observaram que o RWA predisse positivamente atitudes negativas em relação a grupos considerados perigosos (*e.g.*, criminosos violentos e traficantes de drogas), enquanto pessoas com maior SDO apresentaram mais preconceito contra grupos considerados inferiores (*e.g.*, pessoas com deficiência mental e desempregados). Ambos, RWA e SDO, predisseram o preconceito frente a grupos que desafiam as normas sociais e questionam a desigualdade, a exemplo de feministas e ativistas pelos direitos dos homossexuais. Ter maiores níveis nessas variáveis também prediz, por exemplo, o quanto as pessoas têm preconceito contra imigrantes (Asbrock et al., 2012; Caricati et al., 2017; Vallejo-Martín et al., 2021) e apoiam medidas que dificultem a entrada deles em seu país (Craig & Richeson, 2014), além do quanto apresentam sentimentos negativos e preconceito contra muçulmanos (Granger et al., 2023; Matthews & Levin, 2012; Uenal, 2016).

O RWA e a SDO também se relacionam, mais especificamente, com o preconceito sexual. A título de exemplo, pessoas com maiores níveis nessas variáveis tendem a apoiar

mais ações de discriminação contra homossexuais, como rejeitar uma bolsa de estudos para alguém só por essa pessoa ser gay (Poteat et al., 2017) ou participar de manifestações que visam limitar os direitos de gays e lésbicas (Górska et al., 2022). Assim, levantamos a hipótese de que essas atitudes ideológicas também pudessem ter uma influência no quanto as pessoas apoiam ou não medidas que tentam incluir debates sobre diversidade sexual no currículo escolar.

### **O Papel Mediador da Percepção de Ameaça**

O autoritarismo de direita e a orientação à dominância social influenciam o nível de preconceito do indivíduo por motivações diferentes (Duckitt, 2001) e que têm efeitos distintos a depender de como o grupo-alvo é visto socialmente, isto é, se é visto como perigoso, inferior ou desviante das normas sociais (Asbrock et al., 2010; Cantal et al., 2015; Duckitt & Sibley, 2007). A partir disso, o Modelo do Processo Dual também propõe que os efeitos dessas duas atitudes ideológicas no preconceito são mediados por diferentes percepções acerca do grupo em questão. Enquanto o efeito do autoritarismo seria mediado pela percepção de que o outro grupo é uma ameaça à ordem social e à normas estabelecidas, o da dominância social seria mediado pela percepção de que o grupo-alvo representa uma competição para o endogrupo em termos de recursos econômicos e poder (Duckitt & Sibley, 2016).

Segundo a Teoria da Ameaça Intergrupala (Stephan et al., 2016), membros de um certo grupo podem se perceber ameaçados por um outro grupo principalmente de duas formas: eles podem sentir que o exogrupo ameaça os seus valores, costumes e cultura, o que seria denominado pelos autores como uma ameaça simbólica; ou podem acreditar que o exogrupo representa uma ameaça aos seus recursos econômicos e posição de poder na sociedade, o que seria chamado de uma ameaça realista. Assim, partindo do que é colocado pelo Modelo do Processo Dual (Duckitt & Sibley, 2016), pessoas com maiores níveis de RWA estariam mais

propensas a serem preconceituosas contra um exogrupo caso o percebam como uma possível fonte de ameaça simbólica (ameaças aos valores sociais considerados tradicionais), enquanto pessoas com maior SDO tenderiam a ter mais atitudes negativas frente a um grupo por percebê-lo como uma potencial ameaça realista (ameaças aos recursos e poder do endogrupo).

Matthews e Levin (2012), por exemplo, observaram que participantes estadunidenses com maior RWA perceberam mais ameaça simbólica (mas não econômica) frente a muçulmanos e que isso os levou a ter mais sentimentos de raiva e nojo em relação a esse grupo. Ao mesmo tempo, participantes com maior SDO perceberam mais ameaça econômica (mas não simbólica) diante dos muçulmanos e isso também os fez ter mais sentimentos negativos contra eles. Duckitt (2006) também demonstrou que o efeito do RWA no preconceito contra grupos considerados desviantes das normas sociais é mediado pela percepção de que esses grupos ameaçam os valores e costumes da sociedade. Além disso, mostrou que a SDO teve um efeito positivo no preconceito contra grupos considerados inferiores, sendo esse efeito mediado pela percepção de que tais grupos podem representar uma competição para o endogrupo em termos de recursos materiais. Também já foi observado um efeito indireto do autoritarismo de direita no preconceito contra homossexuais, mediado pela percepção de ameaça simbólica (Rios, 2013). No entanto, não encontramos estudos que testassem especificamente o possível papel mediador da percepção de ameaça realista na relação entre SDO e preconceito sexual.

A percepção de ameaça frente a um grupo minoritário pode ser ainda maior se o indivíduo tiver a impressão de que essa minoria está sendo ou pode vir a ser mais incluída socialmente. Esse efeito da inclusão de um grupo na ameaça que se sente em relação a ele costuma ser ainda maior entre aqueles que defendem valores mais conservadores e autoritários e o status do seu próprio grupo na sociedade. Kauff et al. (2013) observaram que

ênfatisar a noção de multiculturalismo - isto é, a ideia de que imigrantes devem ser integrados à cultura do país que os recebe enquanto ainda mantêm costumes de sua cultura de origem - fez com que os participantes se sentissem mais ameaçados por imigrantes e, conseqüentemente, que expressassem mais preconceito contra esse grupo. No entanto, esses efeitos do multiculturalismo na ameaça e no preconceito só ocorreram entre pessoas com maiores níveis de RWA. Além disso, pessoas brancas com mais crenças justificadoras do *status* do seu grupo na sociedade (ou seja, que acreditavam mais que a posição dos brancos na sociedade é justificada e legítima), quando leram uma reportagem sobre o progresso social de pessoas negras nos Estados Unidos em anos recentes, reportaram sentir mais que brancos são alvos de racismo na sociedade, do que quando leram uma reportagem que não falava sobre esse assunto. Já entre as pessoas brancas que tinham um nível baixo de crenças justificadoras do seu *status*, ler sobre o progresso de pessoas negras não afetou o quanto elas acreditavam que brancos sofrem ou não racismo (Wilkins & Kaiser, 2014). Assim, além de testarmos se os efeitos de RWA e SDO no apoio à educação sexual inclusiva seriam mediados pela percepção de ameaça frente a homossexuais, também investigamos se pessoas com maiores níveis de autoritarismo e dominância social iriam se sentir mais ameaçadas diante da maior inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade e se isso as faria apoiar menos a educação sexual inclusiva.

### **A Presente Pesquisa**

Apesar da importância da implementação de medidas de educação sexual inclusiva para o combate ao preconceito sexual nas escolas, não encontramos estudos que investigassem possíveis fatores que influenciariam uma rejeição a essas medidas. Também há uma falta de estudos que testem o papel mediador da ameaça no efeito da SDO em atitudes relacionadas ao preconceito sexual. Na presente pesquisa, buscamos testar se o Modelo do Processo Dual também seria capaz de explicar, pelo menos em parte, a falta de apoio a uma

medida de inclusão de pessoas homossexuais. Sendo assim, tivemos como objetivo geral investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva. Para isso, objetivamos:

a) analisar se a percepção de ameaça em relação a homossexuais medeia os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva;

b) identificar se as percepções de ameaça simbólica e realista em relação a homossexuais medeiam diferentemente os efeitos de RWA e SDO no apoio à educação sexual inclusiva;

c) e avaliar se os níveis dos indivíduos em RWA e SDO afetam o quanto eles irão se sentir ameaçados diante de um cenário de maior inclusão social de pessoas da comunidade LGBTQIA+.

Considerando a literatura apresentada, esperávamos que:

Hipótese 1: O RWA (H1a) e a SDO (H1b) tivessem efeitos negativos no apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 2: o efeito do RWA no apoio à educação sexual inclusiva fosse mediado pela percepção de ameaça simbólica em relação a homossexuais, com RWA predizendo uma maior percepção de ameaça deste tipo, o que levaria a menos apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 3: o efeito de SDO seria mediado pela percepção de ameaça realista, também com SDO aumentando a percepção de ameaça deste tipo, e isto levando a menos apoio à educação sexual inclusiva.

Hipótese 4: pessoas com maior RWA (*vs.* aquelas com menor RWA) perceberiam mais ameaça simbólica diante de uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+ .

Hipótese 5: pessoas com maior SDO (*vs.* aquelas com menor SDO) perceberiam mais ameaça realista diante de uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+.

Para testarmos essas hipóteses, realizamos dois estudos. No Estudo 1, de natureza correlacional, testamos se a percepção de ameaça mediaria os efeitos de RWA e SDO no quanto os participantes apoiariam a educação sexual inclusiva. No Estudo 2, investigamos se participantes que lessem sobre a maior inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade brasileira nos últimos anos se sentiriam mais ameaçados por pessoas homossexuais e se isso as faria apoiar menos a educação sexual inclusiva. Também analisamos se esse possível efeito seria moderado pelos níveis dos participantes em RWA e SDO.

### **Estudo 1**

No primeiro estudo, testamos as Hipóteses 1, 2 e 3. Para isso, mensuramos os níveis dos participantes no autoritarismo de direita, na orientação à dominância social, na percepção de ameaça simbólica e realista frente a homossexuais e no apoio à educação sexual inclusiva. Em seguida, testamos o modelo proposto por meio da modelagem por equações estruturais. As hipóteses deste estudo foram pré-registradas na Open Science Framework (<https://osf.io/fwr6m>).

### **Método**

#### ***Participantes***

Participaram deste estudo 431 pessoas, mas, após a exclusão de pessoas não heterossexuais e/ou transgêneros, a amostra ficou com 308 pessoas cisgêneros e heterossexuais, com idades entre 18 e 72 anos ( $M = 26,03$ ,  $DP = 10,98$ ). A exclusão de pessoas LGBTQIA+ foi feita por a percepção de ameaça, por definição, ser algo que se sente diante de um exogrupo (Stephan et al., 2016). Assim, por pessoas da comunidade LGBTQIA+, mesmo as não homossexuais, provavelmente terem uma maior identificação com o grupo de gays e lésbicas, elas foram excluídas. Da amostra final, 133 pessoas eram do

gênero feminino e 175 eram do gênero masculino. A maioria dos participantes se identificaram como brancos (48,7%) ou pardos (39%) e afirmaram ter o ensino superior incompleto (59,7%). Quanto à religião, a maioria se identificou como católica (39,3%) ou disse não ter uma religião (31,6%). A maior parte dos respondentes afirmou que não têm filhos em idade escolar (74,4%). Os participantes também responderam, numa escala de 1 (esquerda) a 9 (direita), como se identificavam dentro do espectro político. A média, de 4,37 ( $DP = 2,17$ ), indicou que a maior parte acredita se alinhar mais com a esquerda. Isso se confirma quando observamos que 51% dos participantes marcaram uma opção que fica abaixo do ponto médio da escala de resposta, enquanto 27,5% marcaram alguma opção acima do ponto médio. A maioria (71,1%) respondeu ao questionário de maneira presencial, enquanto os outros 28,9% responderam pela versão *online*. Os dados foram coletados entre os meses de fevereiro e abril de 2023. O tamanho amostral para este estudo foi decidido antes da coleta, com base em uma regra de cinco participantes por parâmetro a ser estimado (Kline, 2011). De acordo com uma análise de poder realizada por meio do pacote *semPower*, no R, este tamanho amostral nos deu um poder de mais de 99% de detectar um *Root-Mean-Square Error of Approximation* (RMSEA) de 0,06.

### ***Procedimentos***

O questionário foi aplicado tanto de forma *online*, quanto presencial. A versão presencial foi aplicada em salas de aula de uma universidade, com os participantes respondendo ao questionário impresso de forma individual. A versão *online* do questionário continha o mesmo conteúdo do formulário impresso e foi colocada na plataforma Google Forms, sendo divulgada nas redes sociais. Os participantes, tanto os que responderam a versão impressa, quanto a virtual, começavam lendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e comunicando o seu consentimento em participar da pesquisa. Depois respondiam às medidas de autoritarismo de direita, orientação à dominância social, percepção

de ameaça frente a homossexuais e apoio à educação sexual inclusiva. Por fim, eles forneciam informações sociodemográficas a respeito do seu gênero, idade, orientação sexual, raça/etnia, escolaridade, religião, orientação política e se tinham ou não filhos em idade escolar.

### ***Instrumentos***

**Autoritarismo de Direita.** Medimos o nível de RWA dos participantes com itens da versão da Escala de Autoritarismo de Direita de Duckitt et al. (2010), adaptada para o contexto brasileiro por Vilanova et al. (2018). A escala adaptada contém quatro fatores: Autoritarismo, que é a tendência a apoiar medidas punitivas severas e a retirada de liberdades civis ( $\alpha = 0,71$ ; *e.g.*, “Do jeito que as coisas estão indo nesse país, serão necessárias medidas severas para endireitar os meliantes, os criminosos e os perversos”); Contestação à Autoridade, que é um fator com itens invertidos em relação à direção dos outros fatores da escala, e está associado à tendência a criticar, desafiar e protestar contra as autoridades ( $\alpha = 0,73$ ; *e.g.*, “Quanto maior o número de pessoas preparadas para desafiar o governo, melhor para a sociedade”); Tradicionalismo, que é a tendência a defender valores morais tradicionais ( $\alpha = 0,78$ ; *e.g.*, “Não há nada de errado com sexo antes do casamento”, item invertido); e Submissão à Autoridade, que é a propensão a obedecer e respeitar as autoridades ( $\alpha = 0,76$ ; *e.g.*, “O segredo para uma boa vida é a obediência àqueles que estão no controle”). Com o intuito de reduzir a quantidade de itens no questionário e evitar uma possível fadiga dos respondentes, selecionamos 16 itens dos 34 presentes na versão brasileira da escala. Para isso, selecionamos quatro itens de cada fator, escolhendo aqueles que tiveram as maiores cargas em seus respectivos fatores no estudo de validação do instrumento no Brasil (Vilanova et al., 2018). Os 16 itens escolhidos apresentaram uma boa consistência interna ( $\alpha = 0,72$ ).

**Orientação à Dominância Social.** A SDO foi mensurada por meio da versão reduzida da Escala de Orientação à Dominância Social (SDO<sub>7</sub>; Ho et al., 2015), validada no

Brasil por Vilanova et al. (2022). A versão reduzida da escala contém oito itens ( $\alpha = 0,79$ ), divididos em dois fatores: Dominância, relacionada à preferência por hierarquias grupais, com opressão dos grupos subordinados ( $\alpha = 0,79$ ; *e.g.*, “Provavelmente é bom que alguns grupos estejam em posições superiores e outros em posições inferiores na sociedade”); e Anti-Igualitarismo, associado à preferência pela desigualdade entre grupos ( $\alpha = 0,64$ ; *e.g.*, “É injusto tentar fazer com que os grupos sejam iguais”). Os participantes responderam os itens desta medida em uma escala de resposta de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente).

**Percepção de Ameaça.** Utilizamos a Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais, apresentada no capítulo anterior desta dissertação. Como reportamos anteriormente, a escala é uma adaptação das medidas de Gulevich et al. (2018) e Infante et al. (2022) e tem 14 itens ( $\alpha = 0,91$ ) divididos entre ameaça simbólica ( $\alpha = 0,85$ ; *e.g.*, “Os homossexuais são uma ameaça para a família tradicional”), que é o quanto os respondentes acreditam que gays e lésbicas são uma ameaça aos valores e costumes sociais, e ameaça realista ( $\alpha = 0,88$ ; *e.g.*, “Muito dinheiro dos contribuintes é gasto em assistência pública para pessoas homossexuais, quando poderia estar sendo usado para o resto da população”), referente ao quanto homossexuais supostamente ameaçam os recursos econômicos e políticos de heterossexuais.

**Apoio à Educação Sexual Inclusiva.** Para a mensuração da variável dependente, construímos quatro itens, que foram testados de antemão com os mesmos participantes do estudo de validação da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais. Os itens apresentam situações hipotéticas que podem acontecer numa escola, relacionadas à inclusão da pauta da diversidade sexual no currículo educacional. Após lerem cada uma das situações, os participantes deveriam decidir o quanto concordavam com as atitudes dos personagens apresentados. Uma análise fatorial exploratória apontou que a escala tem uma estrutura

unifatorial. Além disso, ela demonstrou ter uma consistência interna satisfatória no presente estudo ( $\alpha = 0,74$ ). Os itens desta medida e suas cargas fatoriais no estudo preliminar estão apresentados no Apêndice D.

Com exceção da Escala de Orientação à Dominância Social, todos os instrumentos foram respondidos pelos participantes em escalas de resposta de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

### ***Análise de Dados***

Para todas as análises, excluímos casos com escores na variável dependente acima ou abaixo de três desvios-padrão em relação à média ( $n = 4$ ). Executamos análises de correlação entre as variáveis no JASP (versão 0.16.4.0). Com o pacote *lavaan* no R, analisamos o modelo proposto, com RWA e SDO como variáveis independentes, percepção de ameaças simbólica e realista como mediadoras, e o apoio à educação sexual inclusiva como variável dependente. Utilizamos o estimador *Weighted Least Squares Means and Variance Adjusted* (WLSMV), considerando que os instrumentos usados tinham escalas de resposta tipo Likert. Para avaliarmos o ajuste do modelo, além do qui-quadrado, analisamos os índices *Comparative Fit Index* (CFI), *Tucker-Lewis Index* (TLI), *Standardized Root Mean Square Residual* (SRMR) e RMSEA. Seguindo as recomendações de Hu e Bentler (1999), consideramos como satisfatórios valores de CFI e TLI próximos ou acima de 0,95, SRMR próximos ou abaixo de 0,08 e RMSEA próximos ou abaixo de 0,06. Porém, são considerados aceitáveis também valores de TLI e CFI entre 0,90 e 0,95 e RMSEA abaixo de 0,08 - especialmente se o limite superior do intervalo de confiança de 90% do RMSEA se mantiver abaixo desse valor (Brown, 2015). A inclusão do SRMR é particularmente relevante, considerando que este índice demonstrou ser menos afetado por métodos de estimação utilizados para dados ordinais (Shi & Maydeu-Olivares, 2019). Casos com dados faltantes foram excluídos pelo método *pairwise* nas análises de correlação, e pelo método *listwise* na

testagem do modelo. O banco de dados utilizado nas análises, os *scripts* do teste do modelo e da análise de poder no R, e os resultados das análises no JASP estão disponíveis em <https://osf.io/w9uva/>.

## Resultados

### *Análises de Correlação*

Como mostra a Tabela 1, todas as variáveis investigadas apresentaram correlações significativas entre si. Assim, quanto maiores os níveis de RWA e SDO dos participantes, maiores também os seus níveis de percepção de ameaça simbólica e realista frente a homossexuais e menor o seu apoio à educação sexual inclusiva. Da mesma forma, quanto maiores os níveis de percepção de ameaça dos indivíduos, menos eles apoiavam uma educação sexual inclusiva. Considerando as correlações significativas entre RWA e ameaça realista e entre SDO e ameaça simbólica, incluímos, no modelo a ser testado, além das relações já hipotetizadas, os efeitos da ameaça realista no RWA e da ameaça simbólica na SDO.

### Tabela 1

*Correlações e Estatísticas Descritivas de RWA, SDO, Percepção de Ameaça e Apoio à Educação Sexual Inclusiva*

	1	2	3	4	5
1. RWA					
2. SDO	0,37				
3. Percepção de ameaça simbólica	0,52	0,31			
4. Percepção de ameaça realista	0,43	0,47	0,51		

	1	2	3	4	5
5. Apoio à educação sexual inclusiva	-0,48	-0,41	-0,59	-0,60	
Média	2,33	2,84	1,56	1,65	4,40
Desvio-padrão	0,54	1,21	0,82	0,76	0,81

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. SDO: orientação à dominância social. Todas as correlações apresentadas são significativas no nível  $p < 0,001$ .

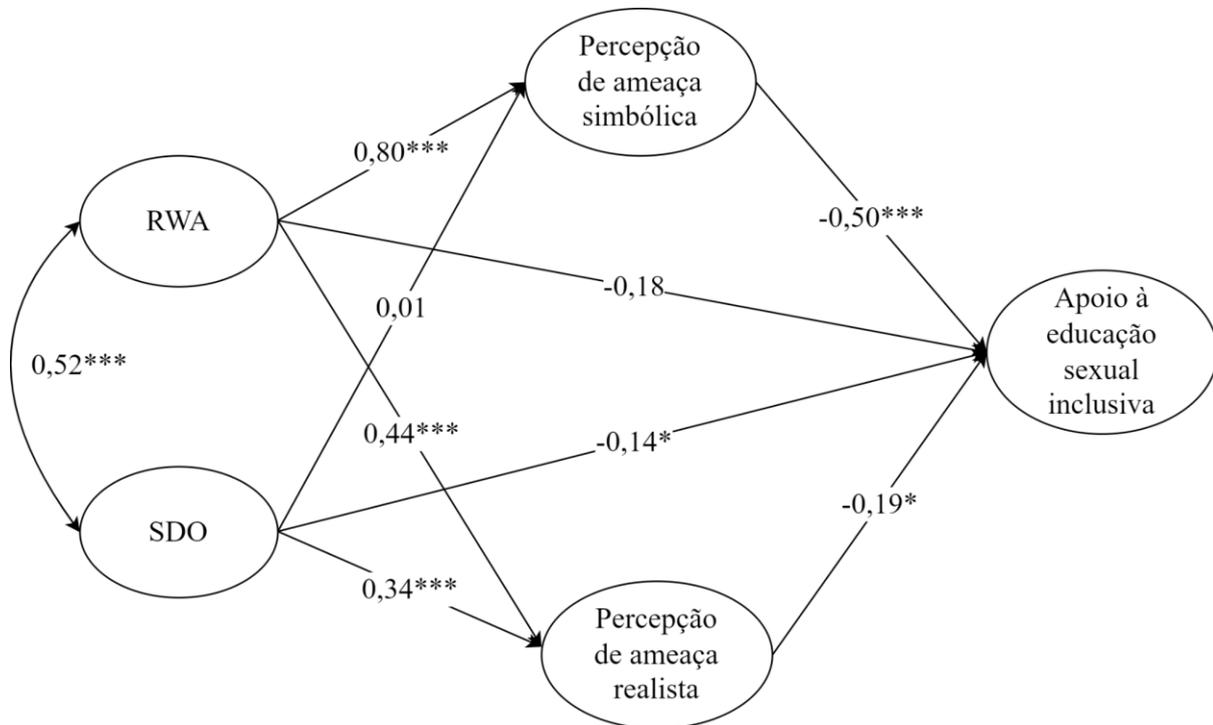
### ***Teste do Modelo***

O primeiro teste do modelo mostrou que ele obteve um ajuste abaixo do satisfatório,  $\chi^2(809) = 2053, p < 0,001$ ; CFI = 0,879; TLI = 0,872; SRMR = 0,101; RMSEA = 0,095, 90% IC [0,091, 0,098]. Observamos, porém, que os quatro itens do fator Contestação à Autoridade, na medida de autoritarismo de direita, não apresentaram cargas satisfatórias no fator geral de RWA ( $\beta < 0,28$ ). Possíveis motivos para a relação fraca deste fator com o construto geral serão debatidas na seção de Discussão Geral. Assim, decidimos testar o modelo sem estes itens. O modelo reespecificado apresentou uma melhoria no ajuste, ainda que os índices tenham se mantido abaixo do satisfatório,  $\chi^2(655) = 1622,5, p < 0,001$ ; CFI = 0,904; TLI = 0,896; SRMR = 0,096; RMSEA = 0,085, 90% IC [0,081, 0,09]. Analisando os índices de modificação sugeridos para a melhoria do modelo, observamos que a maioria dos índices mais altos recomendavam a adição ao modelo de covariâncias entre itens de um mesmo fator, em especial, do fator de Submissão à Autoridade na medida de RWA, e do fator de Dominância da escala de SDO. Considerando que estes itens já tinham uma relação teórica, por serem parte do mesmo fator, adicionamos ao modelo covariâncias entre os itens de Submissão à Autoridade e entre os de Dominância. Com isso, o ajuste melhorou e os valores de CFI, TLI e RMSEA mostraram-se aceitáveis,  $\chi^2(643) = 1273,05, p < 0,001$ ; CFI =

0,937; TLI = 0,931; SRMR = 0,085; RMSEA = 0,064, 90% IC [0,06, 0,069]. O modelo testado está representado na Figura 1.

**Figura 1**

*Efeitos de RWA, SDO e percepção de ameaça no apoio à educação sexual inclusiva*



*Nota.* RWA: autoritarismo de direita (right-wing authoritarianism). SDO: orientação à dominância social (social dominance orientation). Os coeficientes apresentados estão padronizados. Todos os itens neste modelo carregaram significativamente nos seus respectivos construtos ( $0,25 < \beta < 0,91$ ). \* $p < 0,05$ ; \*\*\* $p < 0,001$ .

Tanto o autoritarismo de direita ( $\beta = -0,66$ ,  $b = -0,93$ ,  $EP = 0,13$ ,  $p < 0,001$ , 95% IC [-1,19, -0,68]), quanto a orientação à dominância social ( $\beta = -0,21$ ,  $b = -0,23$ ,  $EP = 0,08$ ,  $p = 0,003$ , 95% IC [-0,37, -0,08]) tiveram efeitos totais negativos significativos no apoio à educação sexual inclusiva. Estes resultados corroboram a Hipótese 1. O efeito do RWA foi mediado pela percepção de ameaça simbólica ( $\beta = -0,39$ ,  $b = -0,56$ ,  $EP = 0,14$ ,  $p < 0,001$ ,

95% IC [-0,83, -0,28]). Como é possível observar na Figura 1, indivíduos com maior autoritarismo de direita tenderam a perceber mais os homossexuais como uma ameaça aos valores e costumes da sociedade, e isso os fez apoiar menos medidas de educação sexual inclusiva. Assim, a Hipótese 2 também foi corroborada. No entanto, houve ainda um efeito indireto não hipotetizado previamente, pois, da mesma forma, a percepção de ameaça realista mediou o efeito do RWA ( $\beta = -0,09$ ,  $b = -0,12$ ,  $EP = 0,06$ ,  $p = 0,030$ , 95% IC [-0,23, -0,01]). Similarmente, quanto maior o RWA dos participantes, maior a tendência de reportarem que gays e lésbicas ameaçam os recursos econômicos e políticos de heterossexuais, e isso também se refletiu em um menor apoio à educação sexual inclusiva nas escolas. Com a adição das variáveis mediadoras no modelo, o efeito direto do RWA neste apoio tornou-se não significativo, como mostra a Figura 1.

O efeito da SDO, por outro lado, foi mediado apenas pela percepção de ameaça realista ( $\beta = -0,07$ ,  $b = -0,07$ ,  $EP = 0,03$ ,  $p = 0,032$ , 95% IC [-0,13, -0,01]), e não pela simbólica ( $\beta = -0,01$ ,  $b = -0,01$ ,  $EP = 0,04$ ,  $p = 0,881$ , 95% IC [-0,08, 0,07]). Quanto mais os participantes defendiam a existência de uma hierarquia entre os grupos sociais, mais eles tendiam a acreditar em uma ameaça econômica e política por parte dos homossexuais, e assim apoiavam menos a educação sexual inclusiva. Estes resultados dão suporte à Hipótese 3. A ameaça realista mediou apenas parcialmente o efeito da SDO, com o efeito direto desta variável se mantendo significativo. Além disso, as duas dimensões da percepção de ameaça se correlacionam significativamente ( $r = 0,52$ ,  $p < 0,001$ ).

## **Discussão**

Os resultados corroboram as hipóteses testadas e, assim, reforçam a ideia de que o RWA influencia atitudes frente a minorias por meio da percepção de que estes grupos ameaçam os valores e padrões sociais, enquanto a SDO prediz atitudes negativas em relação a certos grupos através de uma percepção de que eles podem competir pelos recursos

econômicos e políticos do endogrupo (Duckitt & Sibley, 2016). Mais especificamente, no nosso estudo, perceber gays e lésbicas como possíveis ameaças simbólicas e realistas aos heterossexuais e à sociedade em geral fez com que pessoas com maiores níveis de autoritarismo e dominância social se sentissem menos inclinadas a apoiar uma política que visa incluir mais essa minoria e combater o preconceito contra ela. A correlação entre as percepções de ameaça simbólica e realista já era esperada, visto que foi observada em estudos anteriores (*e.g.*, Stephan et al., 1999).

No entanto, observamos que a percepção de ameaça realista também mediou o efeito do RWA, o que não era esperado. Embora haja evidências de que pessoas com maior autoritarismo de direita tendem a ser mais preconceituosas contra grupos minoritários mais pela suposta ameaça simbólica ou à segurança coletiva que eles podem representar, e não tanto por uma ameaça ao poder econômico e político que colocam (Crowson, 2009; Duckitt, 2006; Matthews & Levin, 2012), Duckitt (2006) discute também que um grupo ser visto como competitivo em termos econômicos e políticos pode estar relacionado com o quanto ele é visto como uma ameaça aos costumes sociais. No contexto do nosso estudo, é possível que pensar que homossexuais estão tomando o espaço de heterossexuais na política e recebendo mais recursos econômicos tenha tido uma ligação com perceber esse grupo como em uma melhor posição para destruir valores e normas tradicionais, e isso pode ter feito pessoas com maior RWA se sentirem ameaçadas tanto na dimensão simbólica, quanto na realista.

Embora, de forma geral, as relações esperadas entre RWA, SDO, percepção de ameaça e apoio à educação sexual inclusiva tenham se confirmado neste estudo, é preciso lembrar que ele teve natureza correlacional e, portanto, seria importante testar as relações entre estas variáveis também em um contexto experimental. Por isso, no segundo estudo, investigamos como RWA e SDO poderiam afetar o nível de ameaça dos participantes frente a

homossexuais em contextos em que se enfatizaria ou não uma maior inclusão social deste grupo.

## **Estudo 2**

No segundo estudo, testamos as Hipóteses 4 e 5. Manipulamos experimentalmente se os participantes leriam ou não um texto enfatizando o quanto pessoas LGBTQIA+ no Brasil têm sido mais incluídas socialmente nos últimos anos. Considerando que pessoas com maiores níveis de RWA e SDO teoricamente tendem a se sentir mais ameaçadas diante de certos grupos minoritários (Duckitt, 2006) e que a possibilidade de aumentar a inclusão social de uma minoria pode fazer com que pessoas que não fazem parte dela se sintam mais ameaçadas e apoiem menos essa inclusão (Kauff et al., 2013; Wilkins & Kaiser, 2014), esperávamos que pessoas com maior RWA e SDO se sentissem especialmente ameaçadas diante de uma maior inclusão de gays e lésbicas, e que isso as fizesse apoiar menos a educação sexual inclusiva. Já entre as pessoas com menores níveis nessas variáveis, acreditávamos que ler sobre uma maior inclusão de pessoas LGBTQIA+ não aumentaria a sua percepção de ameaça frente a homossexuais e, portanto, não afetaria o quanto elas apoiam a educação sexual inclusiva. Este estudo foi pré-registrado na Open Science Framework (<https://osf.io/d8y54>).

## **Método**

### ***Participantes e Desenho Experimental***

O estudo teve 602 participantes, mas 111 destes foram excluídos por serem não heterossexuais e/ou serem transgêneros. Assim, a amostra final ficou com 491 participantes cisgêneros e heterossexuais, entre 18 e 89 anos ( $M = 56,58$ ,  $DP = 13,37$ ). Eles foram alocados aleatoriamente a uma de duas condições: a de controle ( $n = 248$ ) e a de ênfase na inclusão de pessoas LGBTQIA+ ( $n = 243$ ). Desse total, 377 se identificaram como mulheres, e 114 como homens. A maioria se identificou como branca (69,9%), disse ter terminado pós-graduação

(35,8%) ou algum curso de graduação (31,4%), declarou ser católico (32,4%) ou não ter uma religião (27,3%), e não tinha filhos em idade escolar (77%). De 1 (nada religioso) a 9 (muito religioso), os respondentes apresentaram uma média de 5,47 ( $DP = 2,86$ ) no nível de religiosidade. Além disso, eles declararam como se identificavam politicamente numa escala de 1 (esquerda) a 9 (direita), e demonstraram uma tendência maior a se dizerem mais próximos da esquerda política ( $M = 4,20$ ,  $DP = 2,91$ ).

Os dados foram coletados entre os meses de julho e setembro de 2023. Anteriormente à coleta de dados, calculamos, por meio do pacote *WebPower* (Zhang & Yuan, 2018) no R, o tamanho amostral de que precisaríamos para atingirmos um poder satisfatório para nossas análises de mediação moderada, com um efeito de moderação na relação entre a VI (no nosso caso, a manipulação) e a variável mediadora. Os resultados mostraram que 345 participantes já seriam suficientes para obtermos um poder de 95% em detectar um coeficiente de efeito indireto da VI na VD de 0,04 ou maior, um poder de 90% em detectar um coeficiente de efeito direto da VI na VD de 0,2, e um poder de 80% em detectar um coeficiente de regressão da mediadora na interação entre a VI e a moderadora de 0,2.

### ***Procedimentos***

Os participantes responderam um questionário *online* na plataforma *Qualtrics*. O questionário foi divulgado por meio de redes sociais. Os respondentes iniciavam o questionário lendo o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e informando o seu consentimento em participar da pesquisa. Depois, respondiam às medidas de autoritarismo de direita e orientação à dominância social. Após isso, liam o conteúdo da manipulação referente à condição na qual haviam sido alocados. Na condição de controle, os participantes liam um trecho de reportagem fictícia que falava sobre as condições de vida dos brasileiros em geral na última década, focando em melhorias nas taxas de emprego, consumo e acesso a recursos básicos. Na condição de inclusão, liam um trecho de reportagem fictício acerca da maior

inclusão de pessoas LGBTQIA+ no Brasil na última década, com ênfase no maior número de políticas voltadas para a diversidade sexual em empresas, na quantidade de casamentos entre pessoas do mesmo sexo e no aumento de pessoas da comunidade eleitas para o Congresso. Neste texto da condição de inclusão, houve um cuidado de se evitar comparações diretas entre os recursos e costumes de homossexuais com os de heterossexuais, numa tentativa de não manipular a ameaça diretamente. Apesar dos trechos utilizados serem fictícios, os dados colocados nos textos foram tirados de fontes reais. O conteúdo de cada manipulação é apresentado no Apêndice E.

A eficácia da manipulação foi testada em um pré-teste que contou com 72 participantes. Os resultados apontaram que a manipulação não teve o efeito esperado de aumentar a percepção dos participantes de que pessoas LGBTQIA+ estão sendo mais incluídas socialmente, em comparação com a condição de controle. O método e os resultados desse pré-teste são apresentados no Apêndice F. Por esse motivo, o conteúdo das reportagens passou por modificações após o pré-teste, com o acréscimo de mais dados sobre a inclusão da comunidade LGBTQIA+ na condição experimental.

Depois de lerem o trecho de reportagem, os participantes respondiam os instrumentos de apoio à educação sexual inclusiva e percepção de ameaça frente a homossexuais. Em seguida, como parte do processo de checagem da manipulação, eles respondiam uma medida de percepção da inclusão de pessoas homossexuais, além de uma questão em que deveriam dizer sobre o que era a reportagem que haviam lido (se sobre os brasileiros no geral, ou sobre brasileiros LGBTQIA+). Por fim, informaram dados sociodemográficos acerca do seu gênero, idade, escolaridade, religião, orientação sexual, grau de religiosidade, identificação política, e se tinham filhos em idade escolar. No final do questionário, eles liam uma mensagem de *debriefing*, esclarecendo melhor os objetivos da pesquisa e explicando que o trecho de reportagem lido era fictício.

### ***Instrumentos***

As medidas utilizadas foram as mesmas do Estudo 1, com a exceção de que, neste estudo, acrescentamos, como parte do processo de checagem da manipulação, um instrumento para mensurar a percepção dos participantes do quanto pessoas homossexuais têm sido mais incluídas socialmente no Brasil nos últimos anos. Esta medida continha quatro itens ( $\alpha = 0,66$ ; *e.g.*, “Nas últimas décadas, foi feito muito progresso em direção à igualdade para pessoas homossexuais no Brasil”), adaptados de Wilkins e Kaiser (2014). De acordo com uma análise feita no pré-teste da manipulação (Apêndice F), os quatro itens carregaram satisfatoriamente em um único fator. Os participantes responderam este instrumento em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Considerando que, no estudo anterior, observamos uma relação fraca do fator de Contestação à Autoridade com a escala geral de RWA, decidimos, antes das análises neste estudo, realizar análises fatoriais confirmatórias com todas as medidas utilizadas. Os resultados, no geral, demonstraram que os itens carregaram satisfatoriamente nos seus respectivos construtos. A exceção foi, novamente, os quatro itens do fator de Contestação à Autoridade, que apresentaram cargas baixas ( $\beta < 0,17$ ) no fator geral de RWA. Por isso, para todas as análises relatadas a seguir, retiramos estes itens do cálculo do escore geral de RWA dos participantes. Sem esses itens, a medida de autoritarismo de direita mostrou ter uma consistência interna satisfatória ( $\alpha = 0,79$ ). Ainda que esses itens tenham sido retirados das análises, a medida de RWA manteve itens dos três fatores do instrumento original (Duckitt et al., 2010), referentes a um maior tradicionalismo, autoritarismo e submissão às autoridades. Os itens do fator excluído, no instrumento original, eram apenas itens de submissão à autoridade com escores invertidos. Portanto, a exclusão deles não deve ter afetado a mensuração do construto geral, principalmente se considerarmos que, nesta amostra, os escores no RWA geral e no RWA sem este fator apresentaram uma alta correlação entre si ( $r$

= 0,90,  $p < 0,001$ ). As escalas de orientação à dominância social ( $\alpha = 0,76$ ), percepção de ameaça simbólica ( $\alpha = 0,89$ ) e realista ( $\alpha = 0,86$ ) e apoio à educação sexual inclusiva ( $\alpha = 0,80$ ) também obtiveram bons coeficientes de confiabilidade.

### ***Análise de Dados***

Excluimos das análises os casos de *outliers* (três ou mais desvios-padrão afastados da média) na variável dependente ( $n = 3$ ). Além disso, eliminamos aqueles que erraram a verificação da manipulação, que consistia em uma pergunta sobre de qual grupo falava o trecho da reportagem que haviam lido ( $n = 108$ ). Assim, ficamos com uma amostra de 380 participantes, sendo 160 na condição de controle e 220 na condição de inclusão. O fato de terem respondido esta pergunta de checagem da manipulação apenas depois de terem lido diversos itens acerca de pessoas homossexuais pode ter feito os participantes na condição de controle se confundirem e acharem que a questão estava perguntando sobre o que era os itens que eles haviam acabado de responder, e não a reportagem que haviam lido. É possível, portanto, que esse tenha sido o motivo para uma maior incidência de erro entre aqueles que estavam no grupo controle.

No programa SPSS (versão 26), realizamos testes-*t* para amostras independentes para fazer a checagem da manipulação (comparando os níveis de percepção de inclusão dos participantes nas duas condições) e para comparar as médias no apoio à educação sexual inclusiva e nas percepções de ameaça. Depois, testamos os modelos de mediação moderada com o Modelo 7 do PROCESS (Hayes, 2022). Nestas análises, colocamos a manipulação da inclusão como variável independente, as percepções de ameaça simbólica e realista como mediadoras, o apoio à educação sexual inclusiva como variável dependente, e o RWA (ou a SDO) como moderador do efeito da VI nas mediadoras.

Além disso, de forma exploratória, fizemos uma análise com o Modelo 9 do PROCESS, que é similar ao Modelo 7, mas permite a adição de mais de uma moderadora no

efeito da VI nas mediadoras. Assim, poderíamos observar também possíveis efeitos de interação entre as moderadoras. Os modelos testados estão representados graficamente no Apêndice G. Embora a moderação do RWA no efeito da VI na ameaça realista e a moderação da SDO no efeito da VI na ameaça simbólica não estivessem previstas nas hipóteses, decidimos testar também esses efeitos visto que, no Estudo 1, o RWA apresentou um efeito não previsto na ameaça realista. Para o cálculo dos coeficientes, intervalos de confiança e erros-padrão nas análises de mediação moderada, utilizamos o *BCa bootstrap*, com 5000 reamostragens. O banco de dados analisado, a saída das análises no SPSS e os *scripts* utilizados no R para as análises fatoriais confirmatórias e o cálculo do tamanho amostral foram disponibilizados em <https://osf.io/w9uva/>.

## **Resultados**

### ***Checagem da Manipulação***

A comparação dos níveis de percepção de inclusão entre as duas condições mostrou que participantes na condição de inclusão de fato perceberam uma maior inclusão social de gays e lésbicas no Brasil nos últimos tempos ( $M = 3,90$ ,  $DP = 0,72$ ) do que as pessoas na condição de controle ( $M = 3,71$ ,  $DP = 0,77$ ),  $t(378) = -2,383$ ,  $p = 0,018$ ,  $d = 0,246$ . Assim, consideramos que a manipulação da inclusão foi bem-sucedida, embora tenha apresentado um tamanho de efeito pequeno.

### ***Efeitos da Manipulação da Inclusão***

Não houve diferença significativa entre os níveis de apoio à educação sexual inclusiva na condição de inclusão ( $M = 4,23$ ,  $DP = 1,00$ ) e na de controle ( $M = 4,32$ ,  $DP = 0,95$ ),  $t(378) = 0,900$ ,  $p = 0,369$ ;  $d = 0,094$ . Também não houve diferença entre as médias de percepção de ameaça simbólica da condição de inclusão ( $M = 1,73$ ,  $DP = 0,96$ ) e da de controle ( $M = 1,67$ ,  $DP = 0,95$ ),  $t(378) = -0,560$ ,  $p = 0,576$ ;  $d = 0,058$ . O mesmo foi observado para a ameaça realista: pessoas na condição de inclusão ( $M = 1,80$ ,  $DP = 0,85$ ) não tiveram níveis

significativamente diferentes das na condição de controle ( $M = 1,79$ ,  $DP = 0,84$ ),  $t(378) = -0,139$ ,  $p = 0,890$ ;  $d = 0,015$ . Ainda assim, testamos os modelos de mediação moderada hipotetizados para investigar se esses efeitos da manipulação seriam diferentes de acordo com os níveis de autoritarismo de direita e orientação à dominância social dos participantes.

### ***Mediação Moderada***

Nas Tabelas 2 e 3, podemos observar que, no modelo com RWA como moderador nos efeitos da manipulação nas percepções de ameaça, o autoritarismo teve efeitos significativos positivos tanto na ameaça simbólica, quanto na ameaça realista frente a homossexuais. A manipulação da inclusão e a sua interação com RWA não tiveram efeitos significativos na percepção de ameaça dos participantes, mostrando que, além de não ter havido diferenças nos níveis de ameaça dos participantes nas duas condições, esse efeito não foi significativo independentemente do nível de RWA dos respondentes. Dessa forma, RWA não moderou os efeitos da inclusão nas ameaças e a Hipótese 4 não foi corroborada.

**Tabela 2**

*Efeitos da Inclusão e do RWA na Percepção de Ameaça Simbólica*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,70*	0,06	28,84	1,59	1,82
Inclusão	0,01	0,08	0,07	-0,15	0,16
RWA	0,89*	0,09	10,37	0,70	1,06
Inclusão*RWA	-0,08	0,12	-0,73	-0,31	0,15

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

**Tabela 3**

*Efeitos da Inclusão e de RWA na Percepção de Ameaça Realista*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,81*	0,05	33,24	1,71	1,92
Inclusão	-0,03	0,07	-0,41	-0,17	0,11
RWA	0,79*	0,07	9,88	0,65	0,92
Inclusão*RWA	-0,18	0,09	-1,70	-0,36	0,01

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

Da mesma forma, nas Tabelas 4 e 5, percebe-se que SDO teve efeitos positivos nas ameaças simbólica e realista, mas a interação entre a manipulação e a SDO não teve efeitos significativos em nenhuma das duas ameaças. Portanto, SDO também não moderou o efeito da inclusão de pessoas LGBTQIA+ na percepção de ameaça frente a homossexuais, não corroborando a Hipótese 5.

**Tabela 4***Efeitos da Inclusão e de SDO na Percepção de Ameaça Simbólica*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,67*	0,07	23,62	1,54	1,82
Inclusão	0,06	0,09	0,56	-0,13	-0,24
SDO	0,25*	0,07	3,95	0,13	0,38
Inclusão*SDO	0,06	0,09	0,66	-0,11	0,23

*Nota.* SDO: orientação à dominância social. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

**Tabela 5***Efeitos da Inclusão e de SDO na Percepção de Ameaça Realista*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,79*	0,06	29,32	1,67	1,91
Inclusão	0,01	0,08	0,11	-0,15	0,17
SDO	0,33*	0,05	5,99	0,23	0,42
Inclusão*SDO	-0,06	0,07	-0,87	-0,19	0,08

*Nota.* SDO: orientação à dominância social. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

Portanto, a manipulação da inclusão de pessoas LGBTQIA+ não teve um efeito significativo na percepção de ameaça frente a homossexuais. Assim, como mostra a Tabela 6, embora a percepção de ameaça simbólica e a realista tenham tido efeitos negativos significativos no apoio à educação sexual inclusiva, essas ameaças não mediarão o efeito da inclusão nesse apoio, independentemente dos níveis de RWA e SDO dos participantes. Desse modo, não houve uma mediação pela percepção de ameaça simbólica moderada nem pelo autoritarismo de direita,  $b = 0,04$ ;  $EP = 0,06$ ; 95% BCa IC [-0,08, 0,17], nem pela orientação à dominância social,  $b = -0,03$ ;  $EP = 0,05$ ; 95% BCa IC [-0,13, 0,06]. Da mesma forma, nem o RWA,  $b = 0,06$ ;  $EP = 0,03$ ; 95% BCa IC [-0,002, 0,12], nem a SDO,  $b = 0,02$ ;  $EP = 0,02$ ; 95% BCa IC [-0,03, 0,06], moderaram o efeito indireto da inclusão por meio da ameaça realista. Também é possível observar que não houve o efeito direto da inclusão no apoio (Tabela 6). Assim, de forma geral, não houve efeito da manipulação de maior inclusão de pessoas LGBTQIA+ no apoio à educação sexual inclusiva.

**Tabela 6**

*Efeitos no Apoio à Educação Sexual Inclusiva*

	<i>b</i>	Erro-padrão	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
			Limite inferior	Limite superior
Constante	5,80*	0,08	5,64	5,95
Efeito direto da inclusão	-0,06	0,07	-0,19	0,08
Ameaça simbólica	-0,54*	0,06	-0,66	-0,42
Ameaça realista	-0,32*	0,07	-0,46	-0,19
Efeito indireto da inclusão pela ameaça simbólica (RWA -1DP)	-0,03	0,04	-0,12	0,04
Efeito indireto da inclusão pela ameaça simbólica (RWA na média)	-0,003	0,04	-0,09	0,08
Efeito indireto da inclusão pela ameaça simbólica (RWA +1DP)	0,03	0,08	-0,13	0,18
Efeito indireto da inclusão pela ameaça simbólica (SDO -1DP)	0,01	0,07	-0,12	0,13
Efeito indireto da inclusão pela ameaça simbólica (SDO na média)	-0,03	0,05	-0,13	0,07
Efeito indireto da inclusão pela ameaça	-0,06	0,09	-0,24	0,10

	<i>b</i>	Erro-padrão	Intervalo de Confiança BCa de 95%	
			Limite inferior	Limite superior
simbólica (SDO +1DP)				
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (RWA -1DP)	-0,03	0,02	-0,08	0,02
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (RWA na média)	0,01	0,02	-0,04	0,06
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (RWA +1DP)	0,05	0,04	-0,03	0,13
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (SDO -1DP)	-0,03	0,03	-0,09	0,04
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (SDO na média)	-0,003	0,03	-0,06	0,05
Efeito indireto da inclusão pela ameaça realista (SDO +1DP)	0,02	0,04	-0,07	0,10

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. SDO: orientação à dominância social. DP: desvio-padrão. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

### ***Análises Exploratórias***

Na análise com o Modelo 9 do PROCESS, observamos que também não houve moderação de RWA e SDO no efeito da inclusão na ameaça simbólica (Tabela 7) e na

realista (Tabela 8) quando as duas moderadoras foram incluídas de forma conjunta no modelo. Tanto RWA quanto SDO mantiveram seus efeitos significativos na ameaça realista (Tabela 8). Já em relação à ameaça simbólica, percebe-se que, quando RWA foi incluído no modelo, o efeito da SDO deixou de ser significativo (Tabela 7).

**Tabela 7**

*Efeitos da Inclusão, RWA e SDO na Percepção de Ameaça Simbólica*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,70*	0,06	29,01	1,58	1,82
Inclusão	0,01	0,08	0,10	-0,14	0,16
RWA	0,86*	0,10	9,31	0,65	1,05
Inclusão*RWA	-0,13	0,13	-1,11	-0,38	0,13
SDO	0,05	0,06	0,80	-0,07	0,18
Inclusão*SDO	0,07	0,08	0,93	-0,10	0,23

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. SDO: orientação à dominância social. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

**Tabela 8**

*Efeitos da Inclusão, RWA e SDO na Percepção de Ameaça Realista*

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
Constante	1,81*	0,05	33,98	1,71	1,91
Inclusão	-0,03	0,07	-0,36	-0,16	0,12

	<i>b</i>	Erro-padrão	<i>t</i>	Intervalo de confiança BCa de 95%	
				Limite inferior	Limite superior
RWA	0,68*	0,07	8,09	0,54	0,81
Inclusão*RWA	-0,16	0,10	-1,50	-0,35	0,04
SDO	0,16*	0,04	3,20	0,08	0,25
Inclusão*SDO	-0,03	0,07	-0,51	-0,16	0,10

*Nota.* RWA: autoritarismo de direita. SDO: orientação à dominância social. \*O intervalo de confiança não passa pelo zero.

## Discussão

Replicando o padrão dos resultados do Estudo 1, o RWA teve um efeito positivo em ambas as percepções de ameaça frente a homossexuais, enquanto a SDO, quando controlado o efeito do RWA, teve um efeito significativo apenas na ameaça realista. Essas ameaças, por sua vez, tiveram novamente efeitos negativos no apoio à educação sexual inclusiva. Já a ênfase na maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+, não teve efeito nem na percepção de ameaça, nem no apoio a discussões sobre diversidade sexual nas escolas. Diferentemente do que esperávamos, estes efeitos não foram significativos independentemente dos níveis de RWA e SDO dos participantes, o que mostra que indivíduos com maior RWA e SDO tenderam a perceber maior ameaça frente a homossexuais do que pessoas com menores níveis nessas variáveis, tanto quando se enfatizava que pessoas LGBTQIA+ estavam sendo mais incluídas, quanto quando não havia essa ênfase.

Isto pode significar que, independentemente de uma maior inclusão da minoria estar ocorrendo ou não na realidade, pessoas com maior RWA e SDO tendem a acreditar mais que este grupo é uma ameaça, enquanto aqueles com menores níveis nessas variáveis não se

sentem tão ameaçadas, mesmo quando percebem que aquele exogrupo está ascendendo socialmente. Pessoas com maior RWA, por exemplo, se mostram particularmente mais sensíveis a ameaças (Cohrs & Ibler, 2009; Schnelle et al., 2021), e Mirisola et al. (2014) argumentam que estes indivíduos mantêm um nível constante de maior autoritarismo justamente para lidarem com essa sensação de ameaça permanente.

Outra questão é que o conteúdo da reportagem na condição de inclusão pode ter ativado, para os participantes, a ideia de que a inclusão de pessoas LGBTQIA+ é, agora, a norma na sociedade brasileira. Considerando que indivíduos com maior RWA tendem a se conformar mais às normas sociais (Duckitt, 2001), e que perceber uma maior aceitação de uma certa minoria na sociedade pode diminuir o quanto pessoas com maior autoritarismo expressam o seu preconceito em relação a este grupo (Górska et al., 2022), isso pode ter feito com que, no nosso estudo, participantes com maiores níveis nessa variável, mesmo que tenham possivelmente se sentido mais ameaçados na condição de inclusão, tenham hesitado em demonstrar essa ameaça, por temerem não estar seguindo a norma. Mesmo que não necessariamente concordem com as normas colocadas (como a maior inclusão de pessoas LGBTQIA+), elas podem querer evitar, ao se depararem com instrumentos que estão explicitamente medindo a ameaça frente a homossexuais, serem julgadas ou sofrerem retaliação por não estarem seguindo o que parece ser a opinião da maioria. Pessoas mais preconceituosas, por exemplo, tendem a reprimir a expressão desse preconceito em contextos em que as normas sociais promovem a não discriminação contra grupos minoritários (Crandall & Eshleman, 2003).

### **Discussão Geral**

Os estudos relatados tiveram como objetivo geral investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva. Corroborando as Hipóteses 1, 2 e 3, o Estudo 1 mostrou que os efeitos negativos do

RWA e da SDO no apoio a medidas de educação sexual inclusiva foram mediados pelas percepções de ameaça frente a homossexuais. Mais especificamente, um maior autoritarismo de direita predisse maiores percepções de ameaça simbólica e realista, enquanto níveis mais altos de SDO predisseram maior ameaça realista. Já no Estudo 2, ter maior RWA e SDO (*vs.* ter um menor nível nestas variáveis) predisse uma maior percepção de ameaça independentemente de a pessoa ter sido exposta a uma manipulação enfatizando uma maior inclusão da comunidade LGBTQIA+ ou à condição controle. Assim, estes resultados não deram suporte às Hipóteses 4 e 5, já que esperávamos que maiores níveis em RWA e SDO predissessem uma percepção de ameaça significativamente maior apenas na condição de inclusão.

De modo geral, estes resultados estão de acordo com o que é colocado pelo Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito (Duckitt, 2001), pois mostram que, tanto defender um maior controle por parte das autoridades e valores tradicionais, quanto endossar a existência de uma hierarquia entre grupos sociais têm efeitos em como as pessoas irão avaliar uma política que visa diminuir o preconceito em relação a uma minoria. Além disso, os estudos reforçaram, em parte, o que o modelo defende acerca de como RWA e SDO têm efeitos nas atitudes negativas frente a grupos minoritários por caminhos diferentes, com esses efeitos sendo mediados por percepções distintas em relação ao grupo alvo (Duckitt, 2006; Duckitt & Sibley, 2016). Enquanto o autoritarismo de direita teve seu efeito no apoio à educação sexual inclusiva mediado principalmente pela percepção de ameaça simbólica, a SDO teve seu efeito mediado apenas pela ameaça realista (econômica e política).

Esta diferença poderia ser explicada por, comumente, pessoas com maior SDO terem mais preconceito frente a grupos que lhes parecem ameaçadores aos recursos econômicos e à posição de poder do seu endogrupo (Duckitt, 2006; Duckitt & Sibley, 2007), e por essa variável normalmente não estar associada a uma defesa de valores morais tradicionais

(Altemeyer, 1998; Duckitt, 2001), portanto, não tornando os indivíduos particularmente sensíveis a possíveis ameaças a esses valores. Os itens de ameaça simbólica traziam, por exemplo, ideias como a de “família tradicional” e discussões sobre o que seria ou não uma forma de sexualidade natural ou uma “perversão sexual”, sendo estas provavelmente questões que seriam mais relevantes a alguém que está preocupado em defender valores convencionais, como pessoas com maior RWA. Ademais, nos últimos anos, tem ganhado força no Brasil um discurso, por parte de movimentos de extrema direita, ligando pessoas LGBTQIA+ a uma ameaça às famílias, em especial às crianças, e aos papéis tradicionais de gênero (Payne & Santos, 2020). O crescimento deste tipo de discurso pode ter reforçado ainda mais a crença, entre aqueles que defendem valores tradicionais, de que homossexuais são uma ameaça.

Porém, tivemos também alguns resultados não esperados. Um deles foi que o RWA teve efeitos na percepção de ameaça realista, nos dois estudos. Outros autores já haviam encontrado uma relação entre o autoritarismo de direita e perceber uma maior ameaça econômica por parte do exogrupo (*e.g.*, Haase et al., 2020; Dhont & Hiel, 2011), embora esta relação não esteja prevista dentro do Modelo do Processo Dual (Duckitt, 2006). No entanto, o próprio autor do modelo, como já discutido anteriormente, fala sobre uma possível relação entre ver um grupo enquanto uma competição econômica e vê-lo também como uma ameaça aos valores e costumes sociais (Duckitt, 2006) e, portanto, perceber os homossexuais como uma ameaça simbólica pode ter feito pessoas com maior RWA também temerem que eles alcancem um maior *status* social, que poderia fazer o grupo ter ainda mais poder para supostamente mudar os valores tradicionais. Também é importante considerar o fortalecimento do neoliberalismo no Brasil e de como políticas de inclusão de minorias no mercado de trabalho foram associadas a governos de esquerda, enquanto movimentos de direita reforçam uma ideia de “meritocracia” (Silva & Ferreira, 2020). Assim, pessoas com

maior RWA, que costumam se identificar mais com a direita (Vilanova et al., 2018), também podem se sentir mais inclinadas a verem a maior participação de uma minoria sexual no mercado de trabalho como uma ameaça a essas ideias de direita. Além disso, o autoritarismo de direita costuma estar relacionado a uma visão de que o mundo é um lugar perigoso (Altemeyer, 1998; Duckitt, 2001; Duckitt & Sibley, 2016), tornando indivíduos com maiores níveis nessa variável potencialmente mais sensíveis a ameaças no geral, o que não necessariamente ocorreria para pessoas que tivessem apenas um nível maior de orientação à dominância social.

Um outro resultado não esperado foi a falta do efeito da manipulação da inclusão no Estudo 2, mesmo quando testamos possíveis efeitos de interação com RWA e SDO. Como discutido anteriormente, isto pode estar relacionado a pessoas com maior RWA e SDO serem particularmente mais sensíveis a ameaças (Cohrs & Ibler, 2009; Schnelle et al., 2021), e Mirisola et al. (2014) e sentirem constantemente uma maior ameaça diante de grupos minoritários. Também pode estar relacionado, principalmente no caso de pessoas com maior RWA, com uma tendência a se conformar às normas (Duckitt, 2001) e uma hesitação em demonstrar atitudes negativas diante de um grupo que a reportagem da manipulação apresentava como sendo progressivamente mais aceito na sociedade brasileira (Crandall & Eshleman, 2003).

Ainda sobre o autoritarismo de direita, observamos que um dos fatores originais da escala deste construto, o fator de Contestação à Autoridade (Vilanova et al., 2018), não demonstrou ter uma relação significativa com o fator geral de RWA, em ambos os estudos. Um possível motivo para que isto tenha acontecido é que este estudo foi realizado poucos meses após movimentos ligados à direita brasileira terem tentado deslegitimar o governo de esquerda eleito para a Presidência do país (Bowman, 2023), principalmente se considerarmos que o RWA e os fatores que o compõem costumam ser mais endossados por pessoas que se

identificam com a direita política (Vilanova et al., 2018). Este contexto político de movimentos recentes contra autoridades de esquerda no Brasil pode ter prejudicado o quanto o fator de Contestação à Autoridade teve uma ligação com o RWA geral dos participantes, pois alguns daqueles com menor RWA podem ter julgado movimentos de protesto e crítica contra as autoridades de forma menos favorável do que normalmente fariam, enquanto o contrário pode ter ocorrido com alguns participantes com maior RWA. Blondé et al. (2021), por exemplo, demonstraram que as pessoas se sentem menos inclinadas a participar de ações coletivas de protesto em um contexto em que consideram as autoridades no poder legítimas, ao mesmo tempo em que apresentam maior intenção de participar desses protestos se não veem as autoridades como legítimas. Porém, para investigar mais profundamente essa questão, outros estudos se fazem necessários.

### **Contribuições Teóricas e Práticas**

Enquanto o Modelo do Processo Dual fala sobre os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no preconceito, nossos estudos expandiram este efeito para o apoio à educação sexual inclusiva, que não é diretamente uma forma de atitudes em relação a uma minoria, mas sim uma política de inclusão de um grupo minoritário. Ademais, os resultados observados no primeiro estudo foram replicados no segundo mesmo com as médias de idade bastante diferentes das duas amostras. Como a idade é um fator que costuma influenciar no nível de preconceito sexual dos indivíduos (Janssen & Scheepers, 2019), os resultados similares nos dois estudos apontam para uma consistência do modelo hipotetizado em grupos de idade diversos.

Como exposto na introdução, existem poucos estudos, até o momento, investigando o papel da ameaça realista nas atitudes contra homossexuais. Os estudos aqui reportados mostraram que, quando se trata de gays e lésbicas, este tipo de ameaça pode ter uma relação ainda maior com o autoritarismo do que com a dominância social, possivelmente por este

grupo ser socialmente visto como desviante das normas sociais, o que provoca uma reação maior por parte daqueles com crenças mais autoritárias (Cantal et al., 2015). Os resultados do segundo estudo também podem trazer contribuições importantes para o entendimento de como a inclusão de uma certa minoria pode afetar a percepção de ameaça frente a ela. Pesquisas anteriores haviam focado mais na manipulação da ameaça em si e em como ela poderia influenciar nos níveis de RWA (Mirisola et al., 2014; Russo et al., 2020) ou como pessoas que já tinham um maior autoritarismo seriam afetadas por essa ameaça (Cohrs & Ibler, 2009). Nos nossos estudos, ao invés de focarmos, no conteúdo da manipulação, na ameaça que pessoas LGBTQIA+ representariam para a posição dos heterossexuais na sociedade, enfatizamos apenas que elas estavam sendo mais incluídas socialmente, e observamos que, neste caso, a percepção de ameaça de indivíduos com maior RWA e SDO não aumentou significativamente. Outrossim, a incorporação da SDO nesse modelo é um avanço em relação à literatura acerca da ativação da ameaça em contextos experimentais, que costuma focar apenas no autoritarismo de direita (Cohrs & Ibler, 2009; Mirisola et al., 2014; Russo et al., 2020).

Os resultados apresentados também reforçam a importância da existência de uma educação sexual inclusiva e de intervenções que busquem, desde cedo, ensinar que pessoas homossexuais não são uma ameaça aos heterossexuais, fortalecendo ainda mais o apoio dos cidadãos a políticas que tenham o objetivo de aumentar as oportunidades e o espaço na sociedade de gays e lésbicas. O Estudo 2, principalmente, mostra que indivíduos com maior RWA e SDO se sentem mais ameaçados independentemente de uma maior ênfase da inclusão ou não, indicando que eles provavelmente sentem uma maior ameaça frente a homossexuais constantemente, e que combater essa ameaça poderia ser um passo importante em intervenções voltadas para grupos de indivíduos que têm estas tendências ideológicas. Cabe enfatizar que tais intervenções devem ocorrer não apenas no âmbito individual, mas também

combatendo socialmente discursos que coloquem homossexuais como uma ameaça à sociedade. Como mencionado anteriormente, tem crescido no Brasil um discurso de que pessoas LGBTQIA+ são uma ameaça às famílias, e até de que têm a intenção de transformar crianças em homossexuais ao levar pautas de diversidade sexual para as escolas (Payne & Santos, 2020). O fortalecimento dessas ideias no país, portanto, tornam ainda mais difícil que pessoas que se identificam politicamente com a direita diminuam sua percepção de ameaça frente a homossexuais e apoiem medidas como a educação sexual inclusiva.

### **Limitações e Direções Futuras**

Apesar das suas contribuições, os estudos apresentados têm limitações referentes a algumas características das suas amostras. Uma delas é no nível de escolaridade, visto que a maioria dos participantes já tinham terminado ou estavam pelo menos cursando o ensino superior, e há evidências apontando que a escolaridade se relaciona negativamente com os níveis de autoritarismo de direita (Altemeyer, 1998; Çetiner & Assche, 2021) e preconceito sexual (Çetiner & Assche, 2021; Costa et al., 2013). Além disso, ambas as amostras demonstraram uma tendência política mais à esquerda, e pessoas que se identificam mais com a esquerda apresentam níveis menores de RWA (Vilanova et al., 2018) e SDO (Vilanova et al., 2022). Também houve uma porcentagem relativamente baixa de pessoas com filhos em idade escolar, que seriam mais diretamente afetados por medidas de educação sexual inclusiva nas escolas, tornando assim esse tema uma fonte potencial de maior percepção de ameaça (Gulevich et al., 2016). Assim, essas características ter influenciado as médias nas variáveis medidas, e até os efeitos de interação com RWA e SDO no Estudo 2. Se a amostra, no geral, tendia a ser menos preconceituosa e a ter níveis mais baixos nos construtos medidos, isso pode ter limitado o quanto pudemos observar possíveis efeitos de moderação dessas variáveis no efeito da manipulação. Portanto, estudos futuros podem tentar replicar o modelo testado com amostras mais diversas nestes aspectos. Com uma maior diversidade,

também seria possível comparar os efeitos para diferentes níveis nestes construtos, adicionando essas variáveis sociodemográficas ao modelo.

Como mencionado anteriormente, a condição experimental no segundo estudo pode ter ativado, nos participantes, uma ideia de que a norma social vigente é a de aceitação e inclusão de pessoas LGBTQIA+, e isso pode ter influenciado as respostas nas escalas subsequentes. Além disso, as medidas que utilizamos foram todas de autorrelato, tornando mais difícil avaliar o quanto os participantes estavam sendo sinceros em suas respostas. Para tentar controlar essa questão, outros estudos podem medir os níveis de desejabilidade social dos participantes, além de realizarem uma manipulação mais direta das normas sociais, para investigar o quanto elas afetam de fato os resultados. Ademais, a pesquisa relatada focou apenas na percepção de ameaça frente a homossexuais e em uma educação sexual que fale sobre relações homoafetivas. Seria importante que investigações futuras também se aprofundassem em medidas educativas voltadas para a inclusão de outros grupos da comunidade LGBTQIA+, como bissexuais e transexuais, e observar as peculiaridades que existem no apoio a uma educação sexual que integre discussões acerca de cada um desses grupos. Também é relevante analisar quais outras variáveis podem estar relacionadas a um menor apoio à educação sexual inclusiva, considerando que o modelo proposto não explicou totalmente este fenômeno e pessoas que tenham atitudes ideológicas mais à esquerda podem ter outras motivações para eventualmente também apoiarem menos este tipo de medida de inclusão.

## Referências

- Acontece Arte e Política LGBTI+, ANTRA, & ABGLT. (2023). *Mortes e violências contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2022*. Acontece, ANTRA, ABGLT.  
<https://observatoriomorteseviolenciaslgbtibrasil.org/dossie/mortes-lgbt-2022/>
- Altemeyer, B. (1981). *Right-Wing Authoritarianism*. University of Manitoba Press.
- Altemeyer, B. (1998). The Other “Authoritarian Personality”. *Advances in Experimental Social Psychology*, 30, 47-92. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60382-2](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60382-2)
- Amorozo, M. (2023, 10 de outubro). Comissão da Câmara aprova projeto de lei que proíbe casamento homoafetivo. *CNN Brasil*.  
<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-da-camara-aprova-projeto-de-lei-que-proibe-casamento-homoafetivo/>
- Asbrock, F., Christ, O., Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2012). Differential Effects of Intergroup Contact for Authoritarians and Social Dominators: A Dual Process Model Perspective. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 38(4), 477-490.  
<https://doi.org/10.1177/0146167211429747>
- Asbrock, F., Sibley, C. G., & Duckitt, J. (2010). Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation and Dimensions of Generalized Prejudice: A Longitudinal Test. *European Journal of Personality*, 24(4), 324-340.  
<https://doi.org/10.1002/per.746>
- Bandeira, K. (2023, 27 de setembro). Relator pede mais tempo, e votação do projeto que proíbe casamento homoafetivo é adiada na Câmara. *O Globo*.  
<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2023/09/27/deputados-votam-projeto-que-proibe-casamento-homoafetivo.ghtml>
- Blondé, J., Iacoviello, V., Lampropoulos, D., Vétois, M., & Pichastor, J. M. F. (2021). Legitimacy of Authority and Protest Actions in Response to Collective

Disadvantages. *Social Justice Research*, 34, 255–284.

<https://doi.org/10.1007/s11211-021-00374-z>

Bowman, E. (2023, 8 de janeiro). Security forces regain control after Bolsonaro supporters storm Brazil's Congress. *NPR*.

[https://www.npr.org/2023/01/08/1147757260/bolsonaro-supporters-storm-brazil-congr  
ess-lula](https://www.npr.org/2023/01/08/1147757260/bolsonaro-supporters-storm-brazil-congress-lula)

Brasil. (2018). *Base Nacional Comum Curricular*. Ministério da Educação.

<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>

Brown, T. A. (2015). *Confirmatory Factor Analysis for Applied Research* (2<sup>a</sup> ed.). The Guilford Press.

Burk, J., Park, M., & Saewyc, E. M. (2018). A media-based school intervention to reduce sexual orientation prejudice and its relationship to discrimination, bullying, and the mental health of lesbian, gay, and bisexual adolescents in Western Canada: a population-based intervention. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15, 2447. <https://doi.org/10.3390/ijerph15112447>

Cantal, C., Milfont, T. L., Wilson, M. S., & Gouveia, V. V. (2015). Differential Effects of Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation on Dimensions of Generalized Prejudice in Brazil. *European Journal of Personality*, 29(1), 17-27.

<https://doi.org/10.1002/per.1978>

Caricati, L., Mancini, T., & Marletta, G. (2017) The role of ingroup threat and conservative ideologies on prejudice against immigrants in two samples of Italian adults. *The Journal of Social Psychology*, 157(1), 86-97.

<https://doi.org/10.1080/00224545.2016.1176552>

Crandall, C., & Eshleman, A. (2003). A justification-suppression model of the expression and

experience of prejudice. *Psychological Bulletin*, 129(3), 414-446.

<https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.414>

Çetiner, S. D., & Assche, J. (2021). Prejudice in Turkey and Belgium: The cross-cultural comparison of correlations of right-wing authoritarianism and social dominance orientation with sexism, homophobia, and racism. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 21(1), 1167-1183. <https://doi.org/10.1111/asap.12280>

Cohrs, J. C., & Ibler, S. (2009). Authoritarianism, Threat, and Prejudice: An Analysis of Mediation and Moderation. *Basic and Applied Social Psychology*, 31(1), 81-94. <https://doi.org/10.1080/01973530802659638>

Costa, A. B., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2013). Systematic review of instruments measuring homophobia and related constructs. *Journal of Applied Social Psychology*, 43(6), 1324–1332. <https://doi.org/10.1111/jasp.12140>

Craig, M. A., & Richeson, J. A. (2014). Not in my backyard! Authoritarianism, social dominance orientation, and support for strict immigration policies at home and abroad. *Political Psychology*, 35(3), 417-429. <https://doi.org/10.1111/pops.12078>

Crowson, H. M. (2009). Predicting Perceptions of Symbolic and Realistic Threat From Terrorists: The Role of Right-Wing Authoritarianism and Social Dominance Orientation. *Individual Differences Research*, 7(2), 113-118.

Dhont, K., & Hiel, A. (2011). Direct contact and authoritarianism as moderators between extended contact and reduced prejudice: Lower threat and greater trust as mediators. *Group Processes & Intergroup Relations*, 14(2), 223–237.

<https://doi.org/10.1177/1368430210391121>

Duckitt, J. (2001). A dual-process cognitive-motivational theory of ideology and prejudice. *Advances in Experimental Social Psychology*, 33, 41-113.

[https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(01\)80004-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(01)80004-6)

- Duckitt, J. (2006). Differential effects of right wing authoritarianism and social dominance orientation on outgroup attitudes and their mediation by threat from and competitiveness to outgroups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(5), 684-696. <https://doi.org/10.1177/0146167205284282>
- Duckitt, J., Bizumic, B., Krauss, S. W., & Heled, E. (2010). A tripartite approach to right-wing authoritarianism: the authoritarianism-conservatism-traditionalism model. *Political Psychology*, 31(5), 685-715. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9221.2010.00781.x>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2007). Right Wing Authoritarianism, Social Dominance Orientation and The Dimensions of Generalized Prejudice. *European Journal of Personality*, 21(2), 113-130. <https://doi.org/10.1002/per.614>
- Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2016). The Dual Process Motivational Model of Ideology and Prejudice. Em C. G. Sibley & F. K. Barlow, *The Cambridge Handbook of the Psychology of Prejudice* (pp. 188-221). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.009>
- Goldfarb, E. S., & Lieberman, L. D. (2021). Three decades of research: the case for comprehensive sex education. *Journal of Adolescent Health*, 68(1), 13-27. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.036>
- Górska, P., Stefaniak, A., Lipowska, K., Malinowska, K., Skrodzka, M., & Marchlewska, M. (2022). Authoritarians Go with the Flow: Social Norms Moderate the Link between Right- Wing Authoritarianism and Outgroup- Directed Attitudes. *Political Psychology*, 43(1), 131-152. <https://doi.org/10.1111/pops.12744>
- Granger, A. M., Khan, K. B., & Steele, J. S. (2023). Surveilling threat: The roles of ideology and threat perceptions in support for Islamophobic policy. *Analyses of Social Issues and Public Policy*, 23(1), 192-213. <https://doi.org/10.1111/asap.12335>

- Gulevich, O. A., Osin, E. N., Isaenko, N. A., & Brainis, L. M. (2016). Attitudes to homosexuals in Russia: content, structure, and predictors. *Journal of the Higher School of Economics*, 13(1), 79-110.  
<https://doi.org/10.17323/1813-8918-2016-1-79-110>
- Gulevich, O. A., Osin, E. N., Isaenko, N. A., & Brainis, L. M. (2018). Scrutinizing homophobia: a model of perception of homosexuals in Russia. *Journal of Homosexuality*, 65(13), 1838-1866.  
<https://doi.org/10.1080/00918369.2017.1391017>
- Haase, A., Asbrock, F., & Rohmann, A. (2020). Right-wing authoritarianism and majority members' preferences for minority acculturation. *European Journal of Social Psychology*, 50(4), 827-838. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2665>
- Hayes, A. F. (2022). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: a regression-based approach* (3rd ed.). The Guilford Press.
- Ho, A. K., Sidanius, J., Kteily, N., Sheehy-Skeffington, J., Pratto, F., Henkel, K. E., Foels, R., & Stewart, A. L. (2015). The nature of social dominance orientation: theorizing and measuring preferences for intergroup inequality using the new SDO7 scale. *Interpersonal Relations and Group Processes*, 109(6), 1003-1028.  
<http://dx.doi.org/10.1037/pspi0000033>
- Hu, L., & Bentler, P. M. (1999). Cutoff criteria for fit indexes in covariance structure analysis: conventional criteria versus new alternatives. *Structural Equation Modeling: A Multidisciplinary Journal*, 6(1), 1-55. <https://doi.org/10.1080/10705519909540118>
- Infante, A. A., Wang, X., & Pardini, D. (2022). The development and validation of a multidimensional scale of perceived Latino threat. *Journal of Ethnic and Migration Studies*, 48(9), 2245-2267. <https://doi.org/10.1080/1369183X.2019.1616539>
- Janssen, D. J., & Scheepers, P. (2019). How Religiosity Shapes Rejection of Homosexuality

Across the Globe. *Journal of Homosexuality*, 66(14), 1974-2001.

<https://doi.org/10.1080/00918369.2018.1522809>

Jordão, P. (2023, 19 de setembro). Após acordo, comissão adia votação de projeto para proibir casamento homoafetivo. *CNN Brasil*.

<https://www.cnnbrasil.com.br/politica/comissao-adia-votacao-de-pl-que-visa-proibir-casamento-homoafetivo-apos-acordo/>

Kauff, M., Asbrock, F., Thörner, S., & Wagner, U. (2013). Side effects of multiculturalism: the interaction effect of a multicultural ideology and authoritarianism on prejudice and diversity beliefs. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 39(3), 305-320.

<https://doi.org/10.1177/0146167212473160>

Kline, R. B. (2011). *Principles and practice of structural equation modeling* (3<sup>a</sup> ed.). The Guilford Press.

Matthews, M., & Levin, S. (2012). Testing a dual process model of prejudice: assessment of group threat perceptions and emotions. *Motivation and Emotion*, 36(4), 564-574.

<https://doi.org/10.1007/s11031-012-9280-y>

Mirisola, A., Roccato, M., Russo, S., Spagna, G., & Vieno, A. (2014). Societal threat to safety, compensatory control, and right-wing authoritarianism. *Political Psychology*, 35(6), 795-812. <https://doi.org/10.1111/pops.12048>

Payne, L., & Santos, A. A. S. (2020). The Right-Wing Backlash in Brazil and Beyond. *Politics & Gender*, 16(1), E6. <https://doi.org/10.1017/S1743923X20000057>

Pinto, I. V., Andrade, S. S. A., Rodrigues, L. L., Santos, M. A. S., Marinho, M. M. A., Benício, L.A., Correia, R. S. B., Polidoro, M., & Canavese, D. (2020). Perfil das notificações de violências em lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais registradas no Sistema de Informação de Agravos de Notificação, Brasil, 2015 a 2017. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 23, 1-13.

<https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1>

Poteat, V. P., Horn, S. S., & Armstrong, P. I. (2017). Condoning discrimination: the effects of dominance and authoritarianism are moderated by different ways of reasoning about antigay discriminatory acts. *Group Processes & Intergroup Relations*, 20(6), 831-849.

<https://doi.org/10.1177/1368430216638528>

Pratto, F., Sidanius, J., Stallworth, L. M., & Malle, B. F. (1994). Social dominance orientation: A personality variable predicting social and political attitudes. *Journal of Personality and Social Psychology*, 67(4), 741-763.

<https://doi.org/10.1037/0022-3514.67.4.741>

Proulx, C. N., Coulter, R. W. S., Egan, J. E., Matthews, D. D., & Mair, C. (2019). Associations of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning-Inclusive Sex Education With Mental Health Outcomes and School-Based Victimization in U.S. High School Students. *Journal of Adolescent Health*, 64(5), 608-614.

<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.11.012>

Rios, K. (2013). Right-wing authoritarianism predicts prejudice against “homosexuals” but not “gay men and lesbians”. *Journal of Experimental Social Psychology*, 49, 1177-1183. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jesp.2013.05.013>

Russell, S. T., Ryan, C., Toomey, R. B., Diaz, R. M., & Sanchez, J. (2011). Lesbian, Gay, Bisexual, and Transgender Adolescent School Victimization: Implications for Young Adult Health and Adjustment. *Journal of School Health*, 81(5), 223-230.

<https://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2011.00583.x>

Russo, S., Roccato, M., & Merlone, U. (2020). Actual Threat, Perceived Threat, and Authoritarianism: An Experimental Study. *The Spanish Journal of Psychology*, 23(3), 1-7. <https://doi.org/10.1017/SJP.2020.7>

Schnelle, C., Baier, D., Hadjar, A., & Boehnke, K. (2021). Authoritarianism Beyond

- Disposition: A Literature Review of Research on Contextual Antecedents. *Frontiers in Psychology*, 12, 676093. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.676093>
- Shi, D., & Maydeu-Olivares, A. (2020). The Effect of Estimation Methods on SEM Fit Indices. *Educational and Psychological Measurement*, 80(3), 421-445. <https://doi.org/10.1177/0013164419885164>
- Silva, L. F. O. A., & Ferreira, A. (2020). Neoliberalismo e a reprodução de práticas discursivas anti-cotas nos grupos historicamente discriminados: uma análise crítica. *Revista de Estudos Sociais*, 22(45), 97-118. <https://doi.org/10.19093/res10559>
- Souza, J. M., Silva, J. P., & Faro, A. (2015). Bullying e Homofobia: Aproximações Teóricas e Empíricas. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 19(2), 289-297. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192837>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Bachman, G. (1999). Prejudice toward immigrants. *Journal of Applied Social Psychology*, 29(11), 2221-2237. <https://doi.org/10.1111/j.1559-1816.1999.tb00107.x>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2016). Intergroup Threat Theory. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2<sup>a</sup> ed., pp. 255-278). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203361993>
- Tenente, L. (2022, 11 de setembro). “Don’t Say Gay”: como funciona a lei que proíbe escolas da Flórida de falarem sobre orientação sexual e identidade de gênero. *g1*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2022/09/11/dont-say-gay-como-funciona-a-lei-que-proibe-escolas-da-florida-de-falarem-sobre-orientacao-sexual-e-identidade-de-genero.ghtml>
- Toledo, L. F. (2019, 5 de fevereiro). Maioria diz que gênero e sexualidade devem entrar no currículo escolar, diz pesquisa encomendada pelo MEC. *g1*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/02/05/maioria-diz-que-genero-e->

[sexualidade-devem-entrar-no-curriculo-escolar-diz-pesquisa-encomendada-pelo-mec.ghtml](#)

- Unal, F. (2016). Disentangling Islamophobia: The Differential Effects of Symbolic, Realistic, and Terroristic Threat Perceptions as Mediators Between Social Dominance Orientation and Islamophobia. *Journal of Social and Political Psychology*, 4(1), 66–90. <https://doi.org/10.5964/jspp.v4i1.463>
- Vallejo-Martín, M., Canto, J. M., García, J. E. S. M., & Novas, F. P. (2021). Prejudice towards Immigrants: The Importance of Social Context, Ideological Postulates, and Perception of Outgroup Threat. *Sustainability*, 13(9), 4993. <https://doi.org/10.3390/su13094993>
- Vilanova, F., Soares, D., Duarte, M. Q., & Costa, A. B. (2022). Evidências de Validade da Escala de Orientação à Dominância Social no Brasil. *Psico-USF*, 27(3), 437-449. <https://doi.org/10.1590/1413-82712024270303>
- Vilanova, F., Sousa, D. A., Koller, S. H., & Costa, A. B. (2018). Adaptação transcultural e estrutura fatorial da versão brasileira da escala Right-Wing Authoritarianism. *Temas em Psicologia*, 26(3), 1299-1316. <https://doi.org/10.9788/TP2018.3-07Pt>
- Wilkins, C. L., & Kaiser, C. R. (2014). Racial Progress as Threat to the Status Hierarchy: Implications for Perceptions of Anti-White Bias. *Psychological Science*, 25(2), 439-446. <https://doi.org/10.1177/0956797613508412>
- Zhang, Z., & Yuan, K-H. (2018). *Practical Statistical Power Analysis Using Webpower and R* (Eds). ISDSA Press. <https://webpower.psychstat.org>

## Capítulo 4

### Discussão Geral da Dissertação

Este trabalho visou trazer contribuições para o entendimento da falta de apoio à educação sexual inclusiva, que tem se mostrado uma intervenção eficaz no combate ao preconceito sexual, ao *bullying* homofóbico nas escolas e aos índices de ideação suicida entre os estudantes (Burk et al., 2018; Goldfarb & Lieberman, 2021; Proulx et al., 2019). Apesar dessas evidências de eficácia, este tipo de medida de inclusão tem sofrido oposição de parte da população brasileira, em especial de movimentos políticos conservadores (Santos et al., 2021; Toledo, 2019), e entender alguns dos mecanismos psicossociais por trás dessas atitudes pode ajudar no combate a opiniões contrárias à educação sexual inclusiva e na implementação deste tipo de intervenção. Por este motivo, os estudos apresentados tiveram o objetivo de investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva, além do papel da percepção de ameaça na relação entre estas variáveis.

No primeiro manuscrito, o estudo com a Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais mostrou que esta medida apresenta evidências de validade convergente, discriminante, de critério, e com base na sua estrutura interna. Além disso, indicou que ela apresenta uma estrutura fatorial hierárquica, com as dimensões de Ameaça Simbólica e Realista como fatores de segunda-ordem. Com isto, no segundo manuscrito, foi possível alcançar os objetivos do trabalho de investigar os efeitos do autoritarismo de direita e da orientação à dominância social no apoio à educação sexual inclusiva e o papel da percepção de ameaça frente a homossexuais nessa relação. No Estudo 1 deste manuscrito, observou-se que RWA e SDO tiveram efeitos negativos no apoio à educação sexual inclusiva. Enquanto o efeito do RWA foi mediado tanto pela ameaça simbólica, quanto pela realista, o da SDO foi mediado apenas pela realista. Já no Estudo 2, foram replicados os resultados de que RWA

prediz ameaça realista e simbólica, enquanto a SDO prediz apenas a ameaça realista, e que essas ameaças têm efeitos negativos no apoio à educação sexual inclusiva. No entanto, diferentemente do que era esperado, indivíduos com maior RWA e SDO perceberam mais essa ameaça frente a homossexuais independentemente de se haviam ou não lido um texto enfatizando uma maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+. Neste último capítulo, me aprofundo mais nas possíveis implicações teóricas e práticas destes resultados e discuto as conclusões tiradas a partir deles.

## **Implicações Teóricas**

### ***Percepção de Ameaça Frente aos Homossexuais***

No primeiro manuscrito, o estudo de validação trouxe contribuições para o avanço na mensuração e compreensão teórica da percepção de ameaça frente a homossexuais, ao propor a primeira medida deste construto validada no Brasil. Embora a escala tenha sido analisada inicialmente com apenas um estudo, os estudos do segundo manuscrito permitiram examinar com mais profundidade, em uma rede nomológica, as evidências de sua validade em outras amostras. Tanto no Estudo 1, quanto no Estudo 2 do segundo artigo, a estrutura com os dois fatores de Ameaça Simbólica e Realista da escala de percepção de ameaça teve um bom ajuste, com os itens apresentando cargas fatoriais satisfatórias ( $\beta > 0,63$ ) em seus respectivos fatores. Os fatores também apresentaram uma boa consistência interna em ambos os estudos. Ademais, as relações diferenciadas dos fatores com RWA e SDO - a ameaça realista sendo predita pelos dois, enquanto a ameaça simbólica teve uma relação significativa apenas com RWA, com o qual teoricamente deveria se relacionar de fato (Duckitt, 2006; Duckitt & Sibley, 2016) - é mais uma evidência da validade de critério da medida. Além disso, ambos os fatores terem se relacionado significativamente com RWA, mesmo quando se controlava a relação com o outro fator, é uma evidência de que eles apresentam validade incremental e medem construtos diferentes, embora relacionados. Assim, os resultados reforçam a

classificação colocada por Stephan et al. (2016), que fazem uma separação entre a ameaça sentida diante da possibilidade de um exogrupo enfraquecer os valores, as normas e a cultura do endogrupo, e a ameaça percebida em relação à suposta capacidade do exogrupo de tomar recursos e posições de poder do endogrupo.

Os efeitos dessas ameaças no apoio à educação sexual inclusiva também são evidências de validade por demonstrarem como a escala de percepção de ameaça foi capaz de prever escores negativos em uma medida de apoio a ações que visam aumentar a inclusão de um grupo minoritário (Callens et al., 2019; Pereira et al., 2010; Zingora & Graf, 2019). A partir dessa relação das ameaças com o apoio à educação sexual inclusiva, podemos também hipotetizar sobre as motivações subjacentes a esse apoio. É possível que os participantes tenham associado a inclusão de pautas de diversidade sexual na escola com um potencial aumento da aceitação de pessoas homossexuais na sociedade brasileira, e isto poderia representar tanto uma mudança nos valores tradicionais, quanto mais oportunidades para gays e lésbicas no mercado de trabalho e mais espaço na política para este grupo. Este pode ter sido o motivo para aqueles que já se sentem mais ameaçados por homossexuais não darem tanto apoio para uma medida que poderia reforçar ainda mais essas supostas ameaças.

### ***Efeitos de RWA e SDO***

Os achados do segundo artigo também trouxeram contribuições para a expansão da validade do Modelo Motivacional do Processo Dual da Ideologia e do Preconceito (Duckitt, 2001), ao mostrarem que o modelo é capaz de explicar parcialmente não apenas os níveis de preconceito e de discriminação dos indivíduos frente a minorias, mas também a forma com a qual as pessoas reagem diante de possíveis medidas de inclusão desses grupos minoritários. Assim, apontam como certas atitudes ideológicas podem eventualmente afetar a implementação de políticas que contribuiriam para uma melhoria no bem-estar de membros de grupos minoritários.

Os resultados deste segundo artigo corroboram o modelo, na medida em que demonstram que RWA e SDO têm efeitos negativos significativos no apoio a uma medida de inclusão de um grupo minoritário e que estes efeitos são mediados de forma diferente pela percepção de ameaça. O autoritarismo de direita, que tem relação com uma visão de que o mundo é perigoso (Altemeyer, 1998; Duckitt, 2001) e a reações diante de possíveis ameaças a valores tradicionais e à ordem social (Duckitt, 2001) prediz tanto uma ameaça simbólica, quanto uma realista frente a homossexuais. Enquanto isso, a orientação à dominância social, que tem relação com uma visão de mundo competitivo e com uma busca por poder, mas não tanto com a defesa de uma moralidade tradicional (Duckitt, 2001; Duckitt & Sibley, 2016), prediz apenas a ameaça realista.

No Estudo 2 desse segundo artigo, testamos se a ênfase numa maior inclusão social de pessoas LGBTQIA+ afetaria os níveis de percepção de ameaça e apoio à educação sexual inclusiva entre os participantes com maior RWA e SDO. A ideia por trás deste estudo era investigar se maiores níveis nessas duas atitudes ideológicas de fato levariam os indivíduos a perceberem mais ameaça diante da inclusão de um grupo minoritário. Se isso ocorresse apenas entre aqueles com mais RWA e SDO, esta poderia ser uma evidência de que essas pessoas tendem a reagir com mais percepção de ameaça em situações que indivíduos com baixos níveis nessas duas variáveis não veriam como ameaçadoras. Isso poderia acontecer por pessoas com menor RWA e SDO não terem a mesma predisposição a considerar o progresso de grupos minoritários como potencialmente prejudicial ao seu endogrupo. Assim, esta seria uma forma de testar indiretamente o suposto efeito causal, defendido por Duckitt e Sibley (2016), dessas atitudes ideológicas na percepção de ameaça.

No entanto, o efeito esperado não ocorreu. Uma possível explicação para isso seria que pessoas com maior RWA e SDO já tendem a perceber exogrupos como mais ameaçadores (Cohrs & Ibler, 2009; Schnelle et al., 2021) independentemente da situação e,

por isso, não importaria tanto se eles receberam ou não informações que poderiam confirmar que essa suposta ameaça é real. Como enfatizado por Stephan et al. (2016), a ameaça imputada a um certo exogrupo não precisa ser real para que se acredite nela. Também há a possibilidade de que aqueles com maiores autoritarismo de direita e orientação à dominância social utilizem a percepção de ameaça mais como uma forma de legitimar as atitudes discriminatórias que eles já possuem. Pessoas mais preconceituosas tendem a utilizar essa percepção de ameaça frente a grupos minoritários para justificar seus atos discriminatórios contra estes grupos, e assim, possivelmente, não parecerem tão preconceituosas, já que assim suas atitudes pareceriam não ser causadas por um viés em seu julgamento, e sim por uma causa legítima (Crandall & Eshleman, 2003; Pereira & Souza, 2016). Indivíduos com maior RWA e SDO poderiam estar utilizando essa ameaça de forma similar, fazendo com que fosse menos relevante para eles se o progresso social da minoria em questão está sendo enfatizado ou não. Ainda assim, se esse for o caso, seria de se esperar que aqueles com maiores níveis nessas atitudes ideológicas aproveitassem o conteúdo da reportagem da condição de inclusão para discriminar mais, apoiando ainda menos uma educação sexual inclusiva utilizando a ameaça como justificativa.

Uma hipótese alternativa seria a de que, embora tenham relações significativas com a percepção de ameaça, RWA e SDO não a causem - de fato, alguns autores defendem e até já encontraram um efeito contrário, da ameaça no RWA e na SDO (Caricati et al., 2017; Mirisola et al., 2014; Russo et al., 2020) - e, por isso, não afetariam o tanto de ameaça que alguém percebe diante de uma maior inclusão de outro grupo. Para testar melhor a direção desse efeito, um estudo futuro poderia manipular mais diretamente a ameaça (e não apenas a inclusão) supostamente colocada por gays e lésbicas aos heterossexuais e observar se ela causaria mudanças nos níveis antes e depois de RWA e SDO dos participantes e se este possível efeito levaria também a um menor apoio à educação sexual inclusiva.

## Implicações Práticas

As contribuições teóricas dos resultados relatados também trazem algumas implicações para intervenções que visam diminuir o preconceito sexual e aumentar o apoio a medidas de inclusão para gays e lésbicas. A ameaça sentida por pessoas com maior RWA e SDO frente a homossexuais explica, pelo menos em parte, porque elas apoiam menos uma educação sexual inclusiva, o que indica que intervenções que tentem diminuir essa percepção de ameaça podem ter sucesso na promoção de políticas de inclusão como esta. Analisando o conteúdo dos itens de ameaça, também se percebe que os indivíduos que se sentem mais ameaçados provavelmente apresentam algumas crenças de soma zero em relação ao grupo minoritário em questão, isto é, acreditam que, para que um grupo social tenha progresso, outro necessariamente irá perder a posição e os recursos que tem (Wilkins et al., 2015). No geral, pessoas mais conservadoras e que se identificam com a direita política tendem a apresentar níveis maiores nessas crenças e se sentem mais ameaçadas diante de possíveis mudanças no *status quo* (Davidai & Ongis, 2019), como seria o caso de uma maior aceitação de homossexuais na sociedade. Por isso, seria importante desenvolver ações que promovam a educação sexual inclusiva e outras políticas de inclusão visando diminuir essas crenças de soma zero e, conseqüentemente, a percepção de ameaça. Elas podem envolver, por exemplo, discursos que foquem não no quanto essas políticas vão aumentar as oportunidades de um grupo específico, mas o quanto elas vão contribuir para que todos possam ter oportunidades, aumentando um sentimento de justiça, além de enfatizarem que as políticas visam atender aos interesses de todos e não irão negligenciar as necessidades de outros grupos (Iyer, 2022).

Por outro lado, os resultados encontrados também apontam que indivíduos com maior RWA e SDO tendem a se sentir mais ameaçados por homossexuais em diversas situações, mesmo quando uma possível fonte de ameaça - uma maior inclusão de pessoas LGBTQIA+ na sociedade - não está sendo enfatizada, o que pode indicar que essa percepção de ameaça

parte mais das atitudes ideológicas que a pessoa já tem do que do contexto real. Neste caso, pode ser mais difícil combater essa ameaça entre aqueles que já defendem uma hierarquização social e ideias mais autoritárias. Assim, as observações feitas no Estudo 2 do segundo artigo sugerem que intervenções voltadas para uma diminuição da percepção de ameaça frente a homossexuais devem levar em consideração as atitudes ideológicas dos alvos e até pensar em ações específicas para certos grupos de indivíduos a depender de suas orientações políticas. Considerando que RWA e SDO são atitudes que as pessoas costumam desenvolver desde a infância, a partir da sua socialização (Duckitt, 2001; Kandler et al., 2016) e que, no caso do RWA, há até evidências de que possa ter uma base genética (Kandler et al., 2016), os resultados encontrados mostram ainda mais a importância de tentar diminuir essa percepção de ameaça frente a homossexuais desde cedo, e a educação sexual inclusiva pode ser justamente um dos caminhos para que isto aconteça.

### **Conclusões**

Deste modo, as investigações apresentadas trazem diversas contribuições. A validação de uma escala de percepção de ameaça frente a homossexuais no primeiro artigo colabora para a literatura brasileira acerca de relações intergrupais por dar evidências da qualidade de um instrumento que visa medir um construto, até o momento, sem uma medida testada e publicada no Brasil. Assim, facilita a realização de estudos futuros que envolvam a percepção de ameaça frente a este grupo. No segundo artigo, os resultados demonstraram como pessoas que defendem mais valores tradicionais, obediência às autoridades e uma hierarquização social tendem a sentir que homossexuais são uma ameaça aos costumes sociais e aos recursos econômicos e posições de poder dos heterossexuais, e que essa ameaça faz com que elas apoiem menos a inclusão de pautas de diversidade sexual nas escolas. Assim, os dados coletados apontam para a importância de intervenções, como a própria educação sexual inclusiva, que combatam essa percepção de ameaça. Para aprofundar ainda mais essas

investigações, outros estudos podem testar se o modelo proposto também se confirma em contextos culturais diferentes do brasileiro, visto que a forma com a qual gays e lésbicas são percebidos em cada cultura pode afetar quais fatores predizem um maior ou menor apoio à educação sexual inclusiva e de que forma esses fatores se relacionam. Ainda em relação a isso, seria interessante que investigações futuras também analisassem se a relação não esperada entre RWA e percepção de ameaça realista se repete frente a outros grupos alvos, ou apenas em relação aos homossexuais, e quais motivações poderiam estar por trás dessa associação.

### Referências

- Altemeyer, B. (1998). The Other “Authoritarian Personality”. *Advances in Experimental Social Psychology*, 30, 47-92. [https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(08\)60382-2](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(08)60382-2)
- Burk, J., Park, M., & Saewyc, E. M. (2018). A media-based school intervention to reduce sexual orientation prejudice and its relationship to discrimination, bullying, and the mental health of lesbian, gay, and bisexual adolescents in Western Canada: a population-based intervention. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 15, 2447. <https://doi.org/10.3390/ijerph15112447>
- Callens, M. S., Meuleman, B., & Marie, V. (2019). Contact, perceived threat, and attitudes toward assimilation and multiculturalism: evidence from a majority and minority perspective in Luxembourg. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 50(2), 285-310. <https://doi.org/10.1177/0022022118817656>
- Caricati, L., Mancini, T., & Marletta, G. (2017) The role of ingroup threat and conservative ideologies on prejudice against immigrants in two samples of Italian adults. *The Journal of Social Psychology*, 157(1), 86-97. <https://doi.org/10.1080/00224545.2016.1176552>
- Cohrs, J. C., & Ibler, S. (2009). Authoritarianism, Threat, and Prejudice: An Analysis of Mediation and Moderation. *Basic and Applied Social Psychology*, 31(1), 81-94. <https://doi.org/10.1080/01973530802659638>
- Crandall, C., & Eshleman, A. (2003). A justification-suppression model of the expression and experience of prejudice. *Psychological Bulletin*, 129(3), 414-446. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.3.414>
- Davidai, S. & Martino, O. (2019). The politics of zero-sum thinking: The relationship between political ideology and the belief that life is a zero-sum game. *Science Advances*, 5, eaay3761. <https://doi.org/10.1126/sciadv.aay3761>

Duckitt, J. (2001). A dual-process cognitive-motivational theory of ideology and prejudice.

*Advances in Experimental Social Psychology*, 33, 41-113.

[https://doi.org/10.1016/S0065-2601\(01\)80004-6](https://doi.org/10.1016/S0065-2601(01)80004-6)

Duckitt, J. (2006). Differential effects of right wing authoritarianism and social dominance orientation on outgroup attitudes and their mediation by threat from and

competitiveness to outgroups. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 32(5),

684-696. <https://doi.org/10.1177/0146167205284282>

Duckitt, J., & Sibley, C. G. (2016). The Dual Process Motivational Model of Ideology and

Prejudice. Em C. G. Sibley & F. K. Barlow, *The Cambridge Handbook of the*

*Psychology of Prejudice* (pp. 188-221). Cambridge University Press.

<https://doi.org/10.1017/9781316161579.009>

Goldfarb, E. S., & Lieberman, L. D. (2021). Three decades of research: the case for

comprehensive sex education. *Journal of Adolescent Health*, 68(1), 13-27.

<https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2020.07.036>

Iyer, A. (2022). Understanding advantaged groups' opposition to diversity, equity, and

inclusion (DEI) policies: The role of perceived threat. *Social and Personality*

*Psychology Compass*, 16(5), e12666. <https://doi.org/10.1111/spc3.12666>

Kandler, C., Bell, E., & Riemann, R. (2016). The structure and sources of right-wing

authoritarianism and social dominance orientation. *European Journal of Personality*,

30(4), 406–420. <https://doi.org/10.1002/per.2061>

Mirisola, A., Roccato, M., Russo, S., Spagna, G., & Vieno, A. (2014). Societal threat to

safety, compensatory control, and right-wing authoritarianism. *Political Psychology*,

35(6), 795-812. <https://doi.org/10.1111/pops.12048>

Pereira, C. R., & Souza, L. E. C. (2016). Fatores Legitimadores da Discriminação: Uma

Revisão Teórica. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 32(2), 1-10.

<http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e322222>

- Pereira, C. R., Vala, J., & Costa-Lopes, R. (2010). From prejudice to discrimination: the legitimizing role of perceived threat in discrimination against immigrants. *European Journal of Social Psychology*, 40(7), 1231-1250. <https://doi.org/10.1002/ejsp.718>
- Proulx, C. N., Coulter, R. W. S., Egan, J. E., Matthews, D. D., & Mair, C. (2019). Associations of Lesbian, Gay, Bisexual, Transgender, and Questioning-Inclusive Sex Education With Mental Health Outcomes and School-Based Victimization in U.S. High School Students. *Journal of Adolescent Health*, 64(5), 608-614. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2018.11.012>
- Russo, S., Roccatò, M., & Merlone, U. (2020). Actual Threat, Perceived Threat, and Authoritarianism: An Experimental Study. *The Spanish Journal of Psychology*, 23(3), 1-7. <https://doi.org/10.1017/SJP.2020.7>
- Santos, M. S. B., Miesse, M. C., Carvalho, F. A., Queiroz, L. C., & Souza, V. F. M. (2021). Escola sem Partido e as discussões de gênero e sexualidade: impactos curriculares. *Linhas Críticas*, 27, 1-22. <https://periodicos.unb.br/index.php/linhascriticas/article/view/35543>
- Schnelle, C., Baier, D., Hadjar, A., & Boehnke, K. (2021). Authoritarianism Beyond Disposition: A Literature Review of Research on Contextual Antecedents. *Frontiers in Psychology*, 12, 676093. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.676093>
- Stephan, W. G., Ybarra, O., & Rios, K. (2016). Intergroup Threat Theory. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination* (2<sup>a</sup> ed., pp. 255-278). Psychology Press. <https://doi.org/10.4324/9780203361993>
- Toledo, L. F. (2019, 5 de fevereiro). Maioria diz que gênero e sexualidade devem entrar no currículo escolar, diz pesquisa encomendada pelo MEC. *GI*. <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2019/02/05/maioria-diz-que-genero-e->

[sexualidade-devem-entrar-no-curriculo-escolar-diz-pesquisa-encomendada-pelo-mec.ghtml](#)

Wilkins, C. L., Wellman, J. D., Babbitt, L. G., Toosi, N. R., & Schad, K. D. (2015). You can win but I can't lose: Bias against high-status groups increases their zero-sum beliefs about discrimination. *Journal of Experimental Social Psychology*, *57*, 1–14.

<https://doi.org/10.1016/j.jesp.2014.10.008>

Zingora, T., & Graf, S. (2019). Marry who you love: Intergroup contact with gay people and another stigmatized minority is related to voting on the restriction of gay rights through threat. *Journal of Applied Social Psychology*, *49*(11), 684-703.

<https://doi.org/10.1111/jasp.12627>

## Apêndice A

### Versão Inicial da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais

A seguir, você lerá algumas afirmações sobre a homossexualidade e pessoas homossexuais. Indique o quanto concorda com elas em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Legenda:

Discordo totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente
1	2	3	4	5

1. Os homossexuais são uma ameaça para a família tradicional.	1	2	3	4	5
2. A homossexualidade é um estilo de vida que deve ser condenado.	1	2	3	4	5
3. A homossexualidade é uma forma de fraqueza.	1	2	3	4	5
4. A homossexualidade é uma forma natural da sexualidade humana.	1	2	3	4	5
5. A homossexualidade é uma variação normal da orientação sexual.	1	2	3	4	5
6. A homossexualidade é uma perversão sexual.	1	2	3	4	5
7. O aumento no número de homossexuais indica uma decadência das normas sociais.	1	2	3	4	5
8. O perigo dos homossexuais é que eles podem converter pessoas heterossexuais em homossexuais.	1	2	3	4	5
9. A homossexualidade é uma moda espalhada pela mídia.	1	2	3	4	5
10. Muito dinheiro dos contribuintes é gasto em assistência pública para pessoas homossexuais, quando poderia estar sendo usado para o resto da população.	1	2	3	4	5
11. Os homossexuais usam os serviços do governo mais do que deveriam.	1	2	3	4	5

12. Os homossexuais pegam recursos econômicos que deveriam ir para outras pessoas.	1	2	3	4	5
13. Os programas de ação afirmativa voltados para os homossexuais prejudicam a economia.	1	2	3	4	5
14. Um(a) presidente homossexual não seria interessante para o país.	1	2	3	4	5
15. Uma quantidade grande demais de homossexuais têm se candidatado a cargos políticos.	1	2	3	4	5
16. Os homossexuais estão ocupando mais cargos políticos do que precisam.	1	2	3	4	5
17. Os homossexuais em cargos políticos não se importam tanto com as necessidades dos cidadãos heterossexuais.	1	2	3	4	5
18. Os homossexuais estão tentando dominar a política brasileira.	1	2	3	4	5
19. Os homossexuais têm mais chances de conseguir empregos por causa de sua sexualidade.	1	2	3	4	5
20. As empresas têm permitido mais que pessoas homossexuais ocupem cargos de chefia.	1	2	3	4	5

---

## Apêndice B

### Versão Final da Escala de Percepção de Ameaça Frente a Homossexuais

A seguir, você lerá algumas afirmações sobre a homossexualidade e pessoas homossexuais. Indique o quanto concorda com elas em uma escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

Legenda:

Discordo totalmente	Discordo em parte	Não concordo nem discordo	Concordo em parte	Concordo totalmente	
1	2	3	4	5	
1. Os homossexuais são uma ameaça para a família tradicional. <sup>1</sup>	1	2	3	4	5
2. A homossexualidade é um estilo de vida que deve ser condenado. <sup>1</sup>	1	2	3	4	5
3. A homossexualidade é uma forma de fraqueza. <sup>1</sup>	1	2	3	4	5
4. A homossexualidade é uma forma natural da sexualidade humana. <sup>2</sup> (R)	1	2	3	4	5
5. A homossexualidade é uma variação normal da orientação sexual. <sup>2</sup> (R)	1	2	3	4	5
6. A homossexualidade é uma perversão sexual. <sup>1</sup>	1	2	3	4	5
7. Muito dinheiro dos contribuintes é gasto em assistência pública para pessoas homossexuais, quando poderia estar sendo usado para o resto da população. <sup>3</sup>	1	2	3	4	5
8. Os homossexuais usam os serviços do governo mais do que deveriam. <sup>3</sup>	1	2	3	4	5
9. Os homossexuais pegam recursos econômicos que deveriam ir para outras pessoas. <sup>3</sup>	1	2	3	4	5
10. Os programas de ação afirmativa voltados para os homossexuais prejudicam a economia. <sup>3</sup>	1	2	3	4	5
11. Um(a) presidente homossexual não seria interessante para o país. <sup>4</sup>	1	2	3	4	5

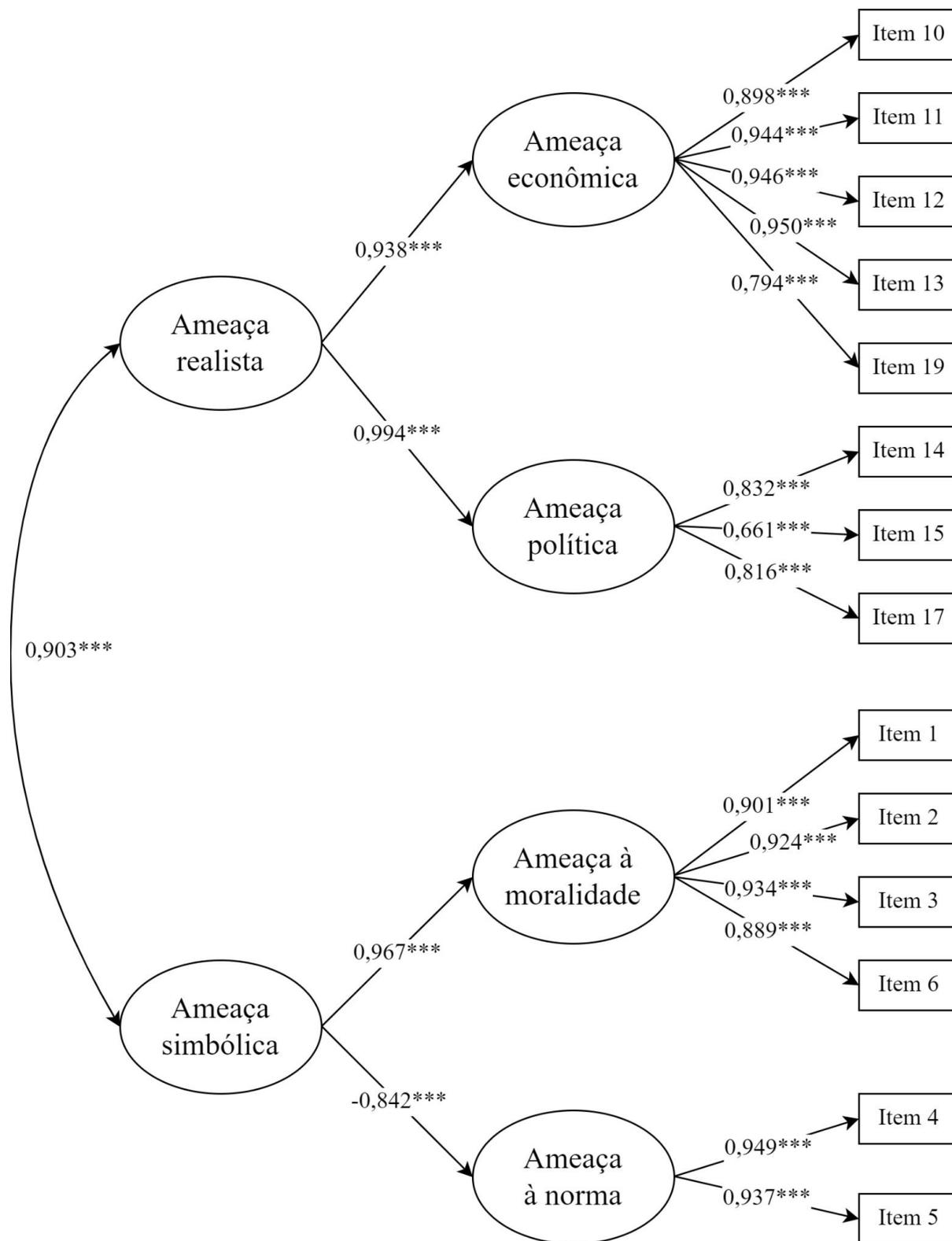
- |   |   |   |   |   |   |
|---|---|---|---|---|---|
| 12. Uma quantidade grande demais de homossexuais têm se candidatado a cargos políticos. <sup>4</sup>                        | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Os homossexuais em cargos políticos não se importam tanto com as necessidades dos cidadãos heterossexuais. <sup>4</sup> | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 14. Os homossexuais têm mais chances de conseguir empregos por causa de sua sexualidade. <sup>3</sup>                       | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

---

Nota. O número sobrescrito ao lado de cada item indica o fator ao qual ele foi atribuído: <sup>1</sup> Ameaça à Moralidade; <sup>2</sup> Ameaça à Norma; <sup>3</sup> Ameaça Econômica; <sup>4</sup> Ameaça Política. Itens marcados com “(R)” estão com o sentido invertido, isto é, seu escore deve ser invertido para que fique na direção do construto, apontando para uma maior ameaça quanto maior for o escore.

## Apêndice C

## Cargas Fatoriais no Modelo Proposto para a EPAH



Nota. \*\*\*  $p < 0,001$

## Apêndice D

### Cargas Fatoriais dos Itens de Apoio à Educação Sexual Inclusiva

Itens	Cargas fatoriais
1. Antônio é professor de Biologia em uma escola. Ele tem que dar aulas sobre como os alunos podem prevenir infecções sexualmente transmissíveis e promover sua saúde sexual. Ao preparar essas aulas, ele acha importante focar não apenas em relacionamentos heterossexuais, como também em relacionamentos homossexuais. O quanto você concorda com a ideia de Antônio?	0,809
2. Beatriz é mãe de dois filhos em idade escolar. Ao descobrir que a escola de seus filhos está promovendo discussões sobre diversidade sexual nas aulas, Beatriz faz uma reclamação à direção da escola, dizendo que as escolas não deveriam debater esse tipo de assunto. O quanto você concorda com a reclamação de Beatriz?*	-0,766
3. Gisele é diretora de uma escola e está organizando um evento para os seus alunos. Nesse evento, serão discutidos vários assuntos relacionados a sexualidade. Para isso, ela decidiu convidar um palestrante para falar sobre como as pessoas podem ter diferentes orientações sexuais e que todas elas são naturais. O quanto você concorda com a decisão de Gisele?	0,879
4. João, estudante em idade escolar, presenciou mais de um caso de discriminação contra colegas homossexuais em sua escola. Ele acha que é função da escola evitar que isso aconteça. Para isso, ele acredita que a escola deve ensinar aos alunos que a discriminação contra pessoas homossexuais é errada. O quanto você concorda com a opinião de João?	0,518

*Nota.* \*Item com escore invertido

## Apêndice E

### Conteúdo da Manipulação no Estudo 2

#### Figura E1

*Reportagem Fictícia na Condição de Controle*



# Brasileiros avançaram em renda e emprego na última década

Trabalho, família e consumo: como tem sido a vida dos brasileiros na última década?

Estima-se que o Brasil tenha atualmente uma população de cerca de 203 milhões de pessoas. Destas, uma boa porcentagem esteve empregada na última década: entre 2012 e 2022, o país teve uma média de 91.699.000 pessoas empregadas, com um recorde registrado em novembro de 2022. Ter um trabalho é importante principalmente para aqueles que estão pensando em formar e sustentar uma família. Só no ano passado, por exemplo, o país registrou mais de 814 mil novos casamentos civis e milhões de nascimentos de bebês. A quantidade de pessoas empregadas também tem refletido no consumo dos brasileiros, tendo havido uma alta de 3,89% na taxa de consumo do país em 2022, quando comparada à do ano anterior. Além disso, o crescimento econômico do país, aliado a fatores como o maior acesso a água tratada e saneamento básico, tem levado a um aumento da expectativa de vida ao nascer dos brasileiros, que atingiu 77 anos em 2021, segundo dados do IBGE.

**Figura E2***Reportagem Fictícia na Condição de Inclusão*

## Brasileiros LGBTQIA+ ganharam mais direitos e poder na última década

Trabalho, família e participação na política: de que forma os brasileiros da comunidade LGBTQIA+ têm sido mais incluídos na última década?

Estima-se que o Brasil tenha atualmente cerca de 19 milhões de pessoas da comunidade LGBTQIA+, o que representa 12% da população do país. Na última década, essas pessoas têm conquistado maior inclusão na sociedade brasileira. No mercado de trabalho, por exemplo, diversas empresas têm desenvolvido políticas voltadas para combater a discriminação contra pessoas LGBTQIA+ em seus processos de contratação. Pessoas LGBTQIA+ têm tido conquistas também no campo jurídico, com a aprovação de leis contra a homofobia, a legitimação do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo, em 2013, e a permissão, em 2015, para que casais homoafetivos adotem crianças. Só em 2022, o país registrou 11.945 casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Além disso, tem havido um aumento na representação de pessoas LGBTQIA+ no Congresso. Em 2022, foram eleitos 18 parlamentares da comunidade, o dobro da quantidade eleita em 2018. As edições mais recentes da Parada do Orgulho LGBTQ+ têm reunido milhões de pessoas, mostrando o crescimento no número de cidadãos dispostos a lutar pelos direitos da comunidade. Tem aumentado também a porcentagem de brasileiros que defendem que a homossexualidade seja aceita na sociedade.

## Apêndice F

### Pré-teste da Manipulação do Estudo 2

#### Método

##### *Participantes e Desenho Experimental*

Participaram deste estudo 72 pessoas, com idades entre 18 e 66 anos ( $M = 34,36$ ,  $DP = 16$ ). Destes, 36 foram alocados à condição de controle, e os outros 36 à condição de inclusão. A maioria dos participantes eram mulheres (80,56%), heterossexuais (70,83%), brancas (50%), e católicas (41,67%) ou sem religião (37,5%), e tinham o Ensino Superior completo (31,94%) ou incompleto (31,94%). De 1 (nada religioso) a 9 (muito religioso), os participantes apresentaram uma média de religiosidade de 4,76 ( $DP = 2,79$ ). Numa escala de 1 (esquerda) a 9 (direita), eles tenderam a se identificar mais com a esquerda ( $M = 3,07$ ,  $DP = 2$ ).

##### *Procedimentos*

O questionário foi colocado na plataforma Google Forms e divulgado nas redes sociais. Após consentirem em participar, os respondentes leram o conteúdo da manipulação, de acordo com a condição à qual foram alocados. Na condição de controle, eles leram um trecho de reportagem fictício sobre como os brasileiros, em geral, têm conseguido mais emprego, o número de casamentos no Brasil recentemente e o aumento nas taxas de consumo no país. Na condição de inclusão, leram sobre como pessoas LGBTQIA+ têm progredido socialmente no Brasil, com ênfase nos programas para aumentar a diversidade sexual nas empresas, conquistas como a do reconhecimento do casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e a aprovação de leis contra a homofobia, e uma maior representatividade no Congresso. Depois de ler o trecho de reportagem correspondente à sua condição, os participantes responderam uma medida de percepção de inclusão de homossexuais no Brasil. Posteriormente, forneceram dados sobre seu gênero, idade, escolaridade, religião, orientação

sexual, grau de religiosidade, e identificação política. No final, leram uma mensagem de *debriefing* explicando os objetivos do estudo e esclarecendo que a reportagem lida era fictícia.

### ***Instrumento***

A percepção de inclusão de homossexuais foi mensurada por meio de cinco itens adaptados de Wilkins e Kaiser (2014). A medida original referia-se ao progresso racial de pessoas negras. Por isso, os itens foram modificados para referirem-se a gays e lésbicas. Os itens foram respondidos em uma escala de resposta de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente).

### ***Análise de Dados***

Para examinar a estrutura fatorial da escala adaptada de percepção de inclusão, realizamos uma análise fatorial exploratória no JASP, utilizando o método de fatoração pelos eixos principais. Consideramos cargas fatoriais iguais ou acima de 0,4 satisfatórias para a manutenção de um item no fator em questão. Analisamos também a consistência interna dos itens, por meio do alfa de Cronbach. Para testar os efeitos da manipulação, utilizamos o teste-t para amostras independentes para comparar os níveis de percepção de inclusão dos participantes na condição de inclusão com os daqueles na condição de controle.

## **Resultados**

### ***Análise Fatorial Exploratória e Consistência Interna***

A análise fatorial exploratória mostrou que quatro dos cinco itens tiveram cargas satisfatórias em um único fator de percepção de inclusão de pessoas homossexuais (Tabela F1). Com a exclusão deste item, a escala demonstrou ter uma consistência interna satisfatória ( $\alpha = 0,70$ ).

### **Tabela F1**

*Cargas Fatoriais dos Itens de Percepção de Inclusão*

Itens	Cargas fatoriais
1. Homossexuais no Brasil estão melhores agora (financeiramente, politicamente, etc.) do que já estiveram em qualquer momento da história do país.	<b>0,676</b>
2. Nas últimas décadas, foi feito muito progresso em direção à igualdade para pessoas homossexuais no Brasil.	<b>0,638</b>
3. Houve pouca melhora nas condições de vida de pessoas homossexuais no Brasil desde o início do movimento LGBTQIA+ no país.*	-0,099
4. A eleição de políticos homossexuais no Brasil nos últimos anos representa um passo em direção à igualdade para pessoas homossexuais.	<b>0,501</b>
5. Homossexuais agora ocupam posições de alto status que antes eram ocupadas apenas por heterossexuais.	<b>0,646</b>

Nota. \*Item com o escore invertido. Cargas fatoriais consideradas satisfatórias foram marcadas em negrito.

***Efeito da Manipulação***

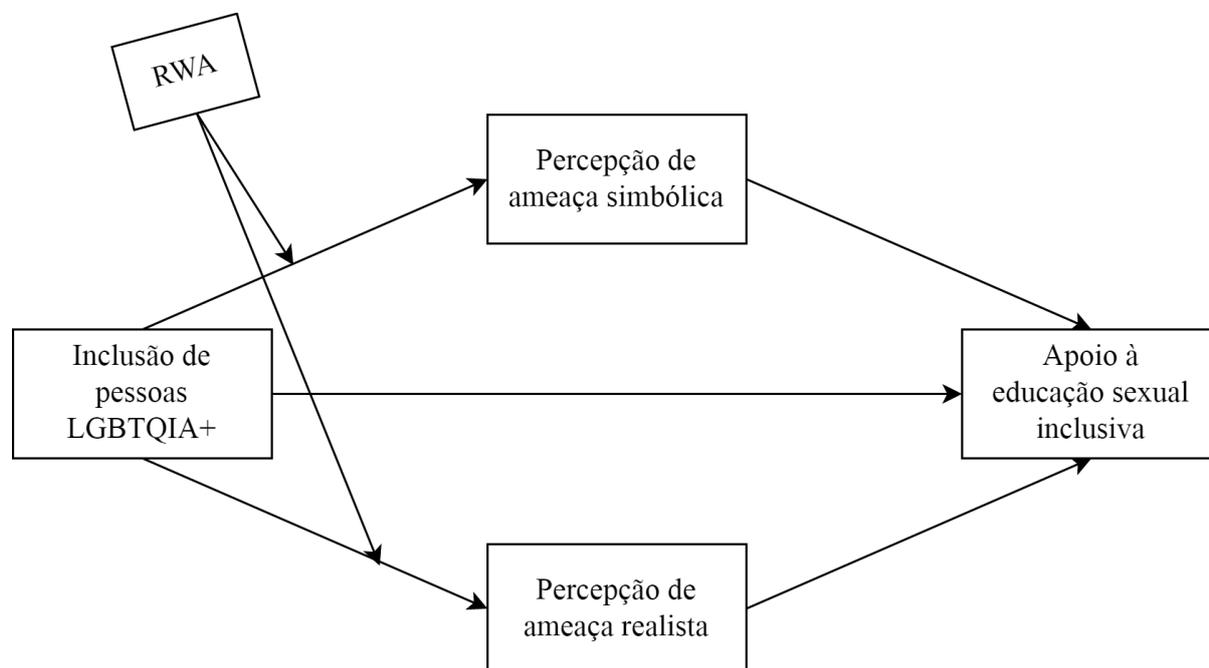
Embora pessoas na condição de inclusão tenham relatado perceber maior inclusão de pessoas homossexuais no Brasil nos últimos tempos ( $M = 3,8$ ,  $DP = 0,63$ ) do que as pessoas na condição de controle ( $M = 3,71$ ,  $DP = 0,7$ ), essa diferença não foi estatisticamente significativa,  $t(70) = 0,602$ ,  $p = 0,549$ ;  $d = 0,142$ .

## Apêndice G

### Modelos de Mediação Moderada Testados no Estudo 2

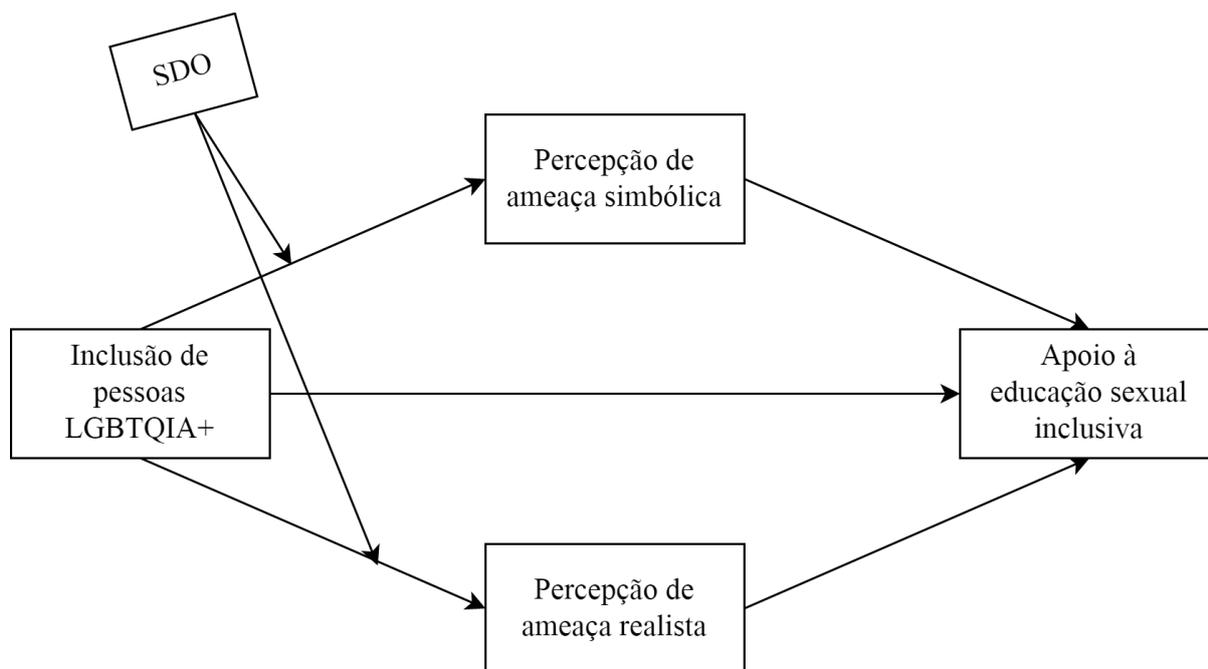
**Figura G1**

*Modelo com RWA como moderador do efeito da VI nas mediadoras*



**Figura G2**

*Modelo com SDO como moderadora do efeito da VI nas mediadoras*



**Figura G3**

*Modelo com RWA e SDO como moderadores do efeito da VI nas mediadoras*

